



CULTURA MATERIAL AFRICANA

PRIMEIRO CATÁLOGO DO ACERVO DE ARTE AFRICANA DO MUSEU DA ABOLIÇÃO



CULTURA MATERIAL AFRICANA
PRIMEIRO CATÁLOGO DO ACERVO DE ARTE AFRICANA DO MUSEU DA ABOLIÇÃO

Isabelle de Oliveira Ferreira

Sandir Barros Costa

Wellington Ricardo da Silva

[Org.]

CULTURA MATERIAL AFRICANA

PRIMEIRO CATÁLOGO DO ACERVO DE ARTE AFRICANA DO MUSEU DA ABOLIÇÃO

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho

Editora UFPE

Diretor: Junot Cornélio Matos

Vice-Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Editor: Artur Almeida de Ataíde

Conselho Editorial (Coned)

Alex Sandro Gomes

Carlos Newton Júnior

Eleta de Carvalho Freire

Margarida de Castro Antunes

Marília de Azambuja Machel

Editoração

Revisão de Texto: Isabelle de Oliveira Ferreira e Wellington

Ricardo da Silva

Projeto Gráfico: Sandir Barros Costa

Imagens: Jefferson Henrique da Silva, Luana de Oliveira

Vasconcelos, Sales Pas Mesmo, Suênia Vieira Damásio,

Thuanye Maria Duarte Rocha e Sandir Barros Costa

Catálogo na fonte

Bibliotecária Kalina Lúcia França da Silva, CRB4-1408

C968 Cultura material africana [recurso eletrônico] : primeiro catálogo do Acervo de Arte Africana do Museu da Abolição / organizadores : Isabelle de Oliveira Ferreira, Sandir Barros Costa, Wellington Ricardo da Silva. – Recife : Ed. UFPE, 2022.

Inclui glossário.

ISBN 978-65-5962-072-2 (online)

1. Museu da Abolição – Catálogos. 2. Museu da Abolição – Coleções etnológicas. 3. Arte africana – Brasil – Catálogos. 4. Museus e coleções etnológicas – Brasil – Catálogos. 5. Cultura material – África – Catálogos. I. Ferreira, Isabelle de Oliveira (Org.). II. Costa, Sandir Barros (Org.). III. Silva, Wellington Ricardo da (Org.).

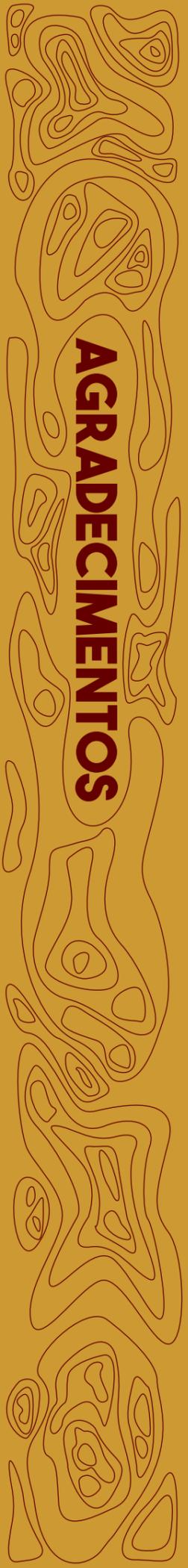
709.6

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2022-001)

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.





AGRADECIMENTOS

Criar rupturas em velhos métodos da visualidade demanda uma busca a partir de outros horizontes epistemológicos, assim como um esforço dinâmico e coletivo. Este catálogo apenas tornou-se possível graças a uma rede de colaboração e de reciprocidade, responsável por construir um lugar de afeto, aprendizagem e de muita esperança.

Primordialmente, devemos agradecer às nossas ancestralidades, que seguem nos guiando e nos auxiliando para tornar o *Cultura material africana: primeiro catálogo do Acervo de Arte Africana do Museu da Abolição* um presente possível. Gostaríamos de externar nossa imensa gratidão ao Museu da Abolição (MAB), por abrir as portas de sua reserva técnica e possibilitar que jovens negres pudessem contribuir nesse processo de difusão do Acervo de Arte Africana; uma instituição estimada e que vem determinando um papel fundamental no cenário nacional de políticas museais antirracistas.

Gostaríamos de deixar registrado nosso agradecimento a toda a equipe do MAB, dos seguranças à gestão, por nos oferecer todo o apoio necessário, e, em especial, à museó-

loga da instituição, Daiane Carvalho, por todo o atendimento e direcionamento com o acervo em questão; e a Renata Martins, graduanda em museologia e estagiária do MAB, que nos auxiliou com os dados do acervo e com o manuseio das peças.

Agradecemos memoravelmente a Jefferson Henrique da Silva, Luana de Oliveira Vasconcelos, Thuanye Maria Duarte Rocha, Sales Mesmo e Suênia Vieira Damásio, nossas(os) bolsistas e fotógrafas(os) pesquisadoras(es). Vocês foram o brilho dessa inventiva caminhada e serão para sempre lembradas e lembrados por entregarem muito empenho nessa construção. Pessoas que acreditaram, desde o início, no potencial de transformação do projeto.

Gratidão a todas/os as/os inscritas/os que demonstraram interesse em participar do projeto como bolsistas e que não foram selecionadas/os. Foram 51 pessoas inscritas, que merecem o nosso agradecimento. Desejamos sucesso na trajetória de vocês, e que possamos nos encontrar em breve. Por fim, e necessariamente, toda reverência a nós mesmos: Isabelle Ferreira, Sandir Costa e Wellington Silva,

jovens negres – responsáveis por esse projeto – que lutamos diariamente para subverter as estatísticas e possibilitar que a emancipação seja coletiva.

Toda semente tem a possibilidade de tornar-se uma árvore frutífera; então, a partir dessa lógica e desse projeto foi que nasceu o Mandume Coletivo Cultural (@mandumecultural), um coletivo que (re)pensa o lugar da população afro-pernambucana na produção cultural de Pernambuco e que parte do sentimento de autonomia e da sabedoria da população negra. Agradecemos também a você por interessar-se por este material, e esperamos que a partir dele possam nascer outras iniciativas de valorização da identidade negro-africana. Tudo é sobre continuidade.

Adupé!

Isabelle de Oliveira Ferreira
Sandir Barros Costa
Wellington Ricardo da Silva

Organizadores



SUMÁRIO

- 6** Apresentação
- 7** Introdução
- 9** Ebó de retorno
- Países
- 10** Camarões
- 12** Costa do Marfim
- 46** Gabão
- 53** Gana
- 57** Guiné
- 79** Guiné-Bissau
- 81** Libéria
- 91** Mália
- 105** Nigéria
- 111** República Democrática do Congo
- 116** Serra Leoa
- 122** Zimbábue
- 125** Sobre os organizadores
- 126** Relato de experiência dos participantes
- 131** Glossário de materiais
- 138** Países presentes no catálogo

Devemos iniciar esta apresentação comunicando: o catálogo aqui apresentado cumpre com veemência e maestria os meios e fins a que se propõe uma instituição museológica. Dizemos isso porque a pesquisa e sua comunicação (pelos mais diversos meios) fazem de uma instituição museológica elemento vivo, pulsante, transformador. Assim, o catálogo *Cultura material africana*, idealizado por Isabelle Ferreira e Wellington Silva e desenvolvido pelo Mandume Coletivo Cultural, apresenta o acervo de mesmo nome do Museu da Abolição (MAB), do qual nós somos Técnicas em Assuntos Culturais, Museólogas.

O MAB está localizado na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco. É um museu público federal, criado por decreto de Lei e originalmente destinado a homenagear os abolicionistas pernambucanos Joaquim Nabuco e João Alfredo. Atualmente é administrado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), autarquia que regulamenta e subsidia o campo museológico.

Mesmo com ato de criação em vigor desde 1957, o MAB só foi inaugurado oficialmente em 13 de maio de 1983, em comemoração à assinatura da Lei Áurea, com a exposição intitulada *O processo abolicionista através dos textos oficiais*, cujo enfoque privilegiou a história oficial da escravidão e da abolição. No entanto, em virtude dos percalços acumulados em sua história – com diversos fechamentos, desvalorização e até, em alguns momentos, disputas litigiosas –, o MAB precisou se reinventar e refletir sobre a temática da Abolição e sobre as expectativas da comunidade afrodescendente em relação ao Museu.

O MAB é um exemplo dessa “nova tipologia” de museu, e, mesmo por ser um museu de feição tradicional, ligado a um órgão público, conseguiu potencializar espaços de participação comunitária, ampliando suas funções sociais,

buscando legitimar-se e ratificar a comunidade local e nacional enquanto protagonista de uma discussão pertinente na contemporaneidade, a discussão que permeia as temáticas afrodescendentes. Esse processo moldou as atividades do MAB, suas ações e suas perspectivas de aquisição de acervo.

Sobre o acervo da instituição é necessário dizer que ele foi beneficiário direto e primeiro da Lei nº 12.840, de 9 de julho de 2013, que define sobre a destinação de bens culturais apreendidos pela Receita Federal a museus brasileiros. Por meio de doação, o MAB recebeu a escultura *Samburu Dance I*, da artista plástica holandesa Marianne Houtkamp, através de Acordo de Cooperação estabelecido entre o Ibram e a Receita Federal do Brasil, ainda em 2012, sendo essa ação anterior e propulsora da referida Lei. Quando fomos noticiados de que havia na alfândega peças pertencentes às culturas materiais africanas (que inicialmente pensávamos ser apenas duas peças), o interesse do MAB foi imediato, pensando no futuro da instituição que em breve passaria por grande reforma (que agora acontece) e seria contemplada, também, com uma nova exposição. Ao sermos informados de que se tratava de uma coleção inteira, rica e heterogênea, o interesse e a dedicação para que esse acervo fosse doado ao Museu tomaram conta da equipe técnica da instituição. Diante de uma tradição de doações já realizadas via Receita Federal, e da potência representativa dessa coleção no único museu do Ibram que trata da temática africana e afro-brasileira, o Acervo de Cultura Material Africana não poderia ter encontrado melhor casa.

Após a chegada do acervo, o primeiro passo foi a garantia da conservação do mesmo, para que todos os outros processos museológicos fossem possíveis. Iniciamos uma identificação primária, além de higienização, descupiniza-

ção e processos básicos de restauro, orientados por profissional da área, gentilmente cedido pelo Museu Histórico Nacional. Uma primeira listagem das peças foi feita, com a colaboração do responsável pela coleção de arte africana do Museu Nacional de Belas Artes. A perspectiva de auxílio e suporte de outras instituições museológicas foi essencial para o recebimento dessa coleção no MAB. Porém, em meio à chegada da coleção, as outras demandas técnicas e burocráticas não acabaram, o que tornou a possibilidade da pesquisa, para o corpo técnico do museu, se não inviável, ao menos muito distante. E aqui devemos destacar o caráter essencial da pesquisa que deu origem a este catálogo, iniciada quando os responsáveis por ela ainda eram estudantes de museologia e história.

A nossa grata surpresa fica por conta da dedicação e da leitura de possibilidades desenvolvida por Isabelle e Wellington, que entraram no MAB como estagiários da instituição, e hoje nos entregam, como profissionais de suas áreas, um material realizado com extrema maestria e competência, fruto das pesquisas e desafios que o MAB propôs a eles. Para nós, técnicas de instituições museológicas, este catálogo é mais do que o resultado de um trabalho de seriedade e profissionalismo. Demonstra, de fato, o que um museu é e tem que ser: um organismo vivo, que impacta diretamente em vidas, traz e multiplica o conhecimento e é capaz de plantar outras sementes de possibilidades.

Daisy Conceição Santos
Daiane Silva Carvalho

Museólogas do Museu
da Abolição (MAB/Ibram)

SÓ QUANDO UMA ÁRVORE CAI ALCANÇAMOS TODOS OS SEUS GALHOS

Provérbio africano

Com o passar do tempo, costumou-se observar a chamada arte africana, em museus ou coleções, sob a perspectiva de diversos conceitos e paradigmas que solaparam a potencialidade do processo artístico e identitário da diversidade material africana. Algo que levou essa grande árvore, que o Ocidente enquadrou em diversos conceitos exóticos e pejorativos, a adentrar em instituições como destituída de seus poderes artísticos, étnicos, e, conseqüentemente, dos elementos que atestam a vivacidade daqueles que a produzem.

Na tentativa de asfixia do legado artístico e ritualístico étnico-africano, o Ocidente mais uma vez silenciou os rastros, criativos e culturais, de artistas, sacerdotes e indivíduos sobre todo processo que envolve a criação daquilo que comumente chamamos de arte africana. Acreditamos que esse grande hiato e outras lacunas de entendimento ante o fazer dessa cultura ainda não nos possibilitaram conhecer metade desses extensos galhos, que envolvem a grande árvore da cultura material do continente.

O encontro desse sentido étnico-africano, os caminhos para novos conceitos, as imbricações dessas novas percepções no projeto de exposições que ressignifiquem os acervos, e sua proximidade com a diáspora africana são buscas importantes para pesquisadores e instituições que visam à construção de noções e práticas decoloniais. E foi diante dessas inquietações que o primeiro catálogo do Acervo de Arte Africana do Museu da Abolição (MAB), localizado em Recife/PE e ligado ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), tornou-se possível – *Cultura material africana: primeiro catálogo do Acervo de Arte Africana do Museu da Abolição*.

MESMO O LEITO SECO DE UM RIO AINDA GUARDA O SEU NOME

Provérbio africano

O Acervo de Arte Africana do MAB adentrou a instituição em dezembro de 2016 e, junto a ele, diversas incógnitas foram gestadas sobre sua apreensão pela Receita Federal. Com os caminhos obscurecidos de antes, cabia agora à instituição mergulhar na vastidão desse imenso rio de esculturas, máscaras e objetos diversos, para tentar traçar possíveis narrativas. Apesar de todo o processo de chegada desse acervo ao Brasil trazer momentos de seca desses vastos afluentes artísticos e étnicos, esse acervo guarda aspectos marcantes de países e grupos étnicos de África, assim como formas de criar, cultuar e perceber o universo. E foi a partir do conhecimento salvaguardado por tantos museus, coleções particulares e, principalmente, por intelectuais preocupados com uma nova transcrição das narrativas sobre esse patrimônio que chegamos até o presente instrumento, que facilitará uma maior difusão desse acervo.

Este catálogo, que surge da inquietação de dois jovens negros das periferias pernambucanas (Isabelle Ferreira e Wellington Silva), carrega um importante processo criativo e reflexivo diaspórico, processo esse que questiona as narrativas e formas de como conteúdos artísticos e culturais africanos ainda são expostos, roubados e dilapidados do continente aos mesmos moldes de antes. Questionamos também o desaparecimento das narrativas históricas e culturais dessas peças que chegam ao Brasil, muitas vezes destituídas e destruídas, e a importância que a esfera institucional atribui a esses acervos, que, na maioria das vezes, necessitam da colaboração de agentes da sociedade civil, para o escoamento desse conteúdo.

Da efervescência das perguntas e questionamentos emergem os possíveis caminhos para tentar construir um olhar descolonizado, e foi através do nome que partimos para um aprofundamento sobre a construção deste catálogo.

O nome carrega a potencialidade do ser para muitas sociedades do continente africano, assim como também é considerado energia quando proferido.

Dessa forma, optamos por nomear o conjunto dessas peças como Cultura Material Africana. Termo esse que Samuel Sidibé, diretor do Museu Nacional do Mali, reivindica como potencializador de um conjunto de produções que são testemunhos de saberes e conhecimentos técnicos em sociedades ora atravessadas pelo violento processo colonizador, ora presentes através da cultura imaterial que as mantém vivas.

QUANDO NÃO SOUBER PARA ONDE IR, OLHE PARA TRÁS E SAIBA PELO MENOS DE ONDE VOCÊ VEM

Provérbio africano

Da afirmação do nome à feitura do projeto, cerca de dois anos se desenharam, e, com eles, um processo pandêmico que não esperávamos. Mais do que construir um material que trouxesse todos os questionamentos e caminhos até aqui traçados, a energia desse projeto nos convidava a criar mais. O projeto contou com a participação de mais cinco jovens negres, das periferias da região metropolitana do Recife, para a construção do conteúdo fotográfico presente no catálogo, assim como ofertamos formações direcionadas sobre África e diáspora, sobre o Acervo de Arte Africana do Museu da Abolição, sobre fotografia e produção cultural. Com ações presenciais que respeitaram todos os protocolos de segurança.

E, a partir dessa iniciativa, com a anuência do MAB, conseguimos que tais jovens pudessem ter uma aproximação com o conteúdo da cultura material de diversos grupos

étnicos africanos. Foi notório, durante todo o processo formativo e fotográfico, o quão importante foi essa aproximação, desses jovens, para o fortalecimento dessas identidades afro-diaspóricas e para a construção de novos horizontes possíveis. A cada detalhe escolhido para virar memória a partir do processo e da fotografia, estava presente a visualidade dos corpos desses jovens negres frente à corporeidade das peças que compõem o acervo em questão. As conexões se faziam presentes, o tempo todo, e todos nós sabíamos que éramos parte daquilo no presente, e também numa memória ancestral que pairava a cada olhar atento e sensação.

Dessa criação, elaborada pelas mãos de jovens negres, aflora uma nova forma de observar os acervos de Cultura Material Africana. Esse conteúdo carrega o fio condutor de movimentos maiores que possuem diversas formas, como também diversas narrativas pluriversais de encontros e desencontros. É o conteúdo que está na nossa herança negra pernambucana através dos elementos do Maracatu, das nações de candomblé presentes no estado, do coco de roda e dos afoxés, entre outras expressões culturais.

Esse conteúdo, com raiz na ancestralidade, é também o que impulsiona novas formas de olhar, novas formas de perceber o tempo, nos levando a ressignificar as narrativas impostas e apontar para aproximações potentes das heranças africanas em nosso território. Esse movimento, que representa o próprio Exu, como orixá condutor do tempo e dos caminhos. A ele, e a todos os ancestrais, oferecemos este trabalho.

Axé!

Isabelle de Oliveira Ferreira

VISUALIDADES OUTRAS QUE, A PARTIR DOS CAMINHOS AFRORREFERENCIADOS, NOS TRANSPORTAM PARA O QUE SOMOS E HUMANIZAM NOSSAS EXISTÊNCIAS

Na construção visual podemos experimentar diversos processos de cunho pedagógico-reflexivo, algo que alimenta nossos imaginários e possibilita experiências psicossociais instigantes. Nossa memória carrega traços importantes da nossa vida e nos faz recordar dos caminhos que trilhamos até o inesperado – ou esperado – presente. Instituir novas formas de visualidade é um grande desafio e uma grande responsabilidade, pois toda narrativa, seja ela imagética ou não, carrega traços de feitura de seu autor ou autora. Acreditar que a lógica social pode ser modificada a partir dessas narrativas também torna-se um ato ambicioso, por todo discurso ser repleto de posicionamentos e de recortes historiográficos muito específicos – apesar de nem sempre serem tão visíveis.

Construir o catálogo *Cultura material africana: primeiro catálogo do Acervo de Arte Africana do Museu da Abolição* nos levou a pensar inúmeras possibilidades de ruptura a partir da riqueza cultural material advinda do continente africano. A partir da iniciativa de dois jovens negres, Isabelle Ferreira e Wellington Silva, foi possível criar o que Érica Malunguinho chama de “Contra Golpe”, pois é sabido por todes que as narrativas negras, sejam elas culturais, visuais ou escritas, seguem sendo surrupiadas estrategicamente ao longo dos séculos. Essas narrativas também

podem ser encontradas na indústria cultural, lugar onde serão fetichizadas, estereotipadas e totalmente esvaziadas de reflexões.

Esses objetos, que serão apresentados a partir deste catálogo, nasceram provavelmente de mãos negras e chegaram até o Museu da Abolição, atual instituição que salvaguarda tal coleção, de forma “irregular”, considerando-se que essas obras são oriundas de experiências de outros territórios. Todavia, como essa coleção agora é parte das nossas histórias afrodiaspóricas, nos cabe tratá-la com sensibilidade, compreendendo que existem diversos tipos de tecnologia que deram forma a cada uma dessas peças. Foi a partir do olhar de Jefferson Henrique, Luana de Oliveira, Thuanye Duarte, Sales Mesmo, Suênia Damásio e do fotógrafo Sandir Costa que essa coleção de cultura material africana ganhou mais um instrumento de aproximação das suas verdadeiras raízes epistemológicas, nos oferecendo novas maneiras de pensar a verdadeira História da África e subsidiando narrativas que alimentarão pesquisas, livros e conteúdos diversos.

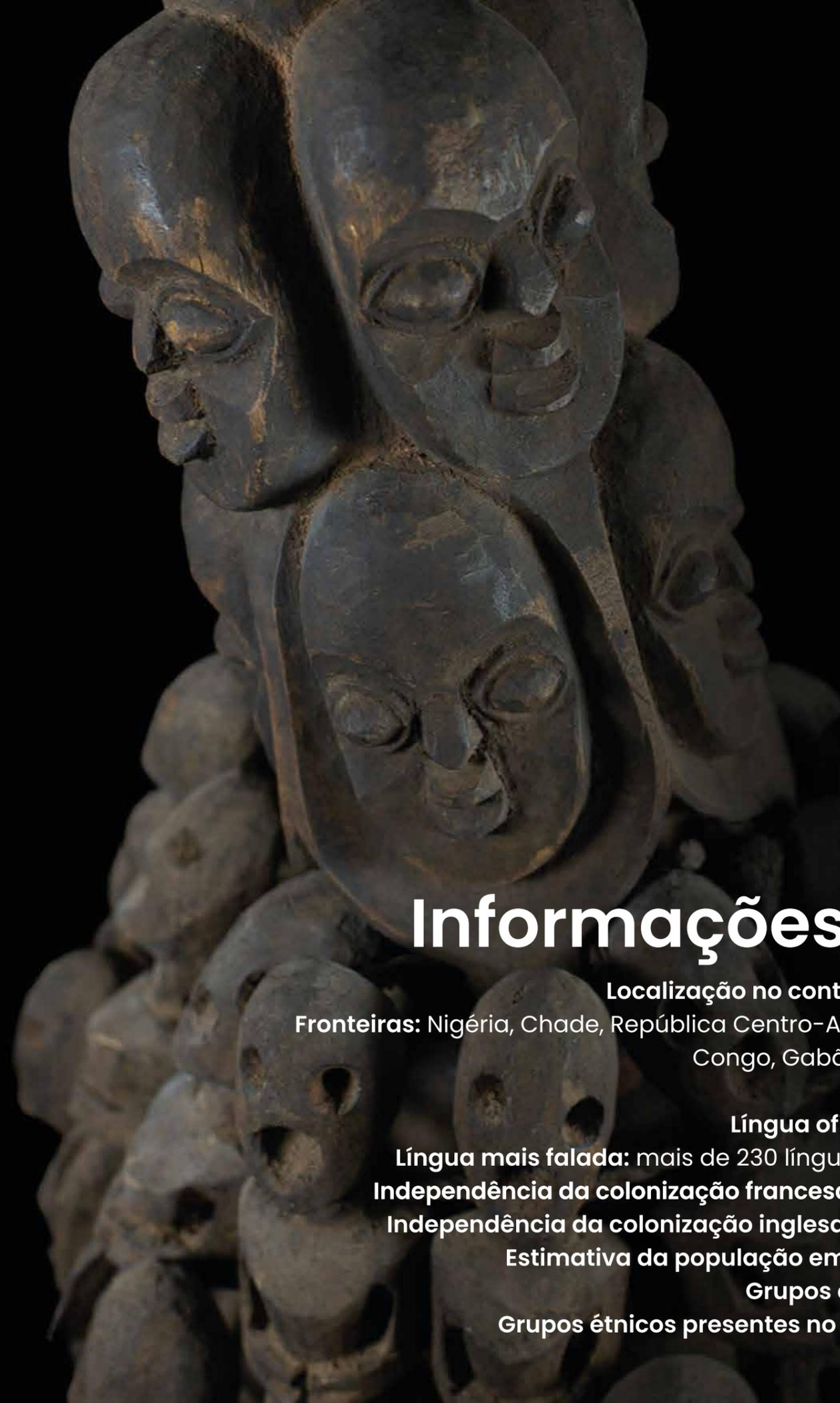
Apesar de termos um olhar bastante ocidentalizado, buscamos construir uma curadoria afrorreferenciada, optando por não seguir alguns padrões presentes em outros catálogos nessa vertente. Deixar a produção com um teor mais artístico foi o caminho que encontramos para evitar que o objeto ficasse tão denso, mas sem excluir a responsabilidade da continuidade do processo reflexivo e de aprendizagem. Neste catálogo, que é só parte do projeto Cultura Material Africana, não será possível encontrar uma transcodificação dos objetos do acervo – nem sabemos se isso é possível. Mas, como jovens negres estratégicos, possibilitamos que você faça questionamentos sobre essa África que conhecemos, e principalmente sobre considerar que tudo segue se movimentando e ganhando novas formas. São peças que retratam um recorte historiográfico

de extrema importância para pessoas negras da diáspora. Essas informações visuais e descritivas quebram toda argumentação de um continente mítico e folclórico, nos levando a refletir sobre esses lugares predeterminados pela branquitude, que desconsideram nossas capacidades culturais e epistêmicas. Essa não é apenas uma parte da África, mas, sim, uma parte da cultura material de povos sofisticados, desenvolvidos e que se preocupam com noções de sustentabilidade, inovação, desenvolvimento e ancestralidade. O que se pretende com este instrumento é restituir imaginários sobre a importância da estética africana para o mundo, considerando África o começo de tudo, e dando aos afro-pernambucanos e afro-brasileiros a possibilidade de conhecer um pouco mais desse acervo. Tudo é sobre fazer circular de forma circular!

Sejamos SANKOFA!

Wellington Ricardo da Silva

CAMARÕES



Informações Gerais

Localização no continente: África Central

Fronteiras: Nigéria, Chade, República Centro-Africana, República do Congo, Gabão e Guiné-Equatorial

Capital: Yaoundé

Língua oficial: Francês e Inglês

Língua mais falada: mais de 230 línguas locais são faladas

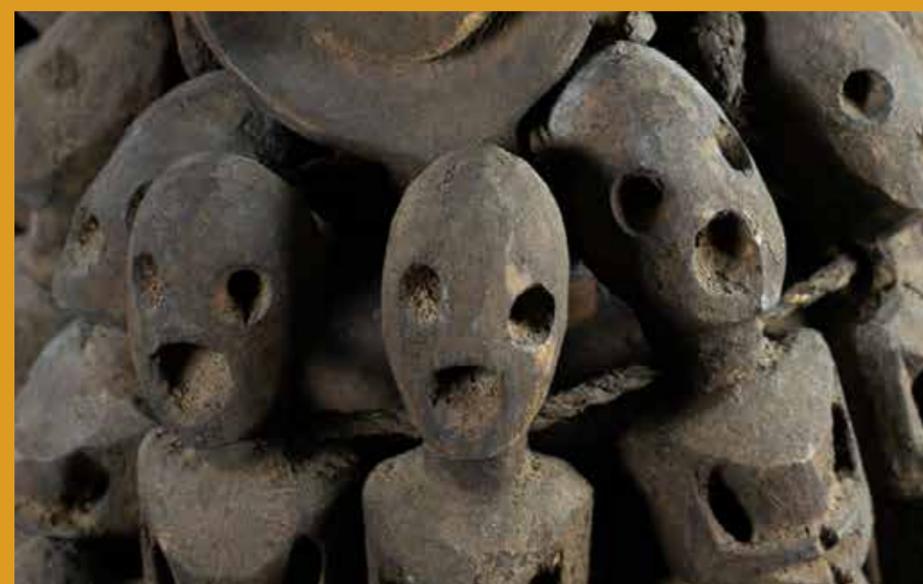
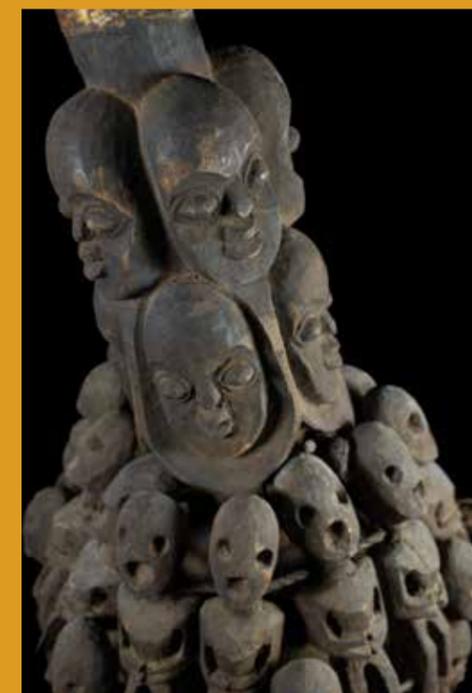
Independência da colonização francesa: 1 de janeiro de 1960

Independência da colonização inglesa: 1 de outubro de 1961

Estimativa da população em 2015: 23.739.218 hab.

Grupos étnicos: cerca de 282

Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Bamum



Cachimbo
Autoria não identificada
Etnia Bamum
85 cm x 33 cm x 30 cm

COSTA DO MARFIM



Informações Gerais

Localização no continente: África Ocidental

Fronteiras: Málí, Burkina Faso, Gana, Libéria e Guiné

Capital: Abidjã

Língua oficial: Francês

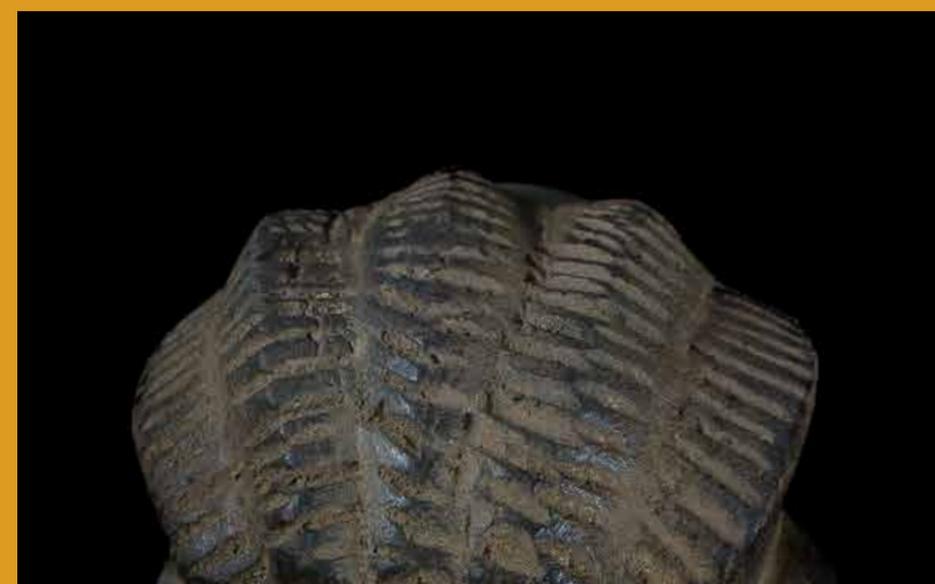
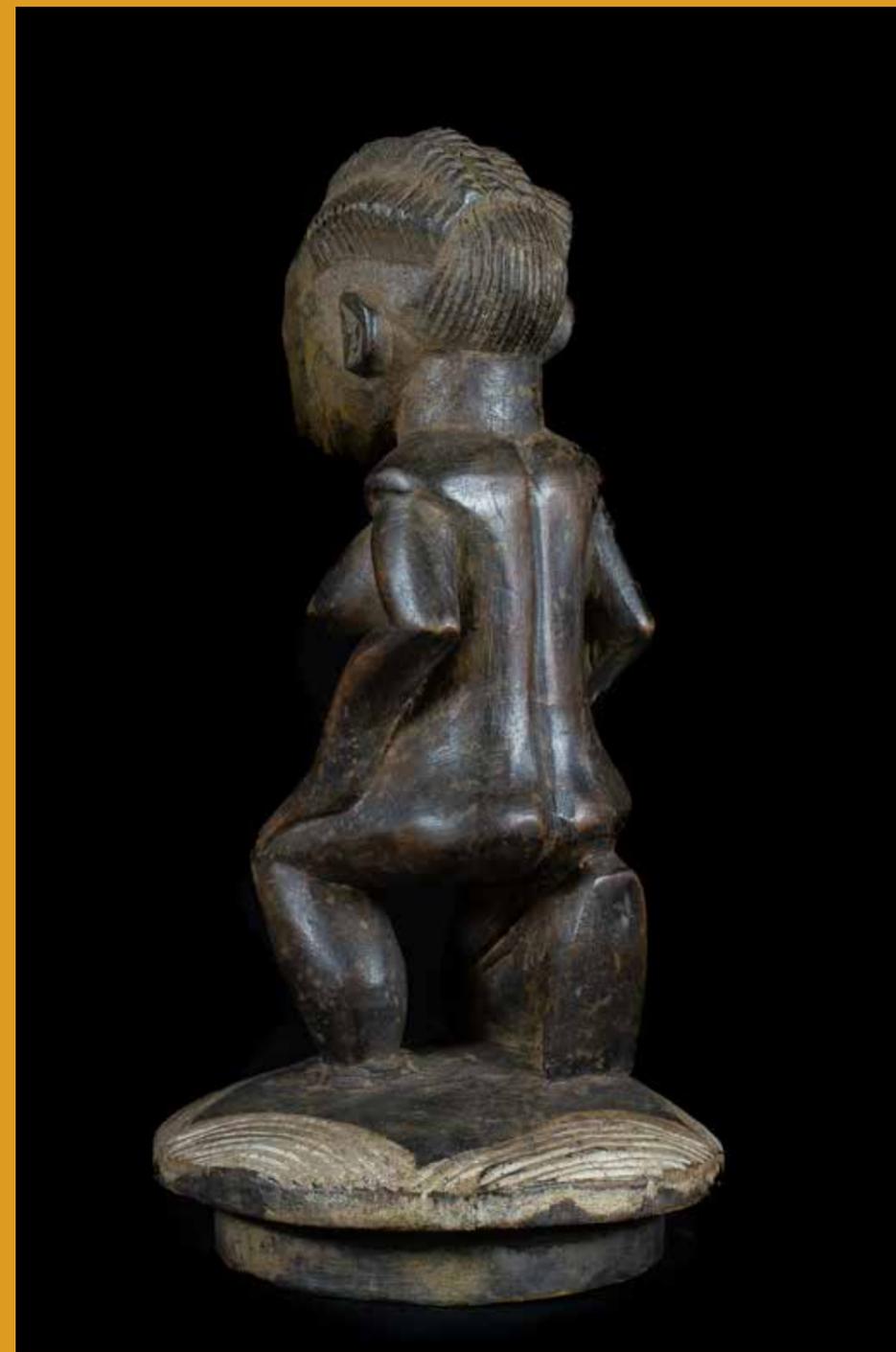
Língua mais falada: Dioula

Independência da colonização francesa: 7 de agosto de 1960

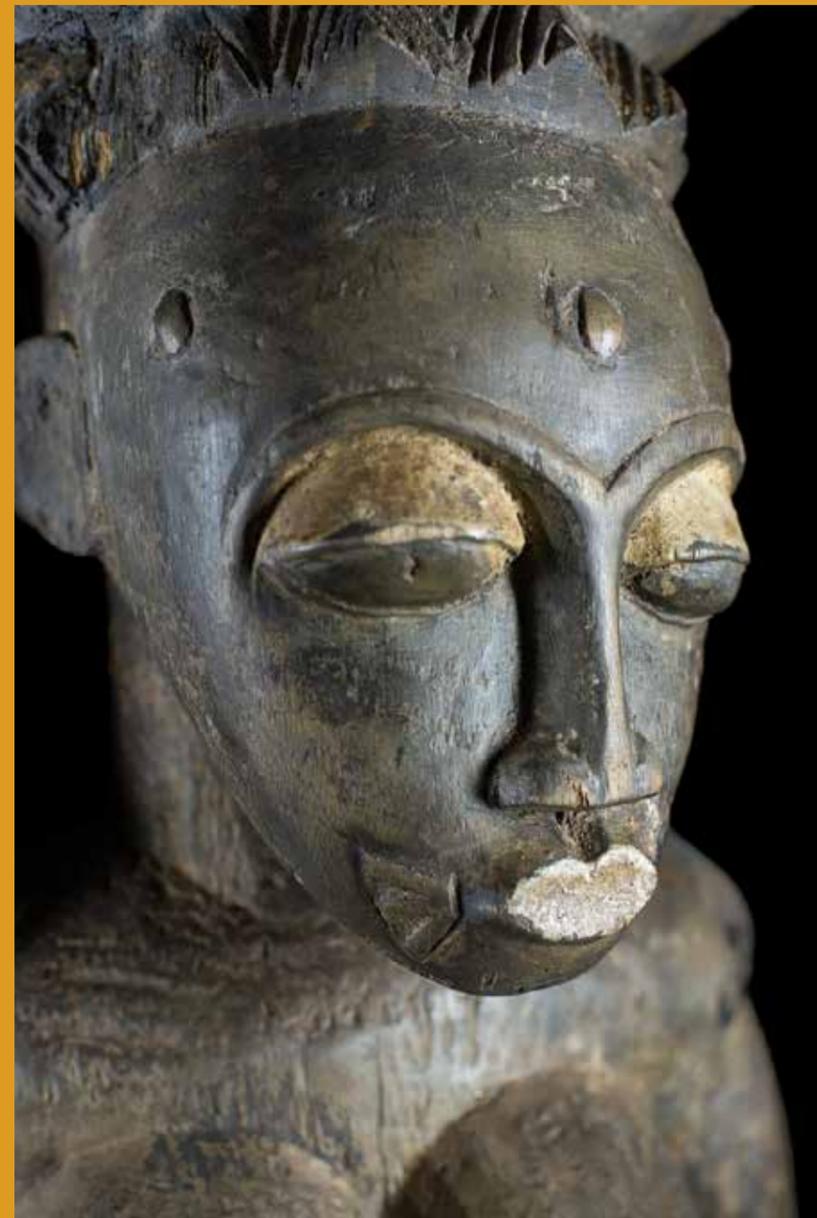
Estimativa da população em 2018: 23.740.424 hab.

Grupos étnicos: cerca de 60

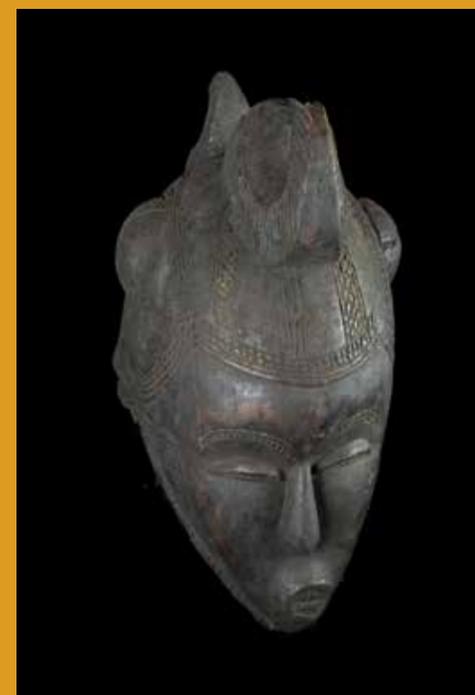
Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Baule, Senufo, Dan, Krahn, Yaure



Escultura Feminina
Autoria não identificada
Etnia Baule
27 cm x 13 cm x 54 cm



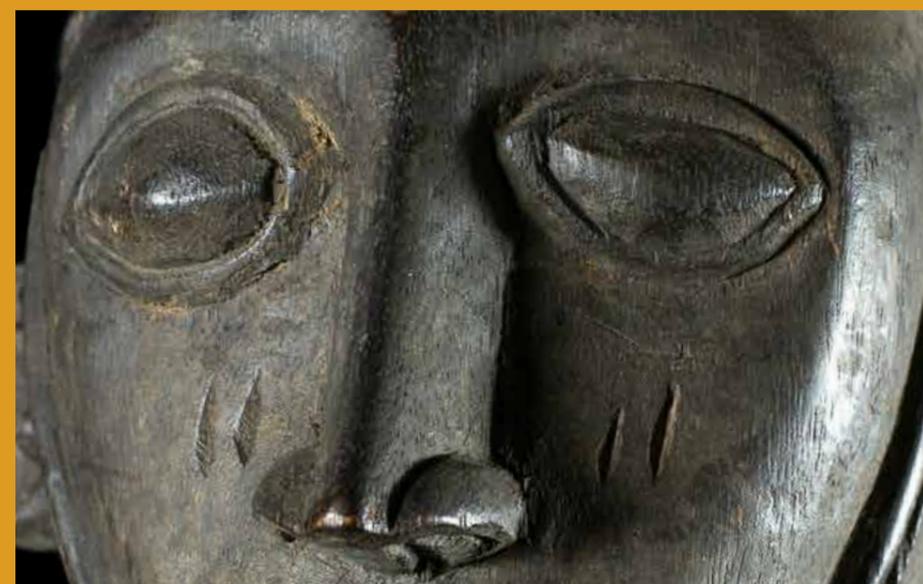
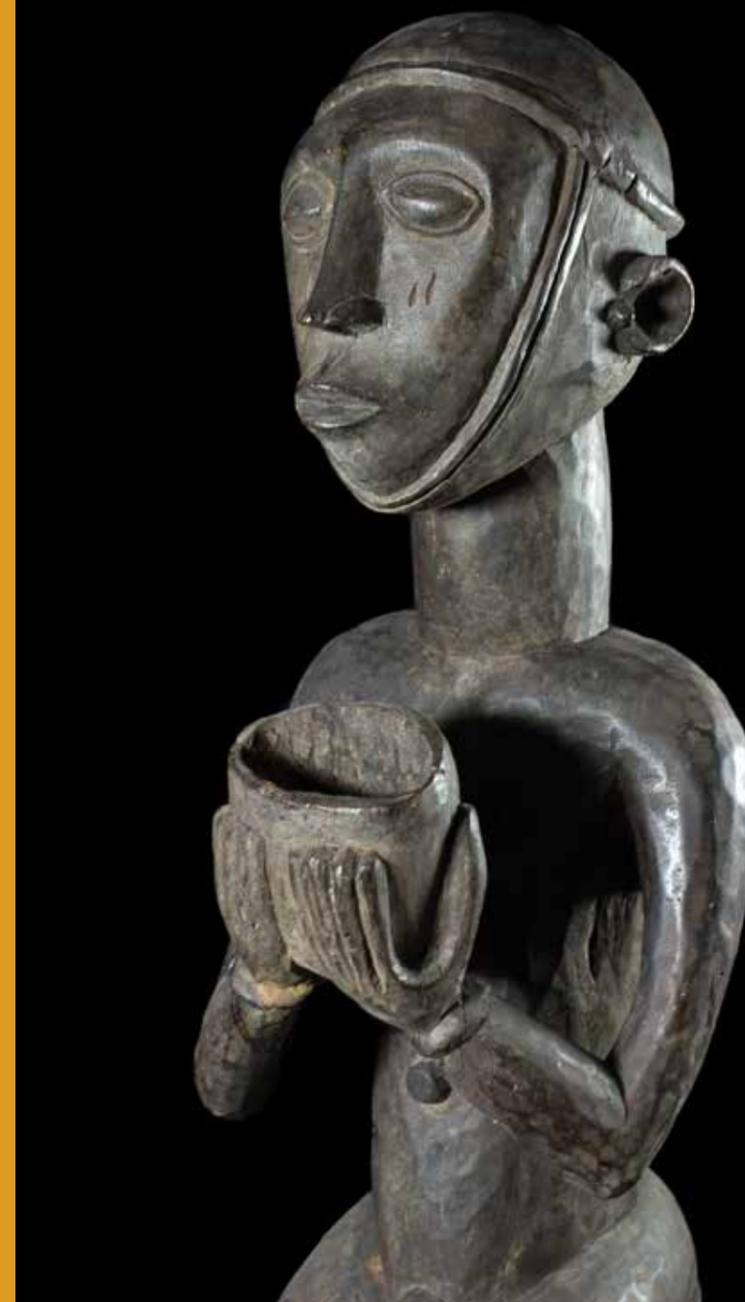
Escultura Feminina
Autoria não identificada
Etnia Baule
101 cm x 28,5 cm x 24 cm



Máscara Capacete
Autoria não identificada
Etnia Baule
34 cm x 22 cm x 35 cm



Máscara Capacete
Autoria não identificada
Etnia Baule
35,8 cm x 23 cm x 25 cm



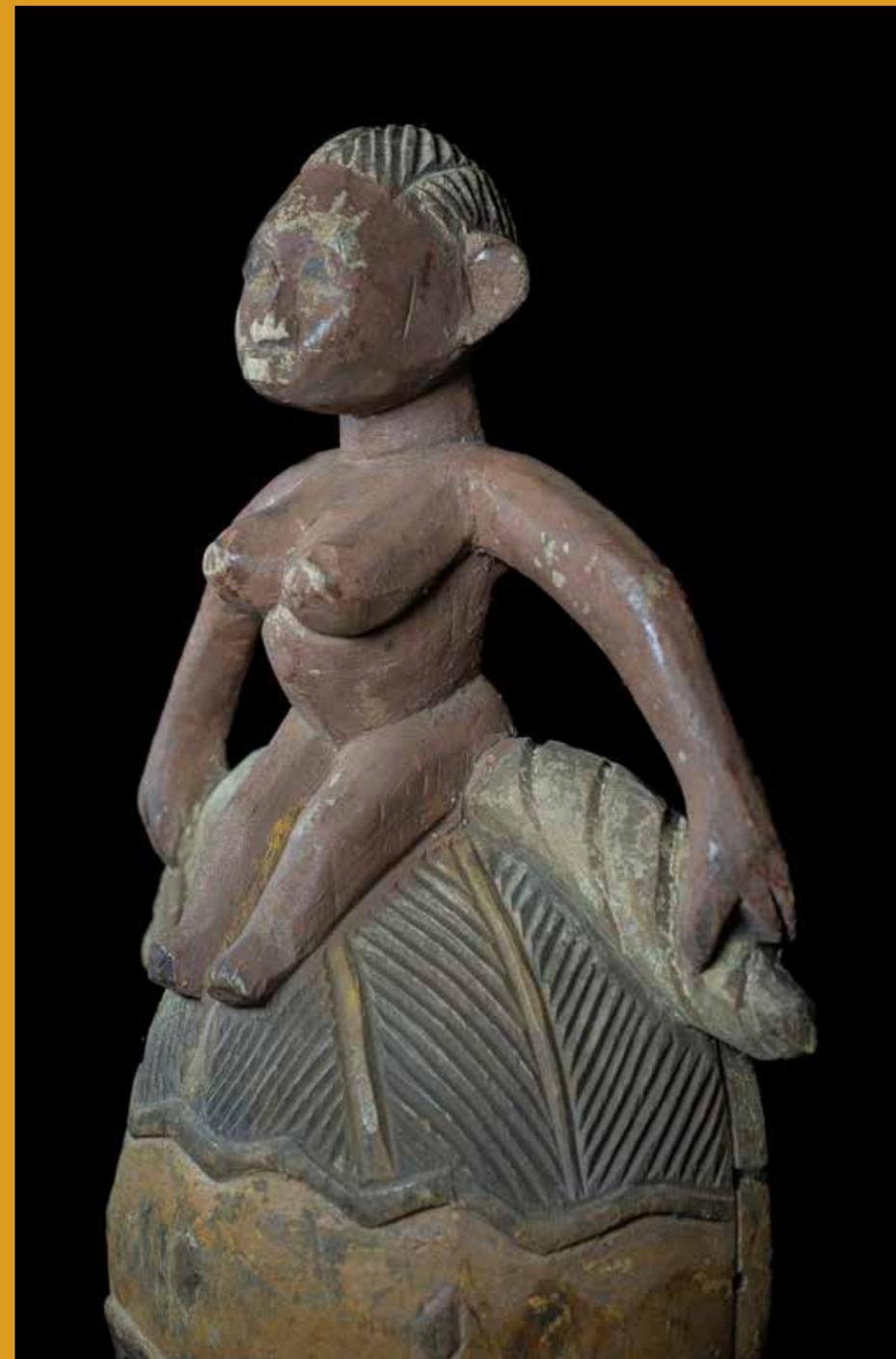
Escultura Masculina
Autoria não identificada
Etnia Baule
90 cm x 26 cm x 26 cm



Escultura Masculina
Autoria não identificada
Etnia Baule
26,8 cm x 15,8 cm x 53,2 cm



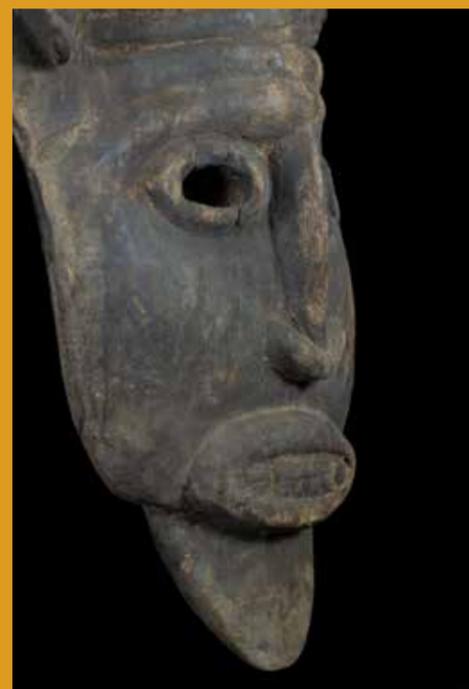
Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Baule
37 cm x 20,9 cm x 28 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Baule
55,3 cm x 26,5 cm x 14 cm



Escultura Feminina
Autoria não identificada
Etnia Baule
111 cm x 25 cm x 24 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Senufo
75 cm x 32,5 cm x 23,5 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Baule
23 cm x 72 cm x 16 cm



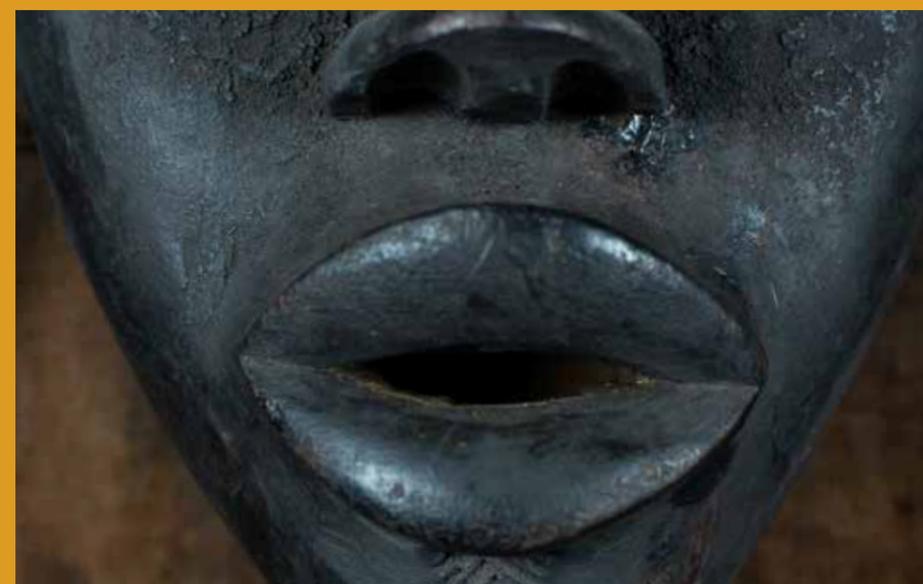
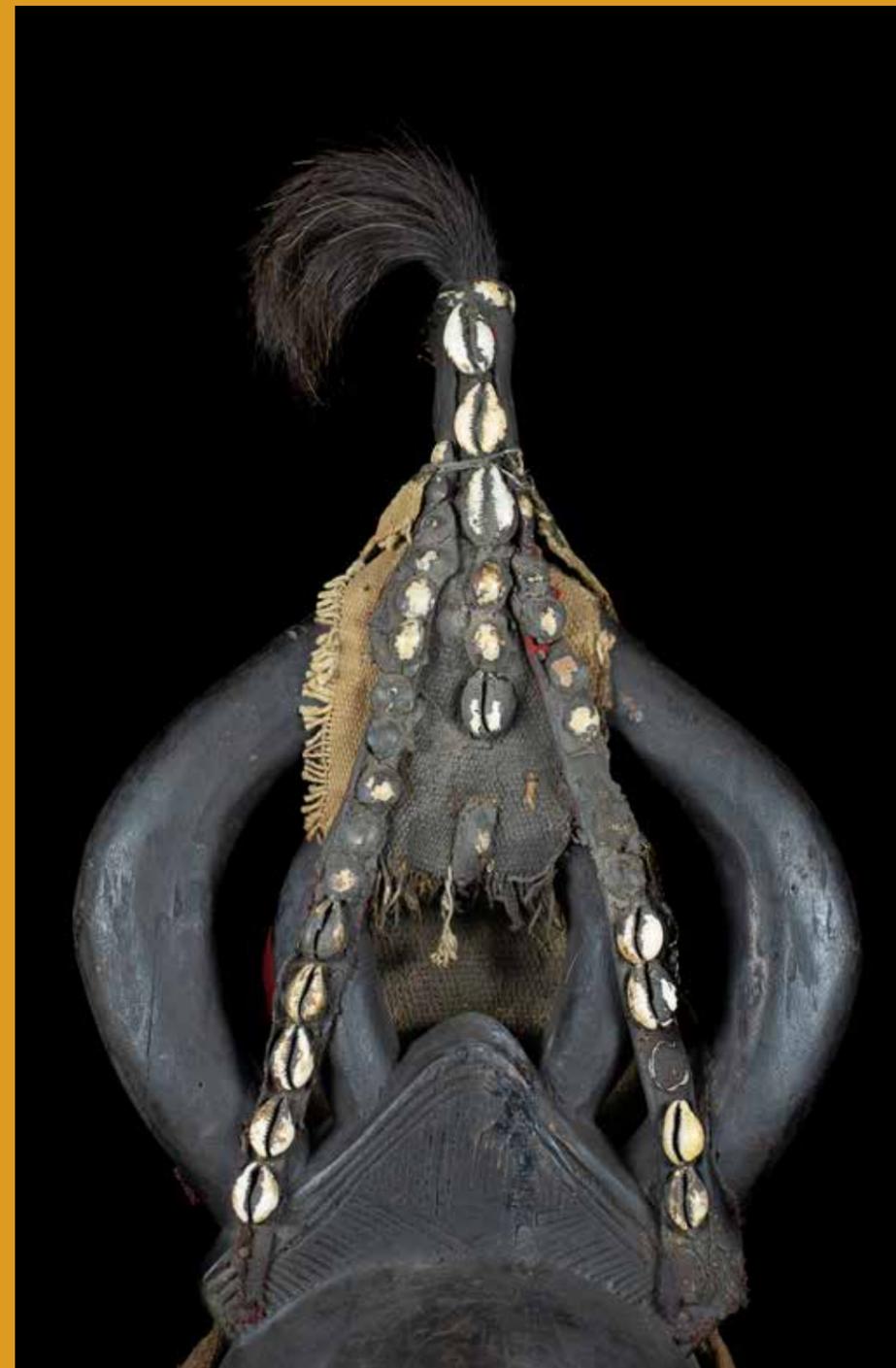
Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Dan
30,6 cm x 20 cm x 13,1 cm



Escultura Lu Me
Autoria não identificada
Etnia Dan
103,5 cm x 30 cm x 32,5 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Krahn
52,5 cm x 30 cm x 12,5 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Krahn
69 cm x 26 cm x 15,5 cm



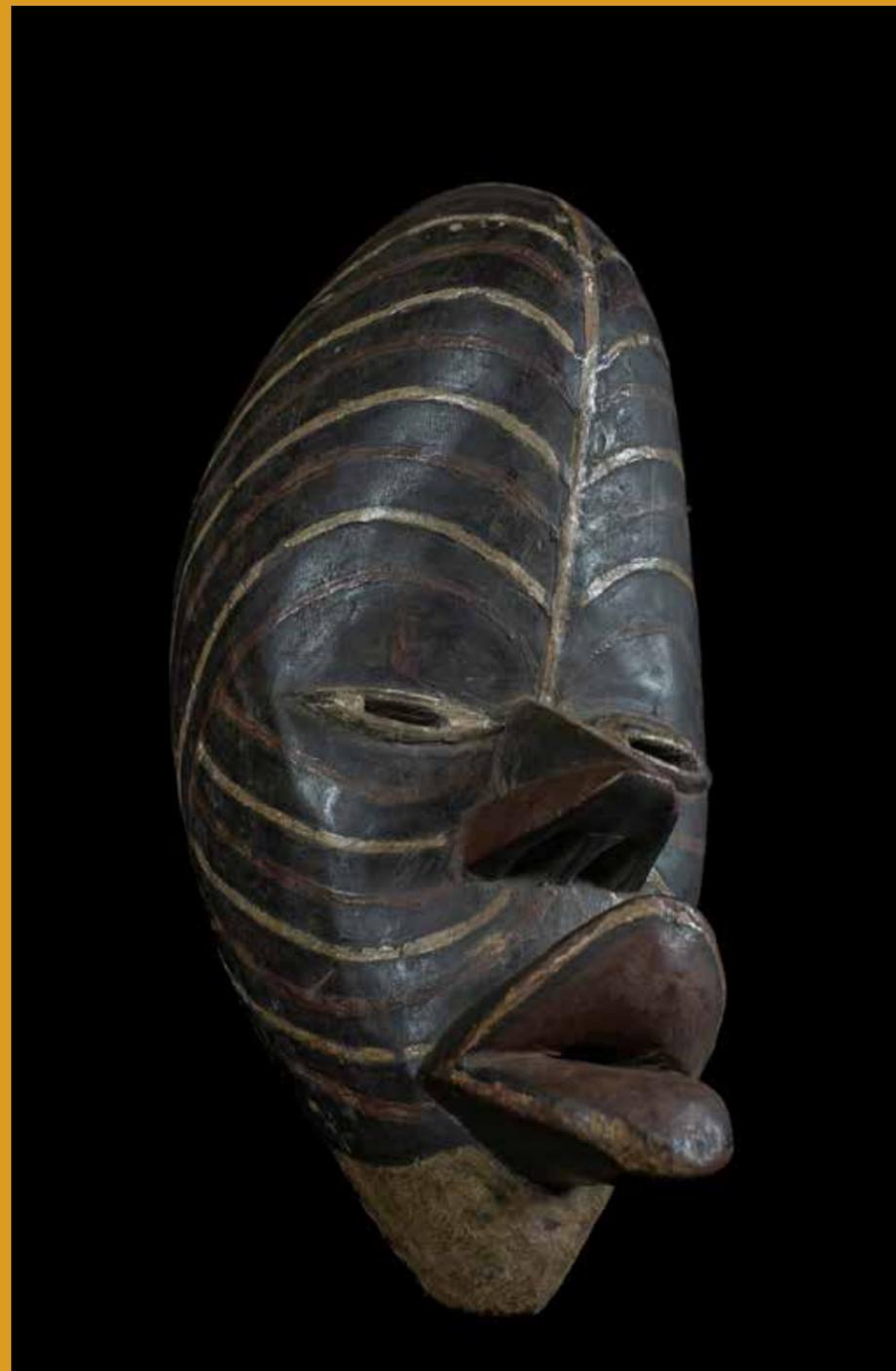
Colher Cerimonial Wakemia
Autoria não identificada
Etnia Dan
55,9 cm x 6 cm x 13,9 cm



Colher Cerimonial Wakemia
Autoria não identificada
Etnia Dan
8,5 cm x 10,5 cm x 59 cm



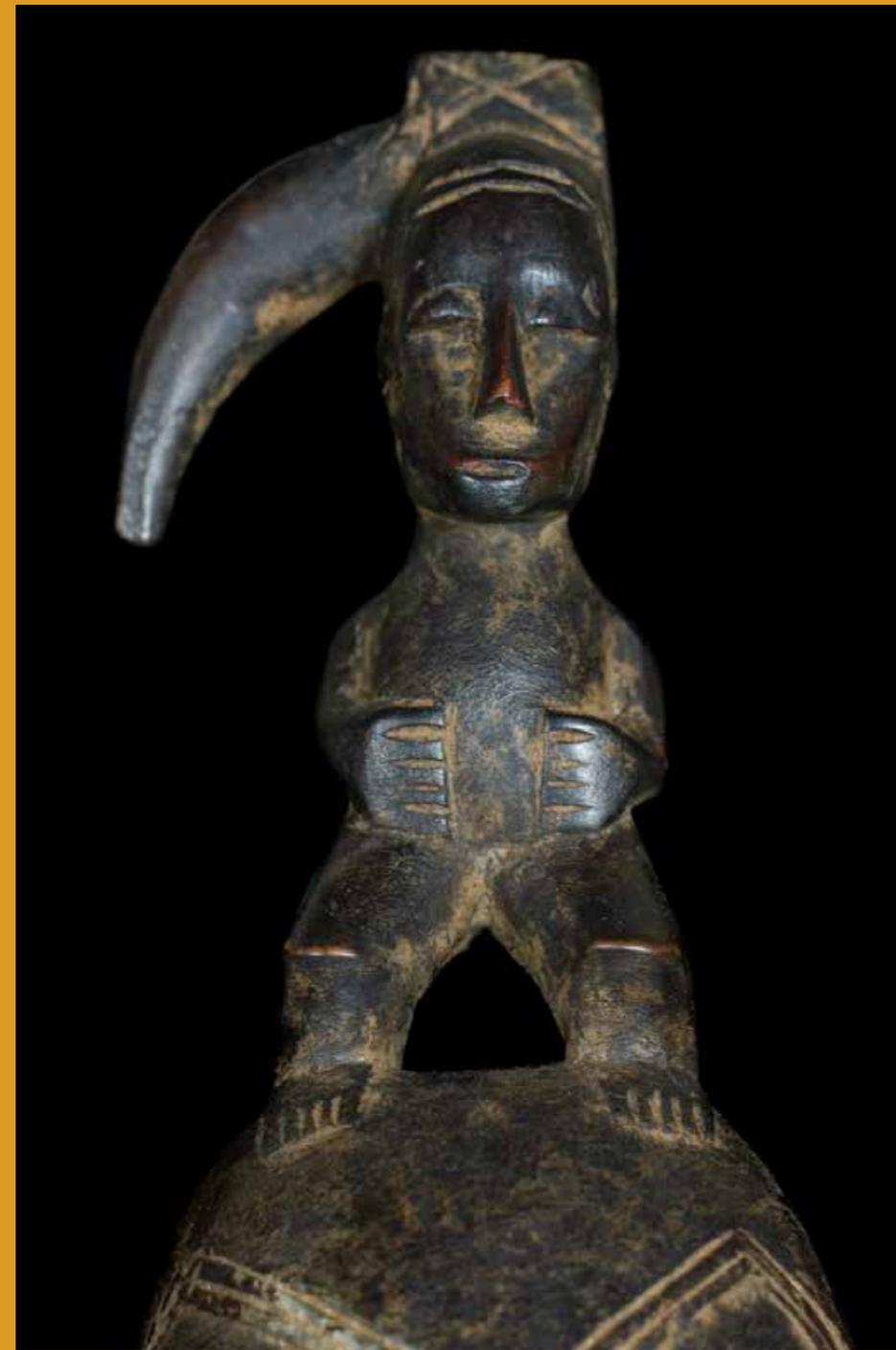
Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Dan
38 cm x 19 cm x 10 cm



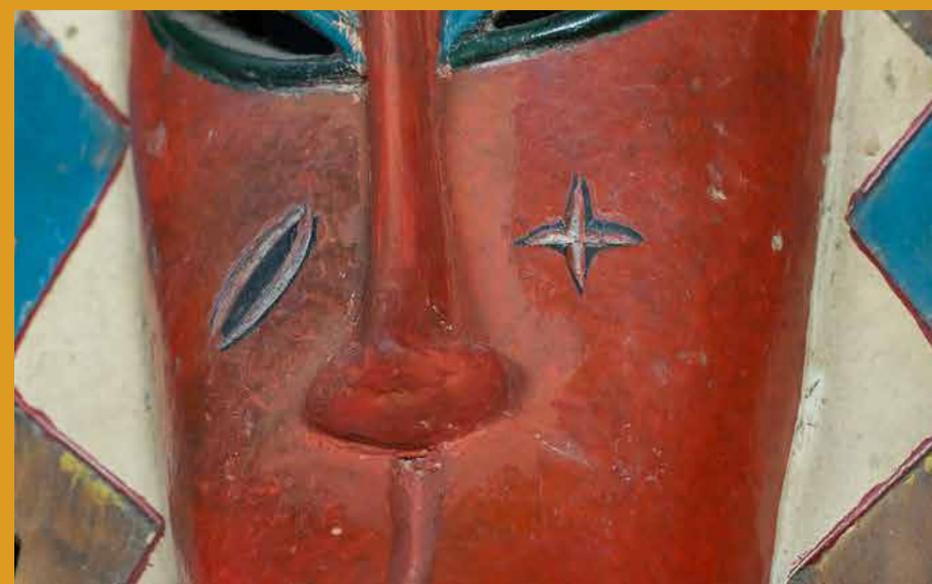
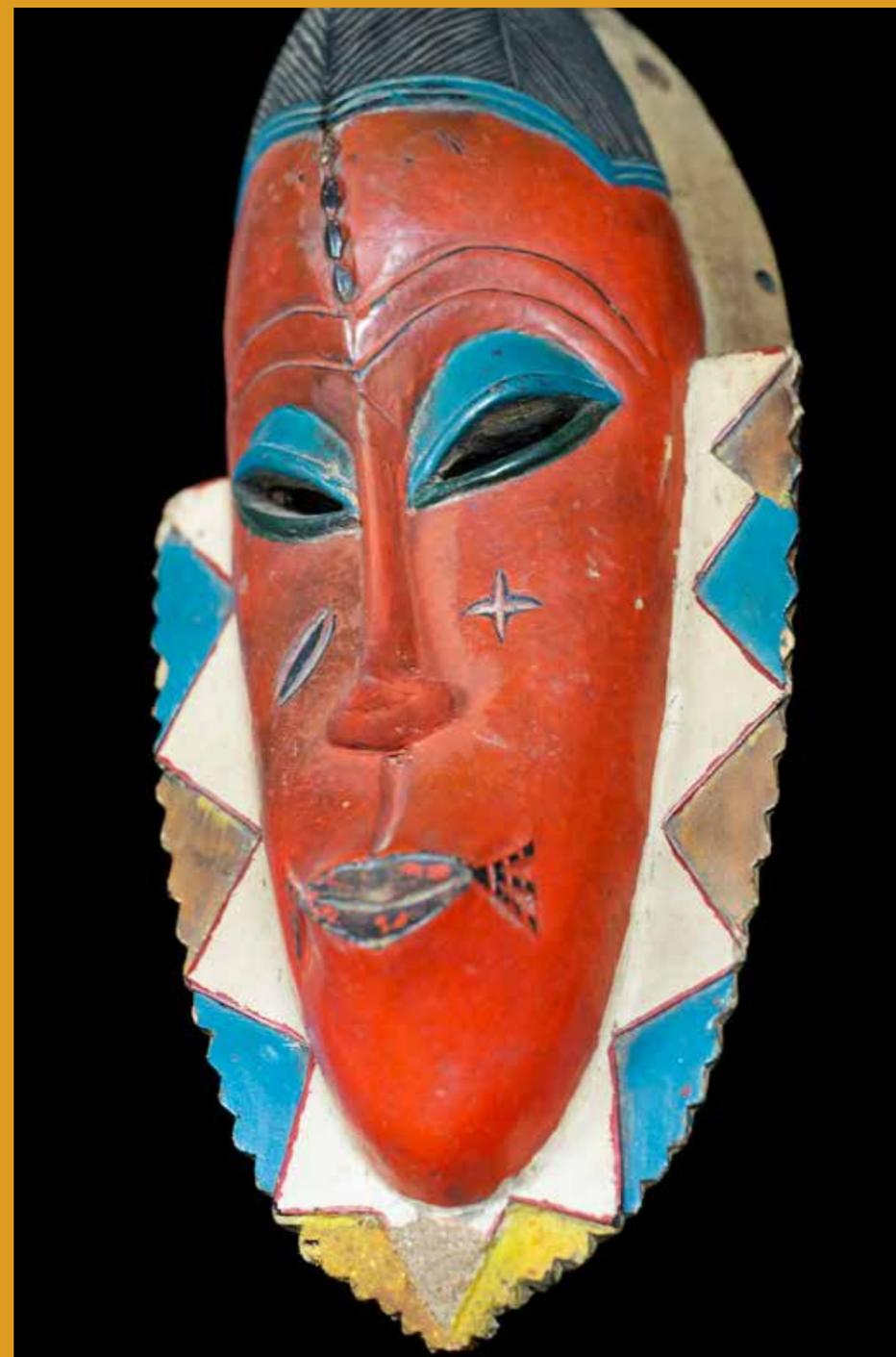
Máscara Facial Deangle
Autoria não identificada
Etnia Dan
42 cm x 20 cm x 13 cm



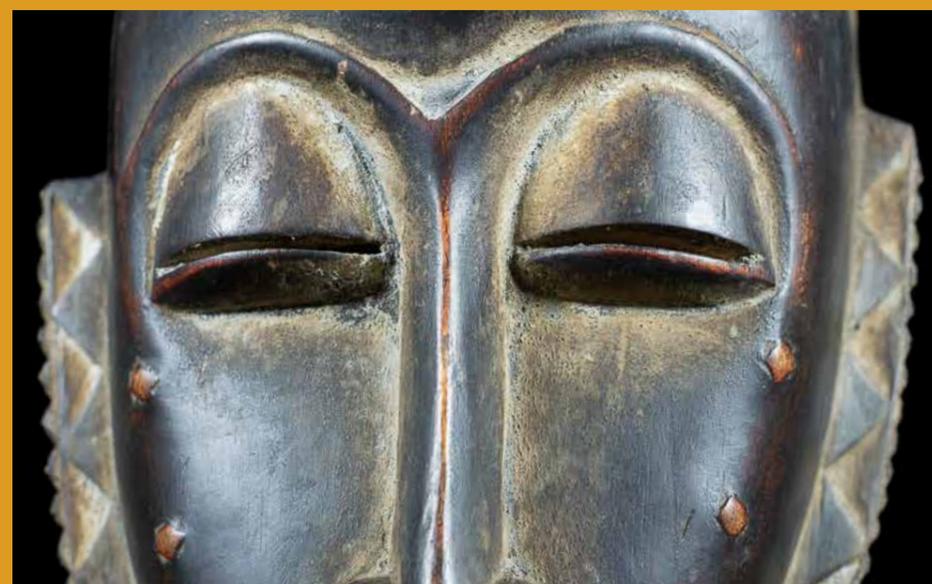
Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Krahn
35,5 cm x 18,5 cm x 14 cm



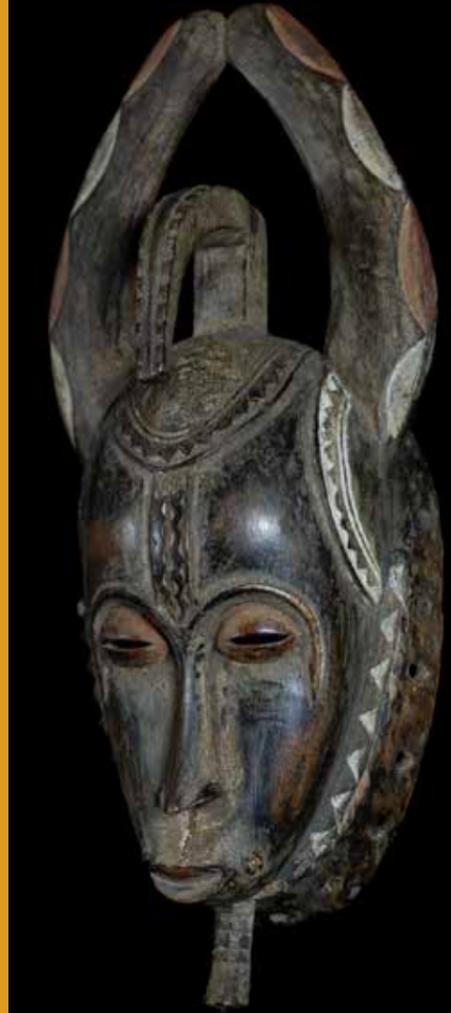
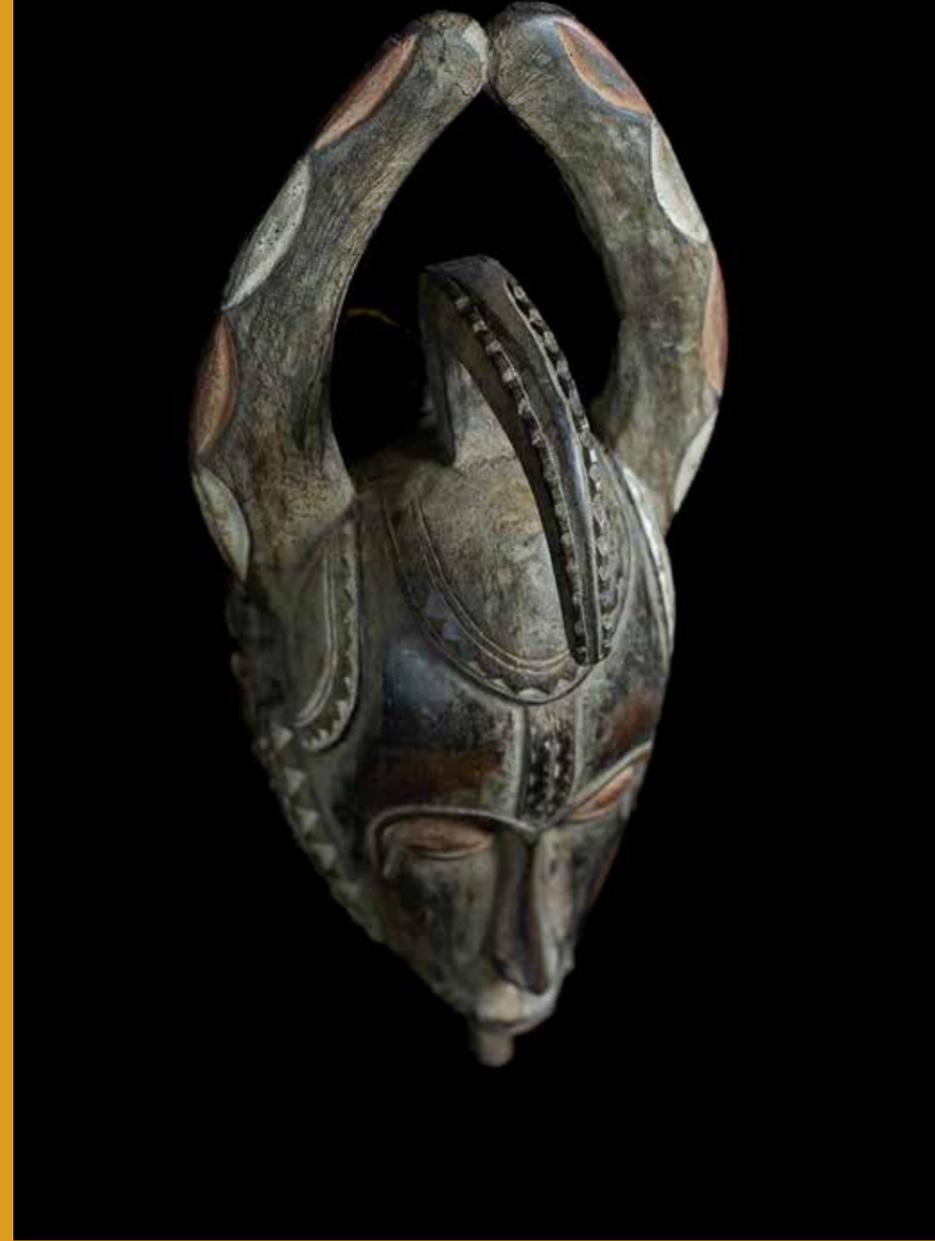
Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Baule
47 cm x 8,5 cm x 12 cm



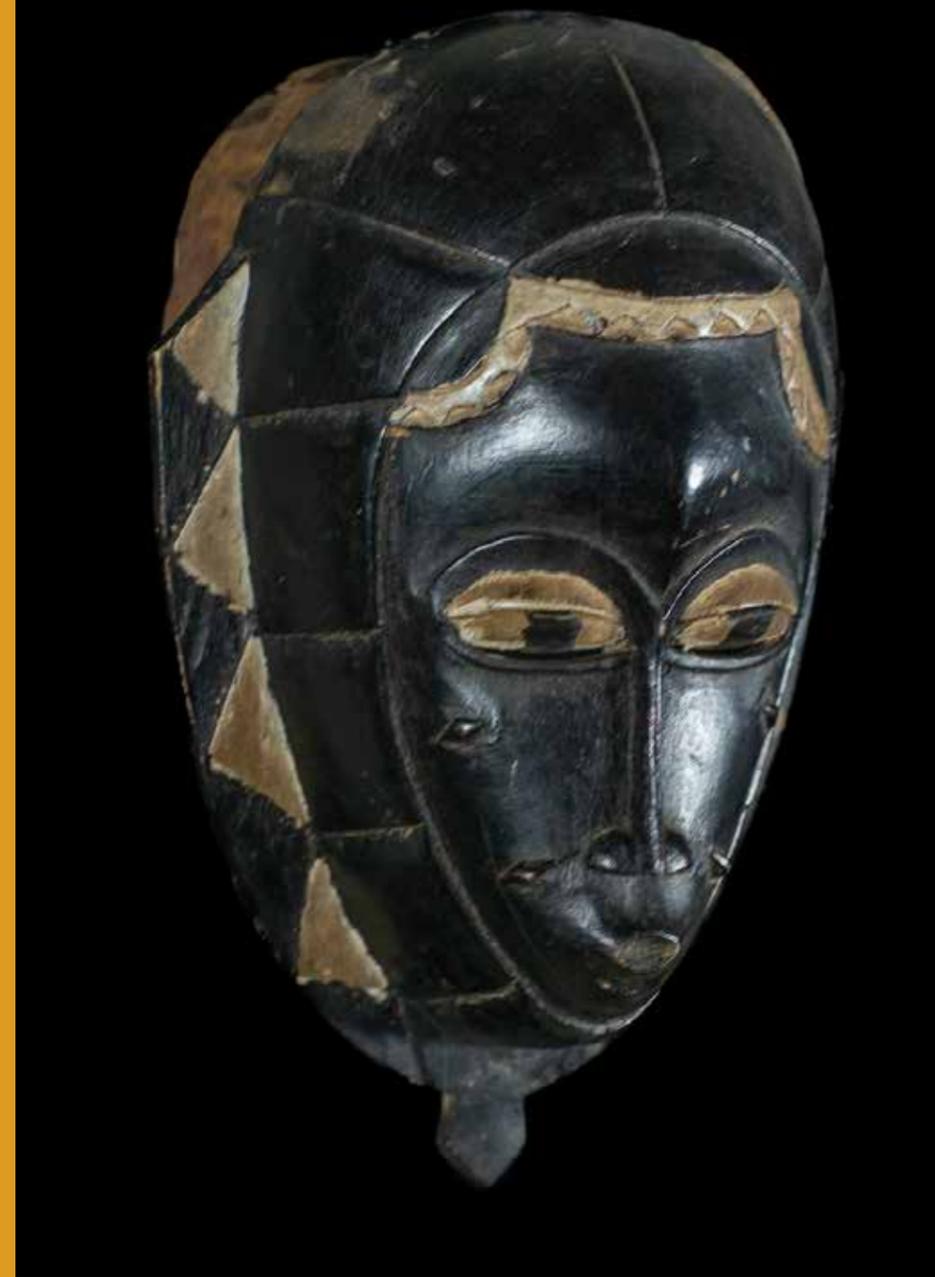
Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Gouro
70,4 cm x 11,5 cm x 14,5 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Baule
69 cm x 12,2 cm x 16 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Baule
42,4 cm x 8,3 cm x 14 cm



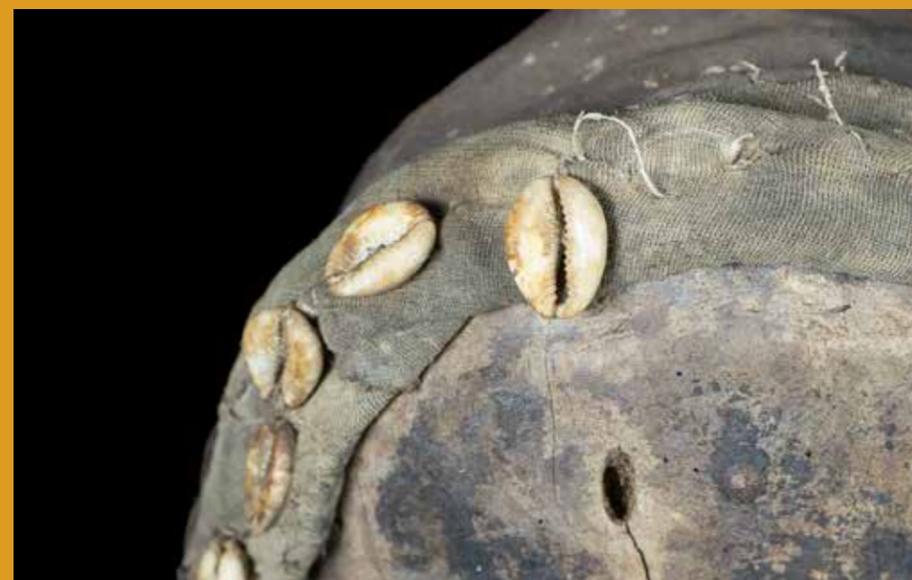
Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Baule
29 cm x 9 cm x 12 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Krahn
29 cm x 30 cm x 16,5 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Krahn
49,1 cm x 27,6 cm x 21,6 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Krahn
58,1 cm x 24 cm x 31,5 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Krahn
60 cm x 26 cm x 22 cm



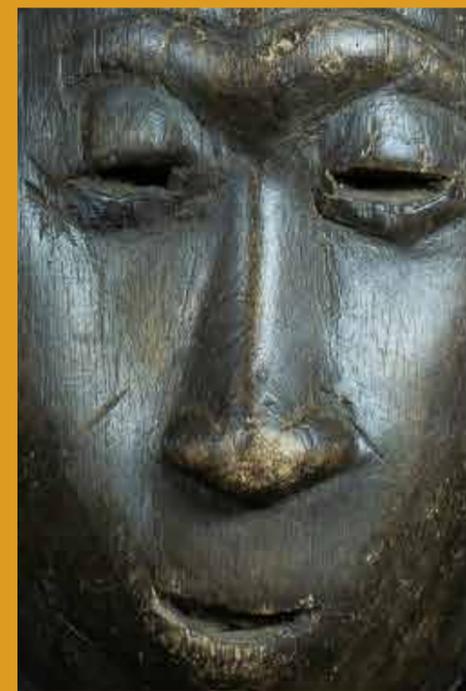
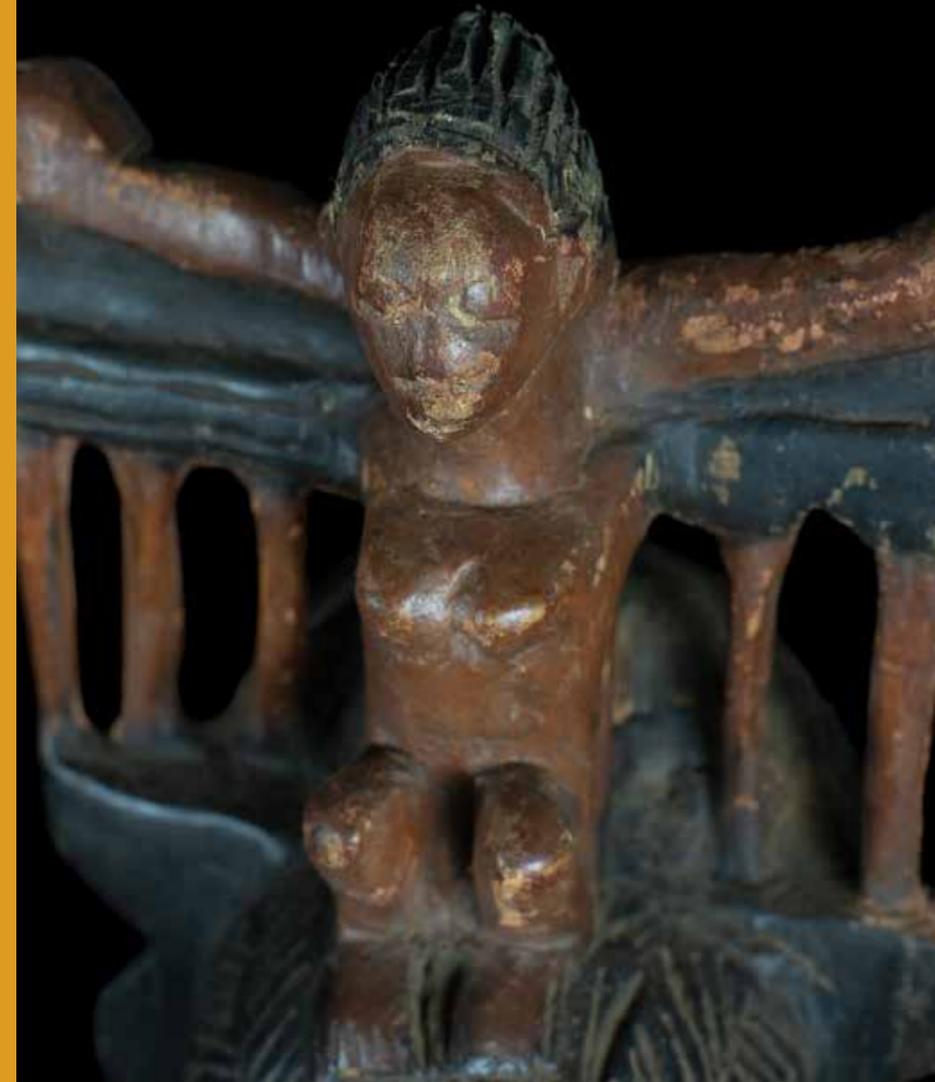
Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Krahn
66 cm x 10 cm x 28 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Krahn
63 cm x 9,2 cm x 24 cm

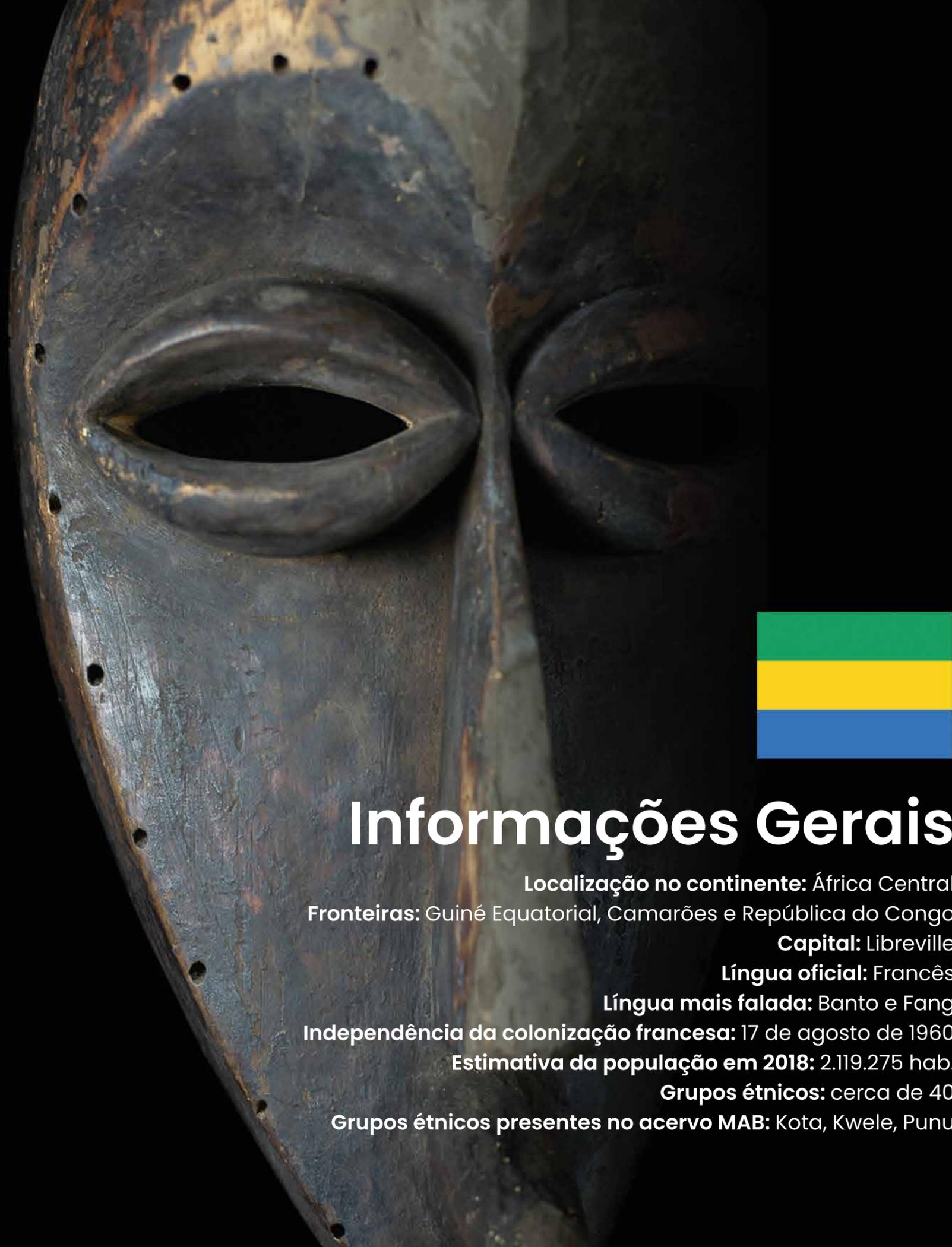


Máscara Facial Kpeliye'e
Autoria não identificada
Etnia Senufo
51 cm x 27 cm x 18 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Yaure
42 cm x 11 cm x 14 cm

GABÃO



Informações Gerais

Localização no continente: África Central

Fronteiras: Guiné Equatorial, Camarões e República do Congo

Capital: Libreville

Língua oficial: Francês

Língua mais falada: Banto e Fang

Independência da colonização francesa: 17 de agosto de 1960

Estimativa da população em 2018: 2.119.275 hab.

Grupos étnicos: cerca de 40

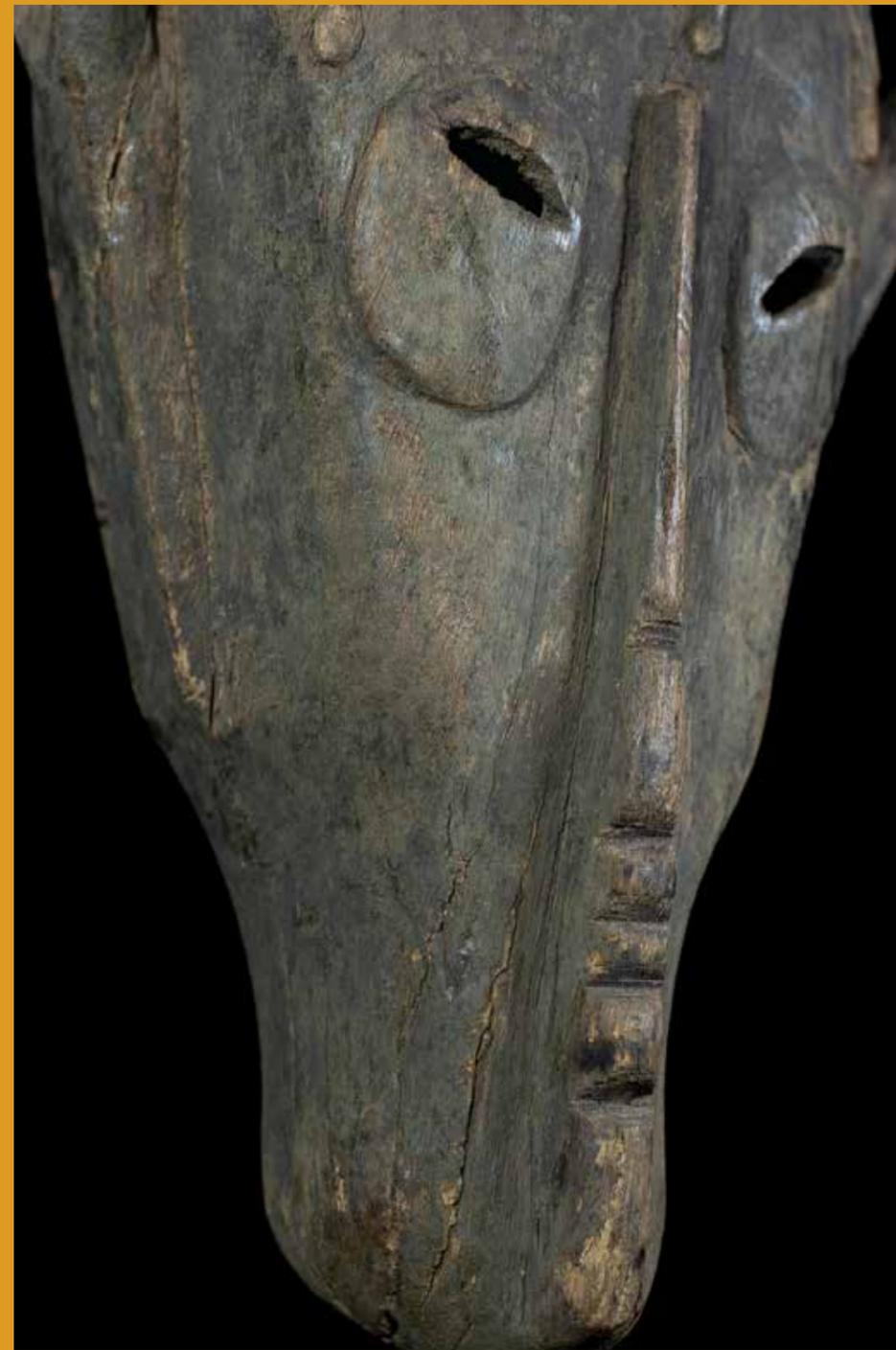
Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Kota, Kwele, Punu



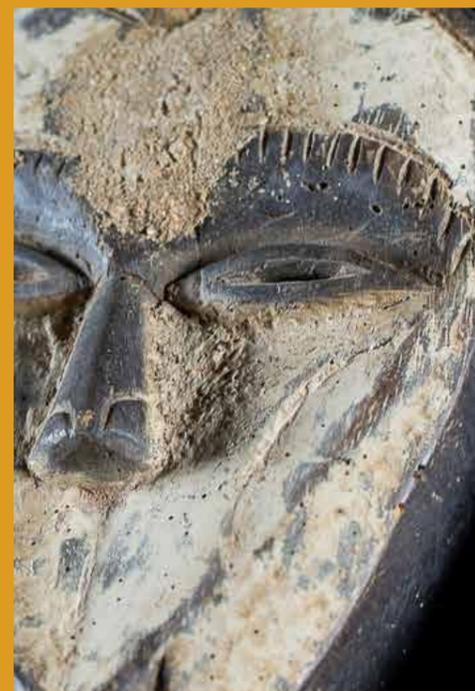
Escultura Mbulu Ngulu
Autoria não identificada
Etnia Kota
59,3 cm x 5 cm x 5 cm



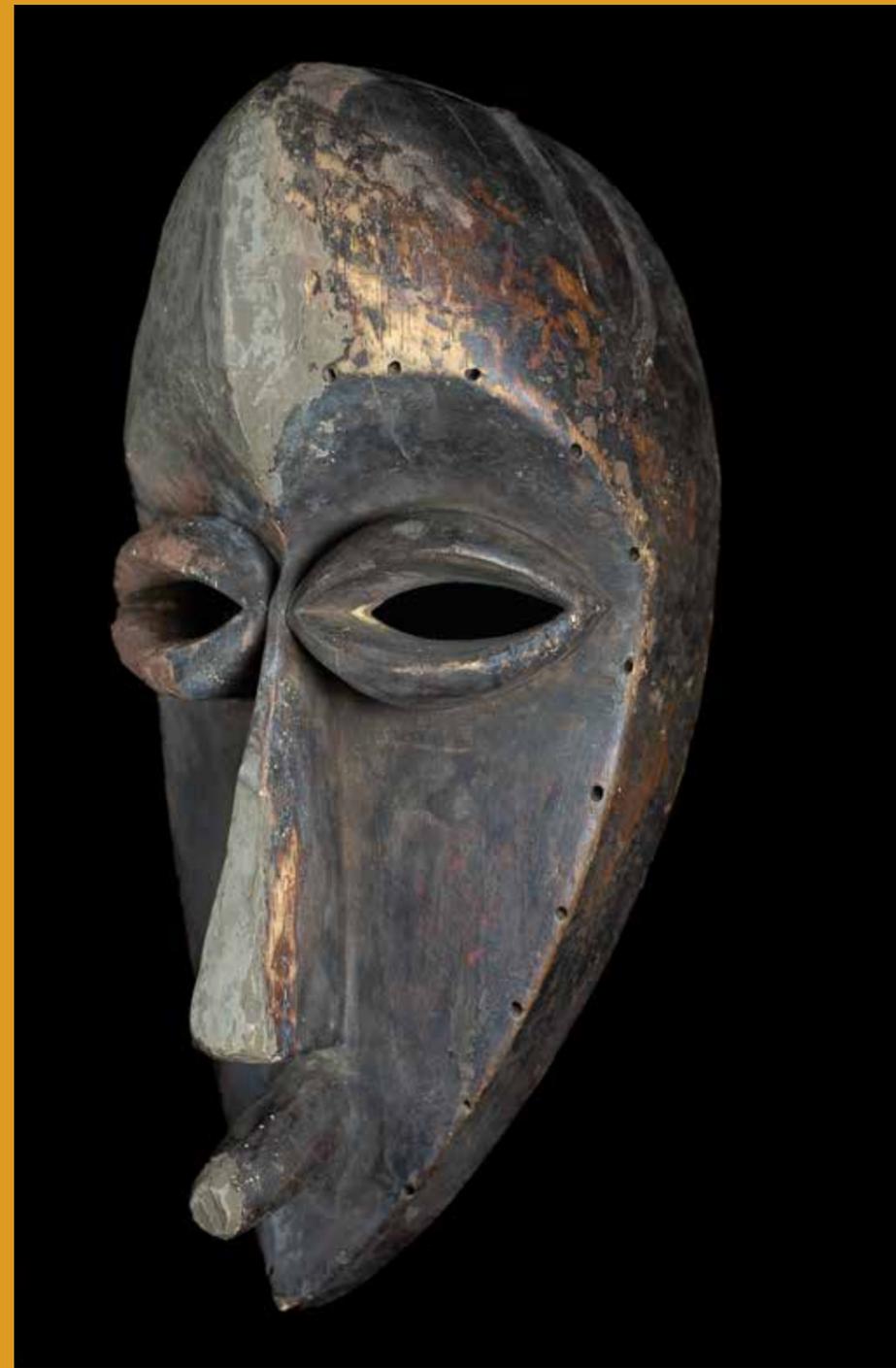
Escultura Mbulu Ngulu
Autoria não identificada
Etnia Kota
62 cm x 5 cm x 9 cm



Máscara Ekuk
Autoria não identificada
Etnia Kwele
55 cm x 22,3 cm x 11,3 cm



Máscara Ekuk
Autoria não identificada
Etnia Kwele
46,3 cm x 5 cm x 15 cm

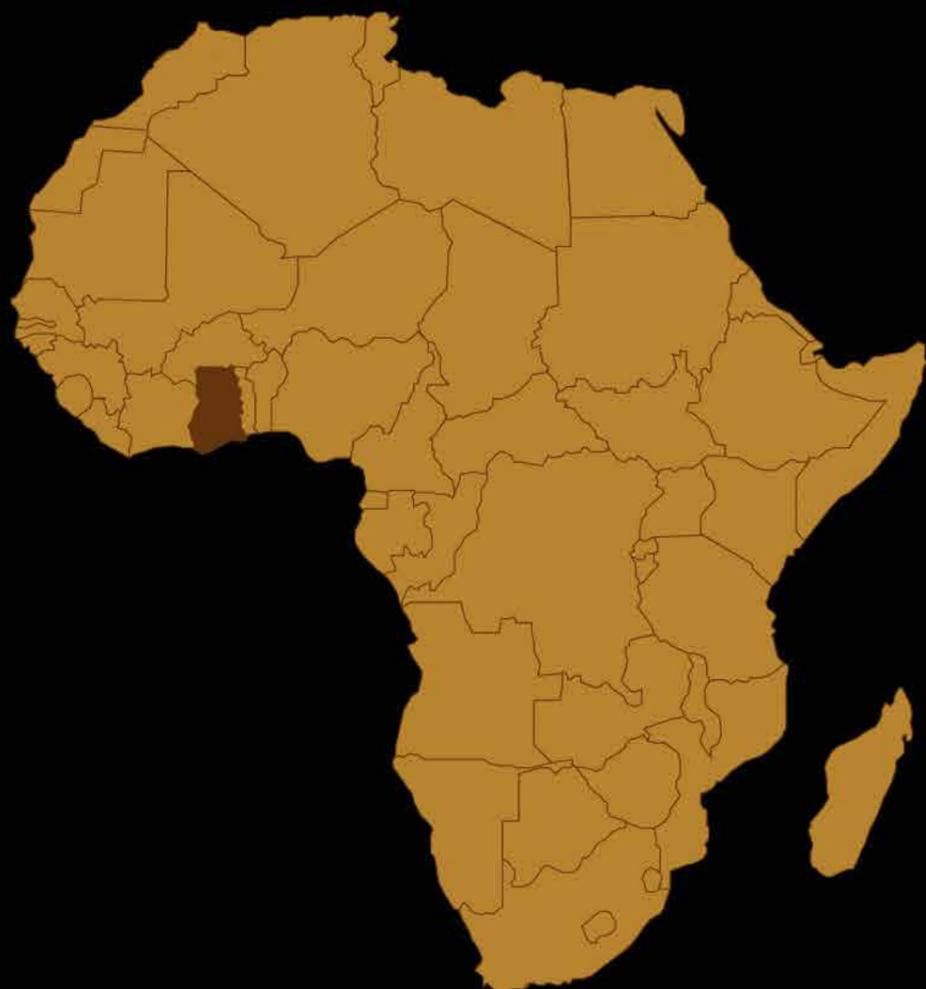


Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Kota
35 cm x 17,1 cm x 13,5 cm



Fole de Forja
Autoria não identificada
Etnia Punu
80 cm x 35 cm x 28 cm

GANA



Informações Gerais

Localização no continente: África Ocidental

Fronteiras: Burkina Faso, Togo e Costa do Marfim

Capital: Acra

Língua oficial: Inglês

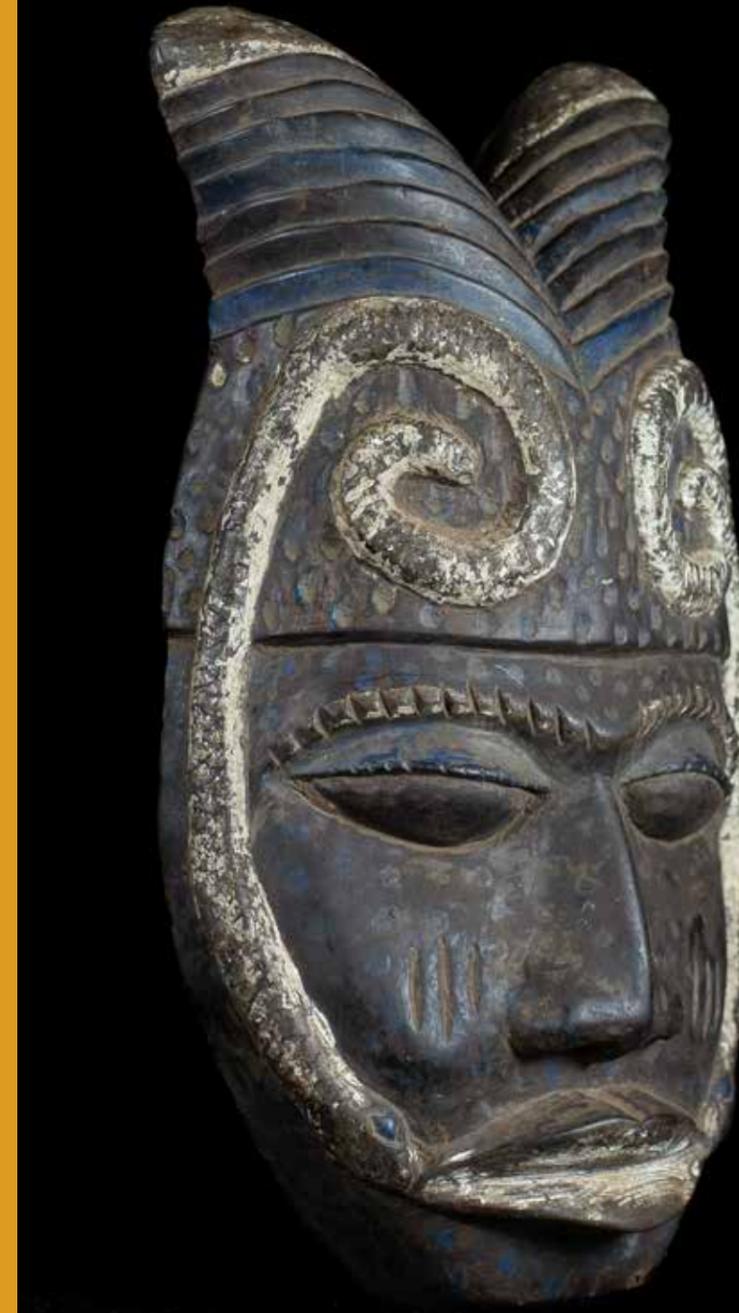
Língua mais falada: os ganenses falam pelo menos uma língua local

Independência da colonização inglesa: 6 de março de 1957

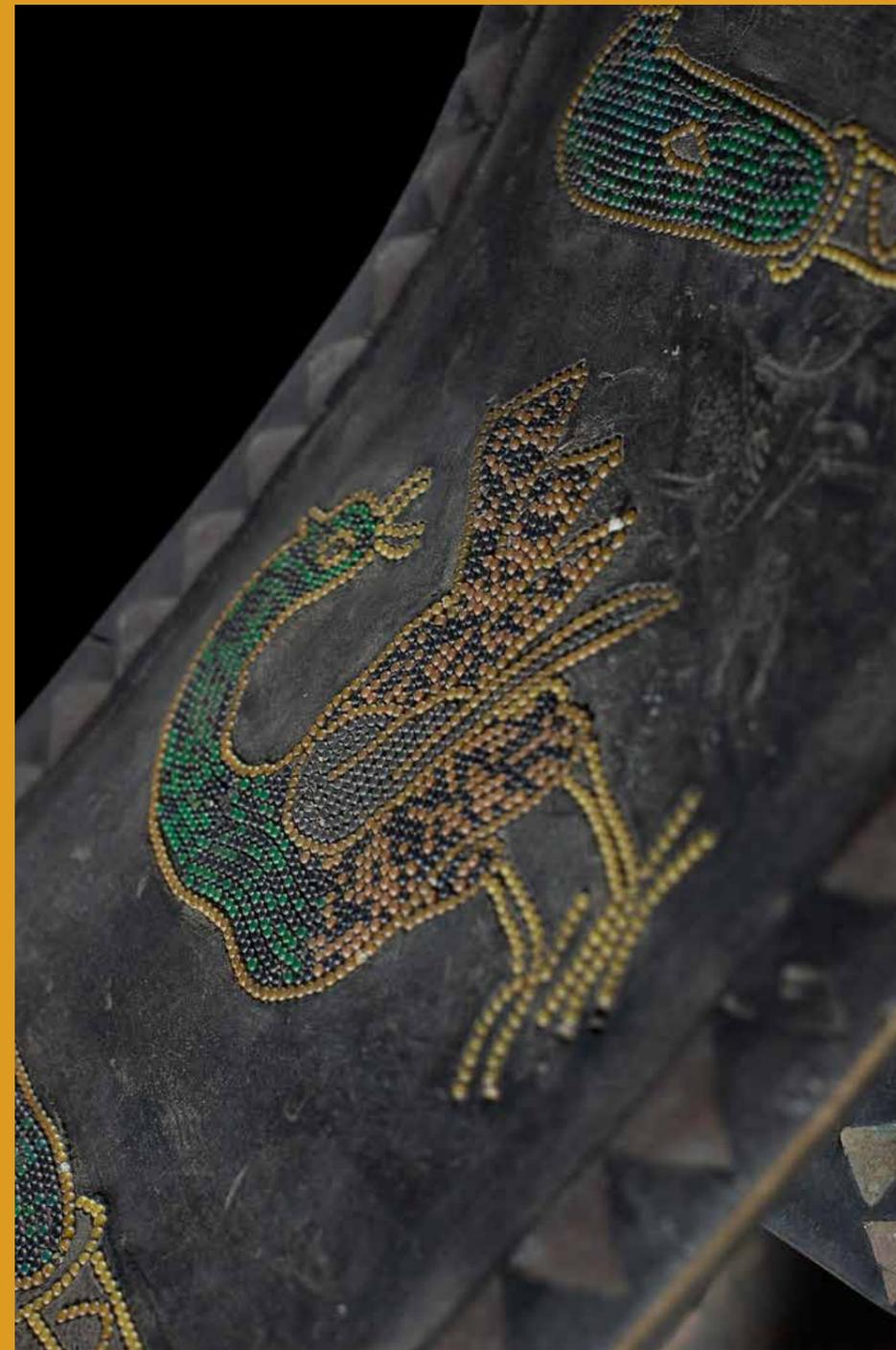
Estimativa da população em 2016: 28.308.301 hab.

Grupos étnicos: cerca de 52

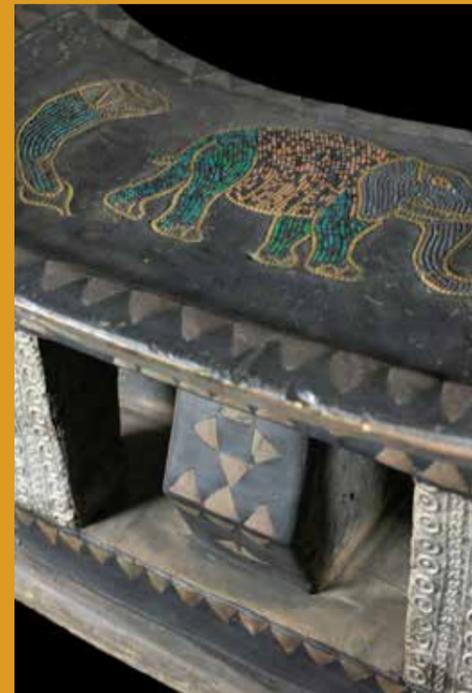
Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Axânti



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Axânti
34 cm x 18,5 cm x 9 cm



Banco Sese dwa
em estilo mmaa dwa
Autoria não identificada
Etnia Axânti
32 cm x 19,5 cm x 30 cm



Banco Sese dwa
em estilo mmaa dwa
Autoria não identificada
Etnia Axânti
35,5 cm x 50 cm x 30 cm

GUINÉ



Informações Gerais

Localização no continente: África Ocidental

Fronteiras: Guiné-Bissau, Senegal, Mali, Costa do Marfim, Libéria e Serra Leoa

Capital: Conacri

Língua oficial: Francês

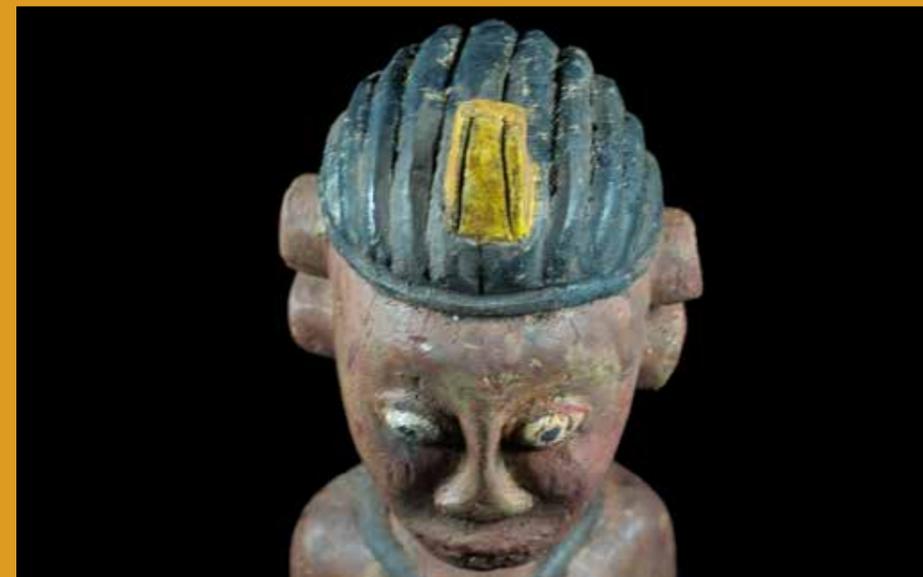
Língua mais falada: Fula e Mandinga

Independência da colonização francesa: 2 de outubro de 1958

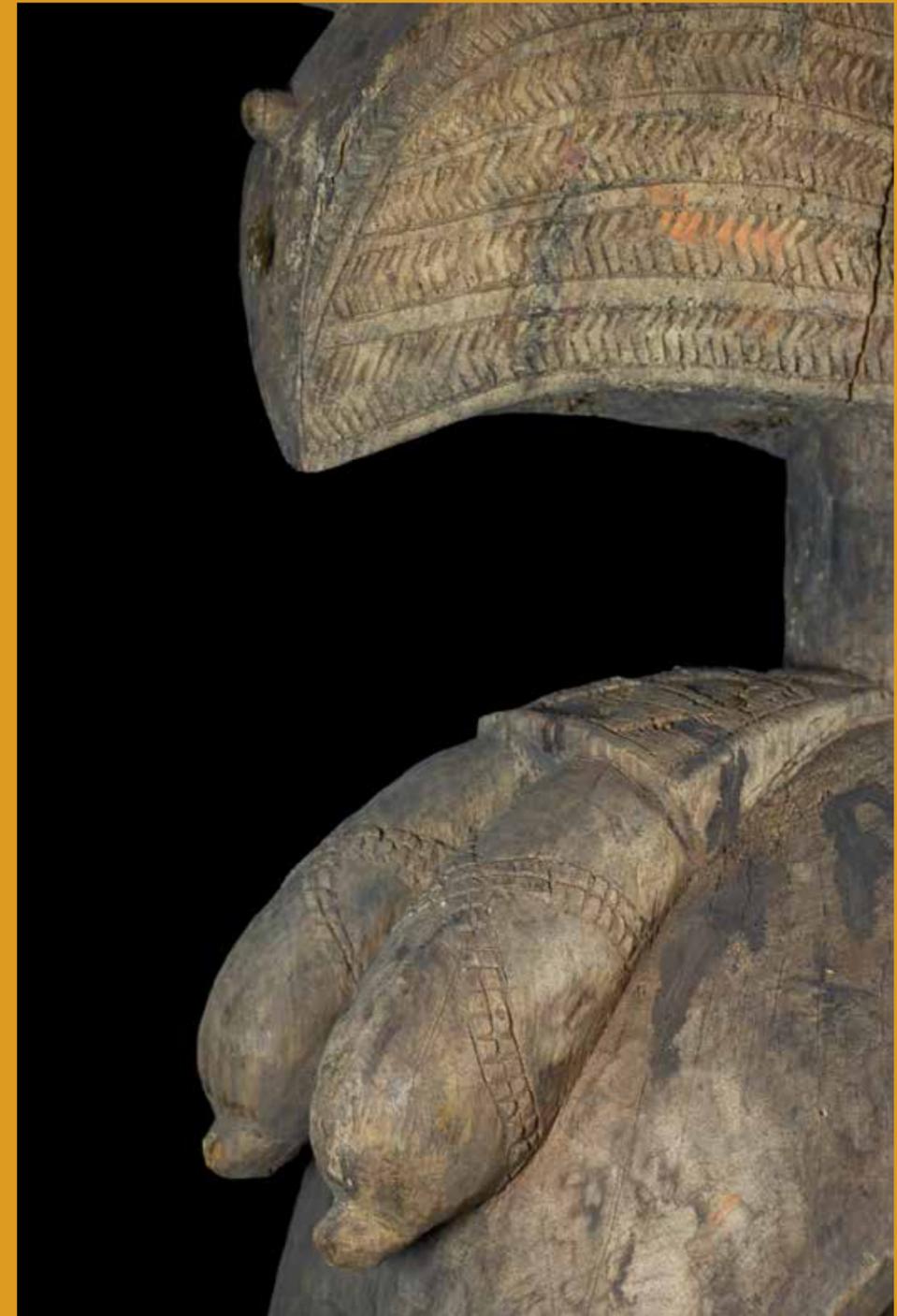
Estimativa da população em 2018: 12.414.293 hab.

Grupos étnicos: cerca de 20

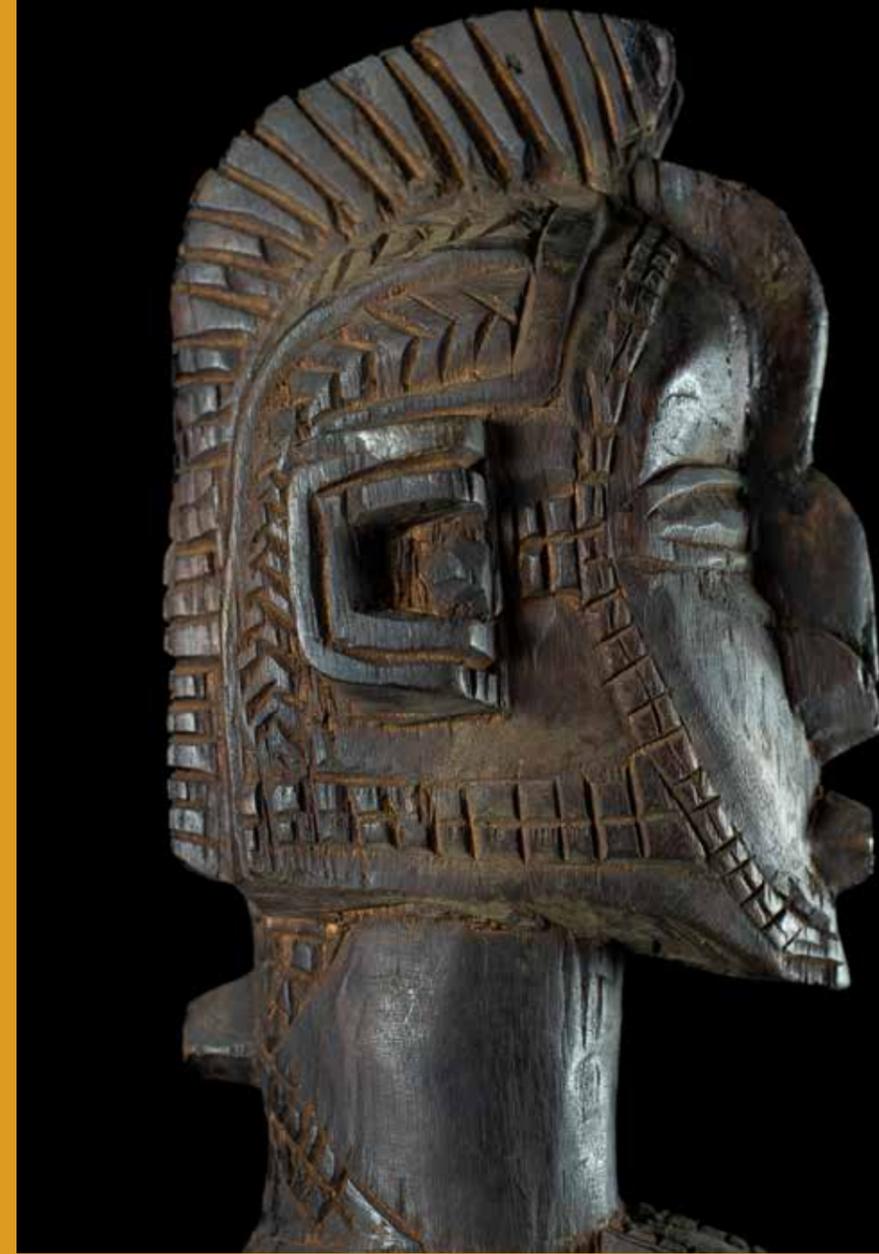
Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Baga, Nalu



Escultura Feminina
Autoria não identificada
Etnia Baga
55,5 cm x 11 cm x 13 cm



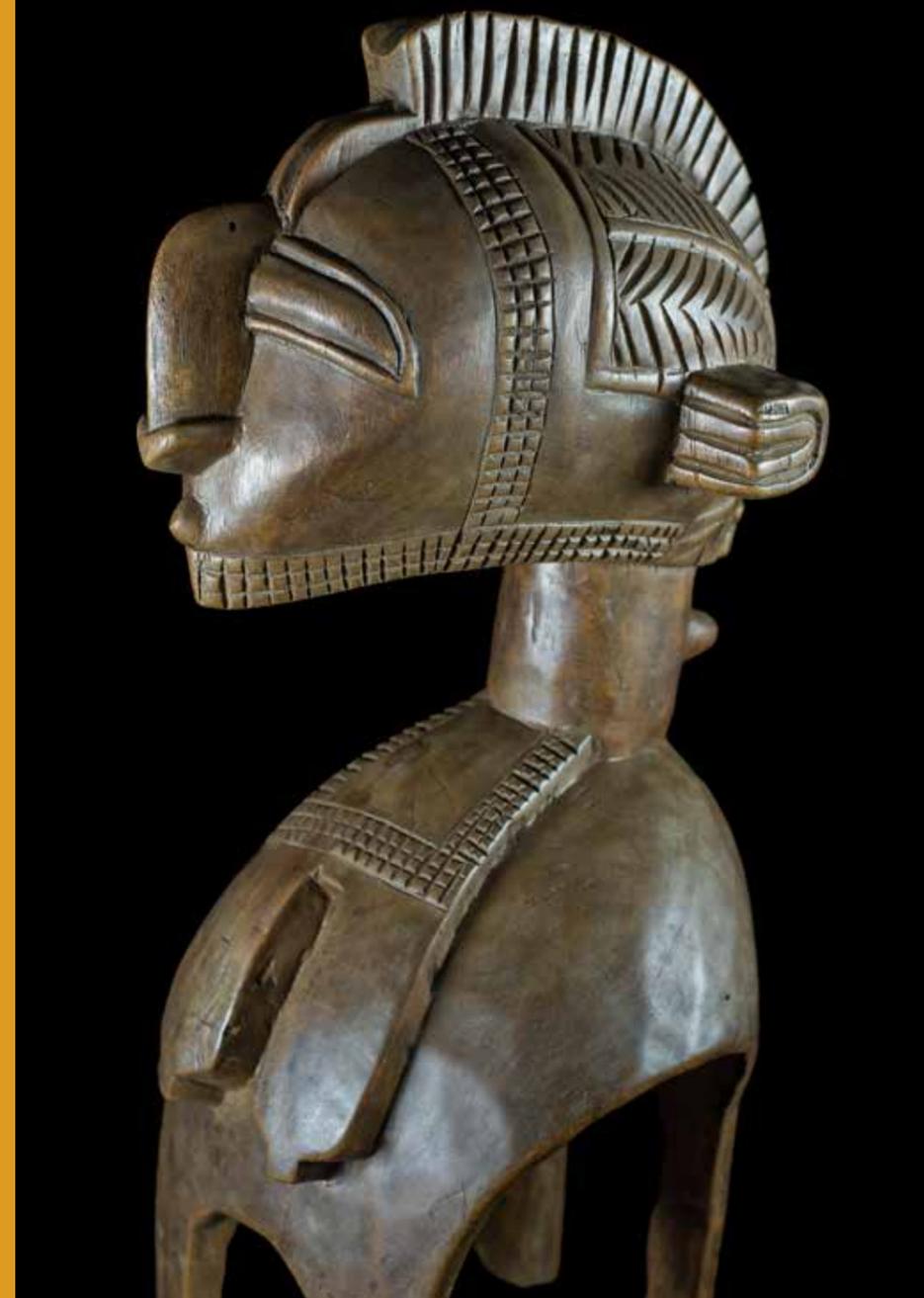
Máscara de ombros Nimba
Autoria não identificada
Etnia Baga
124 cm x 30 cm x 60 cm



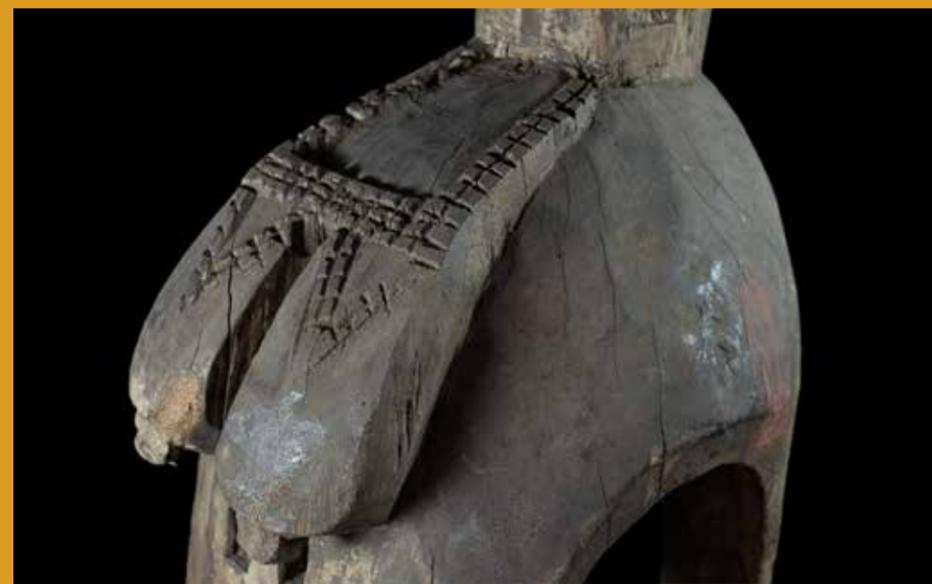
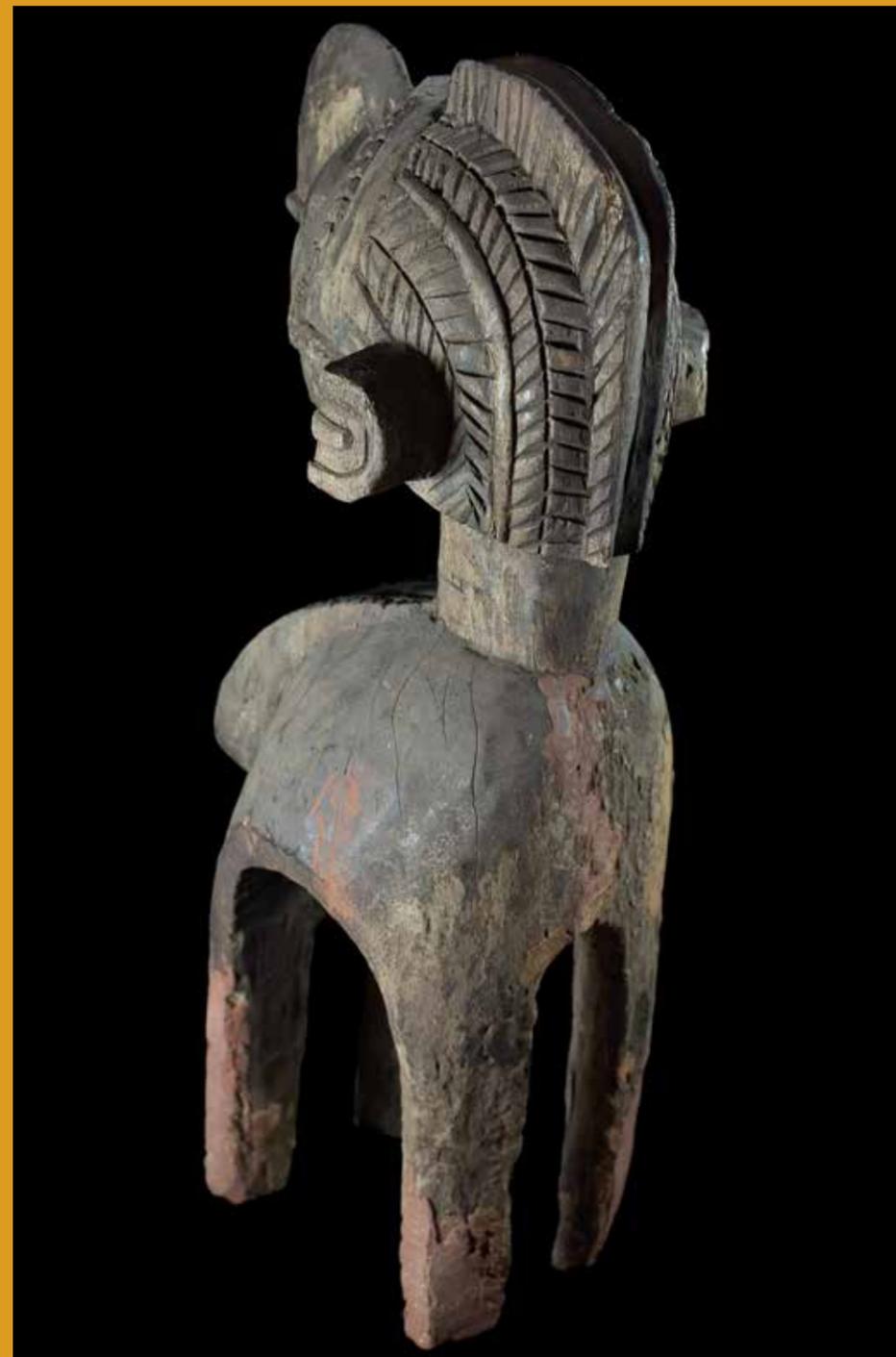
Escultura Nimba
Autoria não identificada
Etnia Baga
42,5 cm x 10,1 cm x 29 cm



Escultura Nimba
Autoria não identificada
Etnia Baga
32,5 cm x 9 cm x 18,3 cm



Escultura Nimba
Autoria não identificada
Etnia Baga
56 cm x 23,5 cm x 26 cm



Escultura Nimba
Autoria não identificada
Etnia Baga
61 cm x 18,5 cm x 27 cm



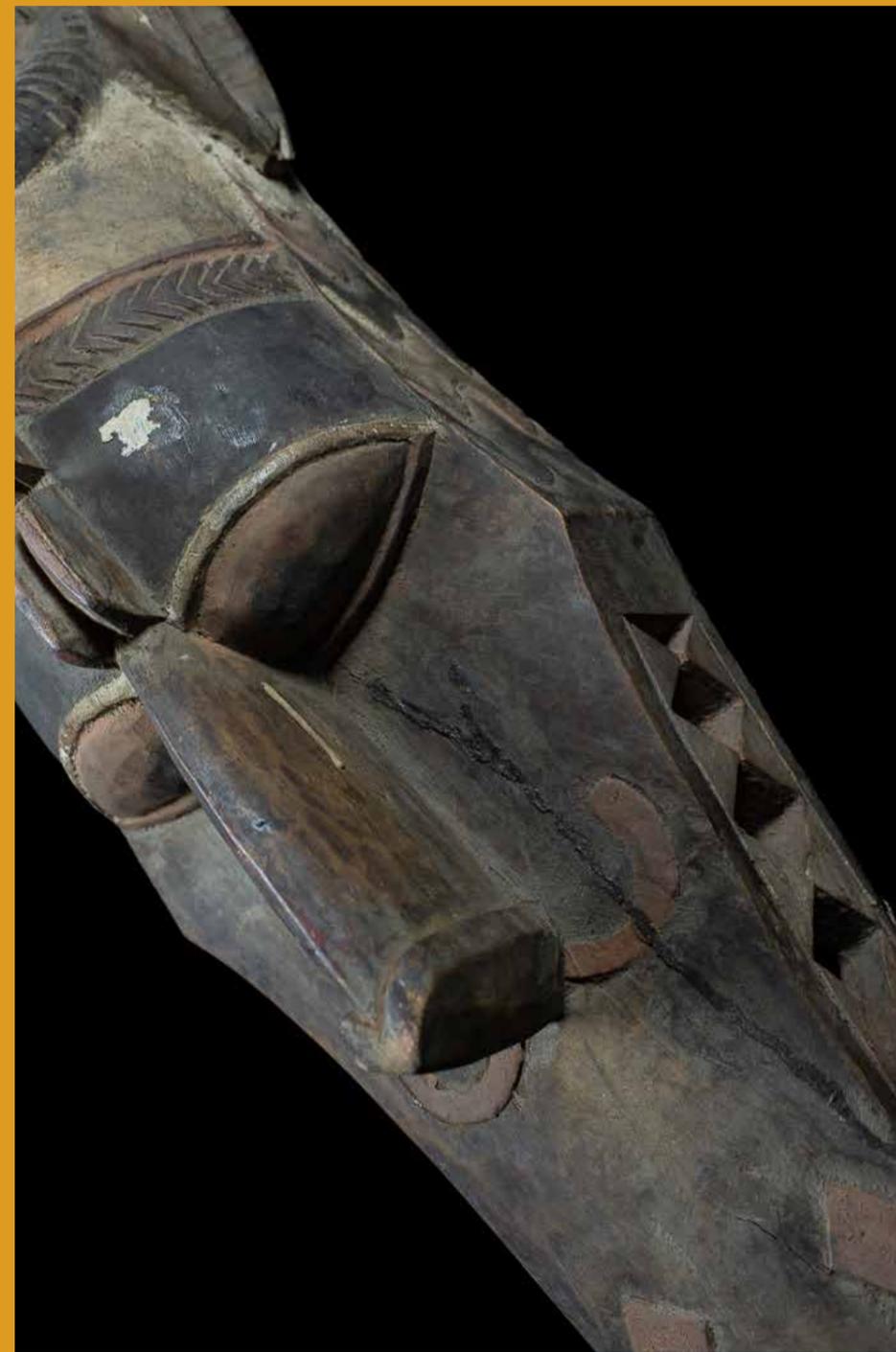
Escultura Nimba
Autoria não identificada
Etnia Baga
38 cm x 12 cm x 13,5 cm



Escultura Nimba
Autoria não identificada
Etnia Baga
38,4 cm x 9 cm x 55 cm



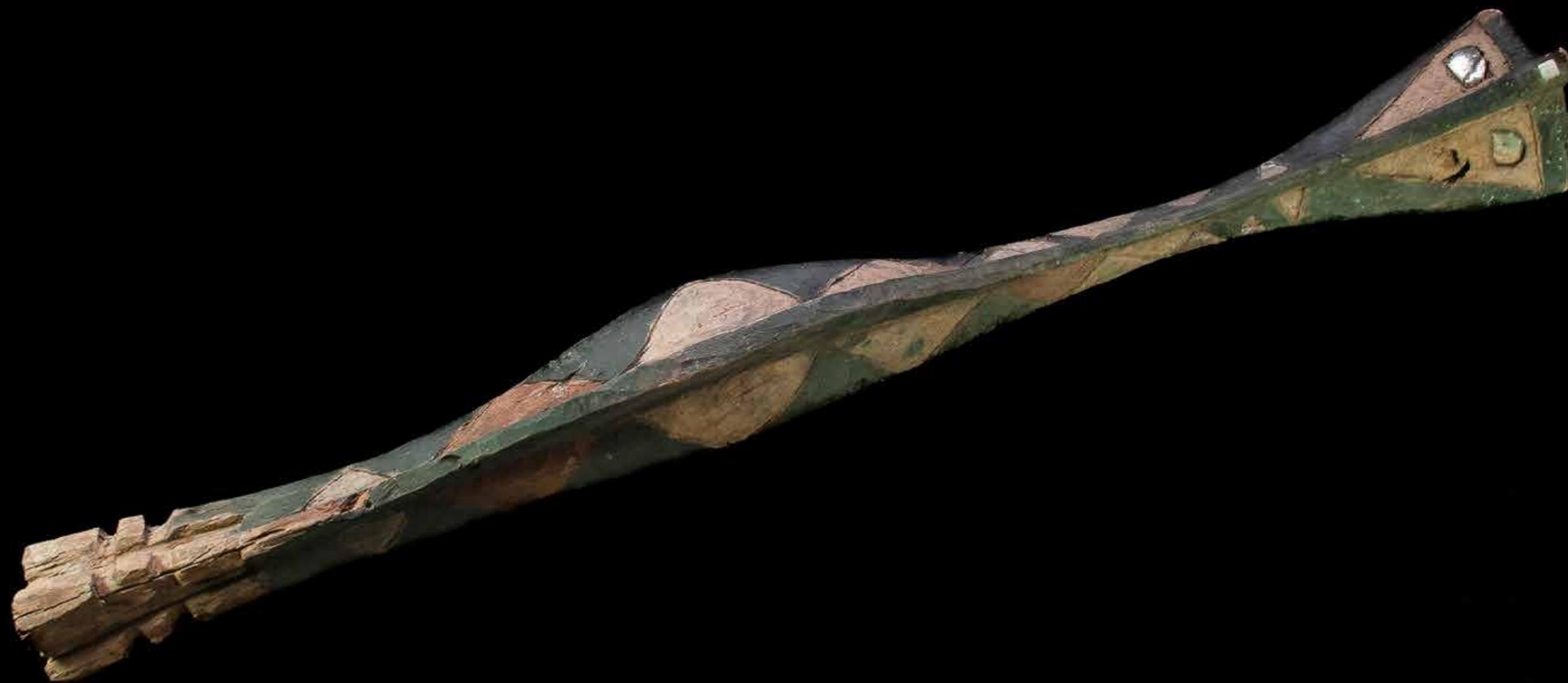
Tambor
Autoria não identificada
Etnia Baga
67 cm x 28 cm



Máscara Banda
Autoria não identificada
Etnia Nalu
45 cm x 22 cm x 13 cm



Adorno de cabeça Bansonyi
Autoria não identificada
Etnia Baga
77,5 cm x 10 cm x 9 cm



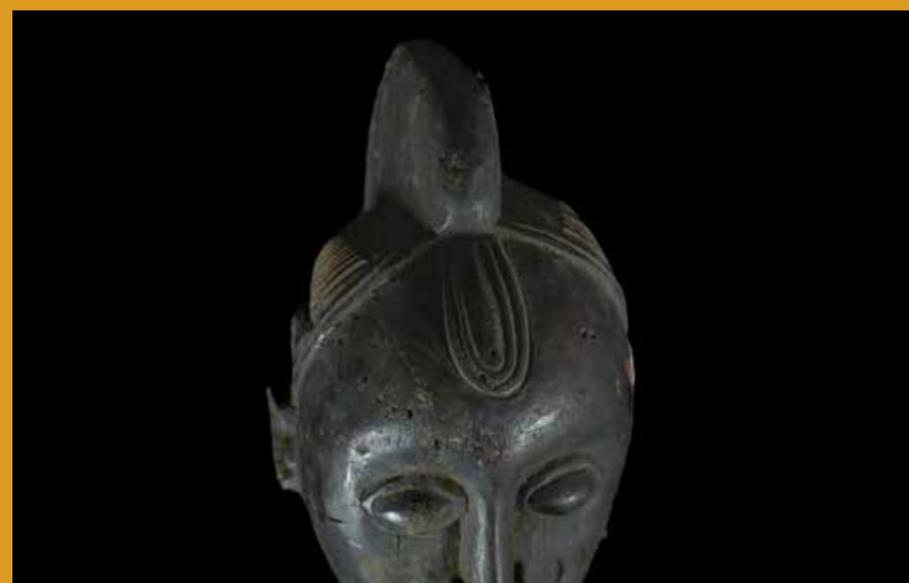
Adorno de cabeça Bansonyi
Autoria não identificada
Etnia Baga
158 cm x 17 cm x 20 cm



Adorno de cabeça Bansonyi
Autoria não identificada
Etnia Baga
167 cm x 8 cm x 31 cm



Máscara Capacete
Autoria não identificada
Etnia Baga
47 cm x 31 cm x 35 cm



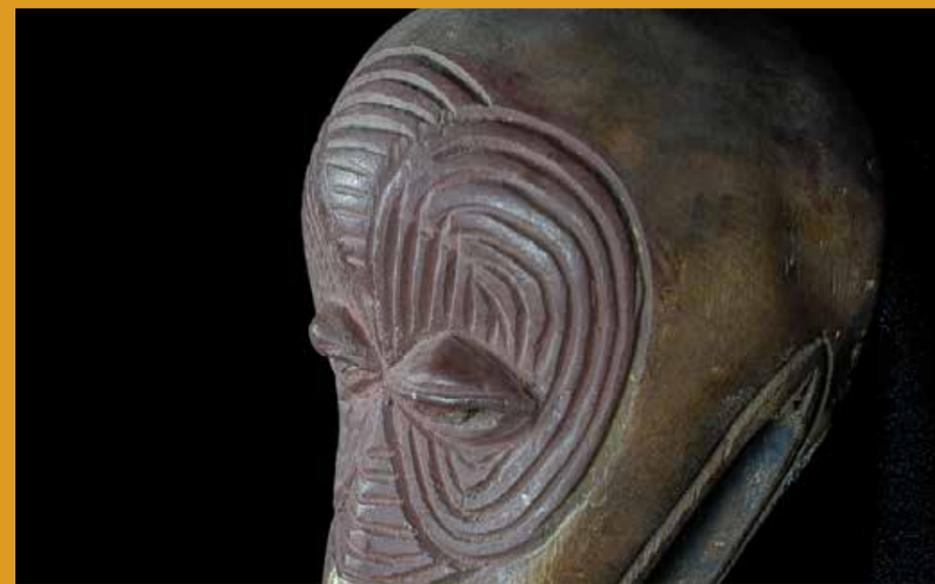
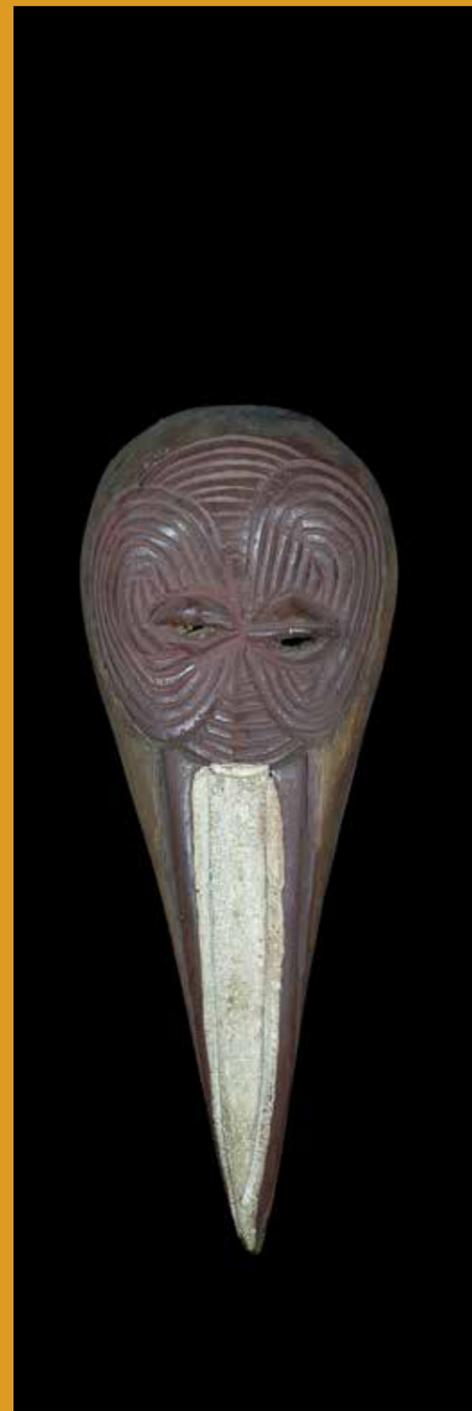
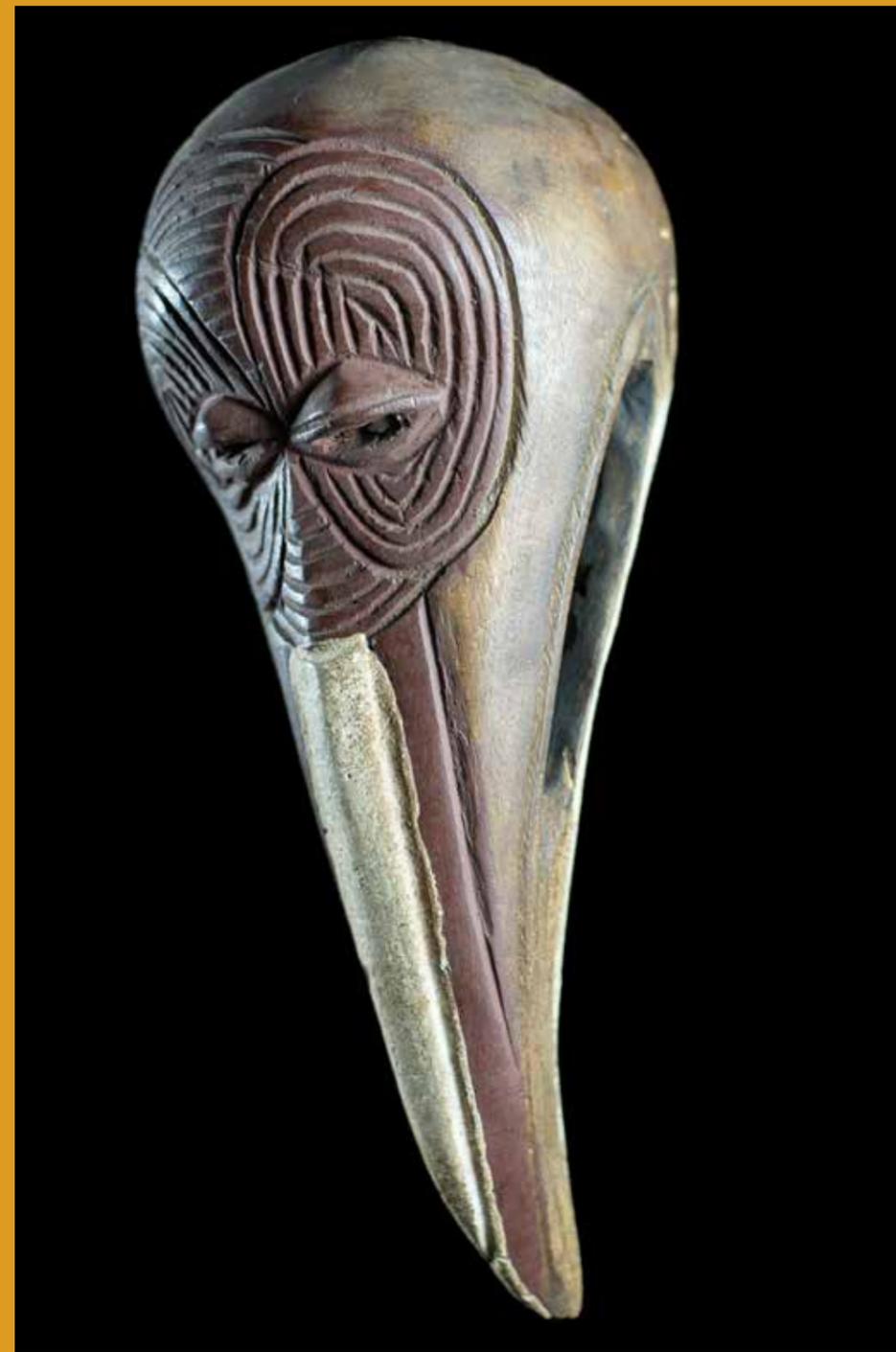
Máscara de ombros
Zigiren-Wunde
Autoria não identificada
Etnia Baga
122 cm x 34 cm x 36 cm



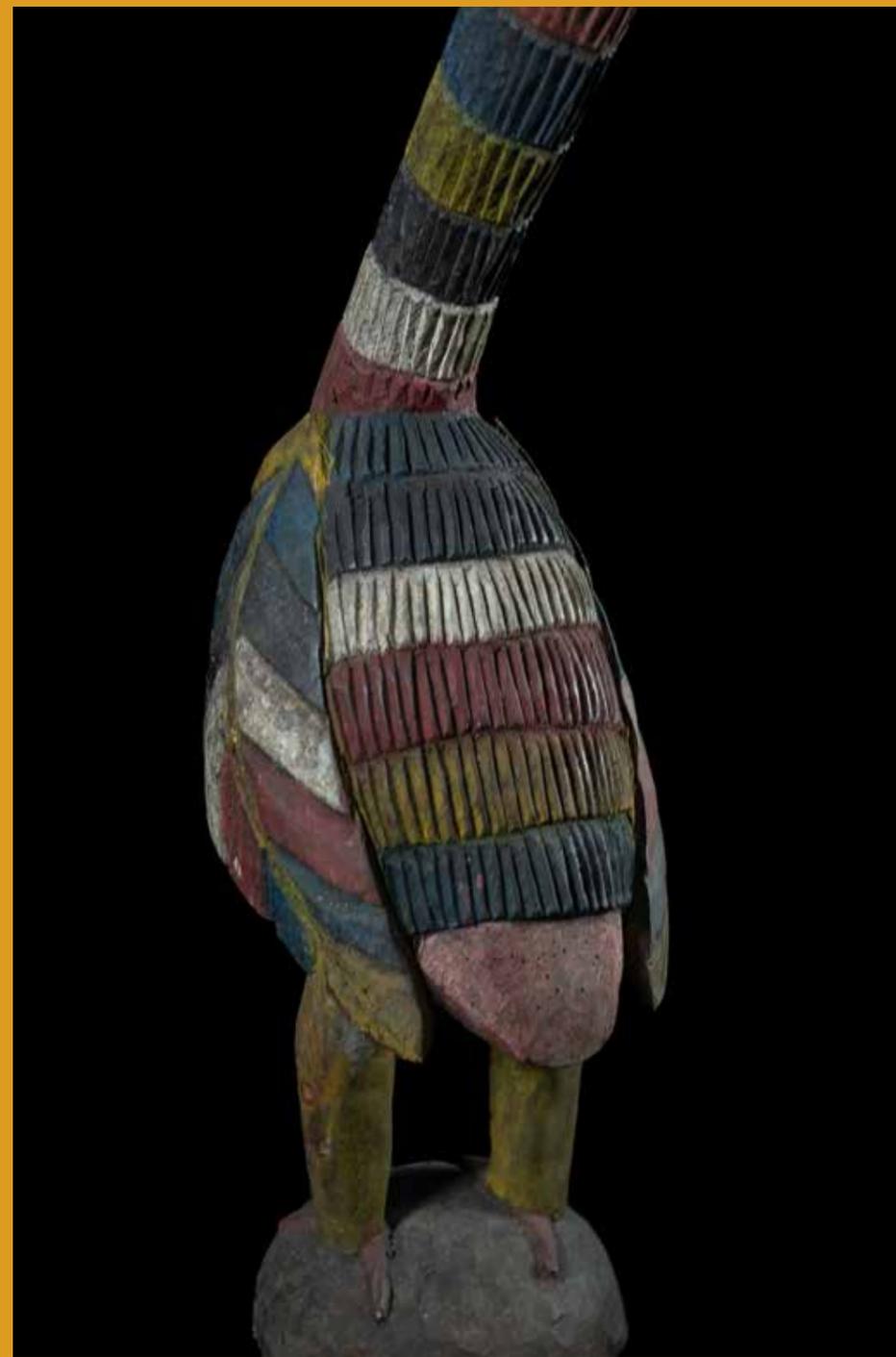
Escultura Elek
Autoria não identificada
Etnia Baga
21,5 cm x 19 cm x 91 cm



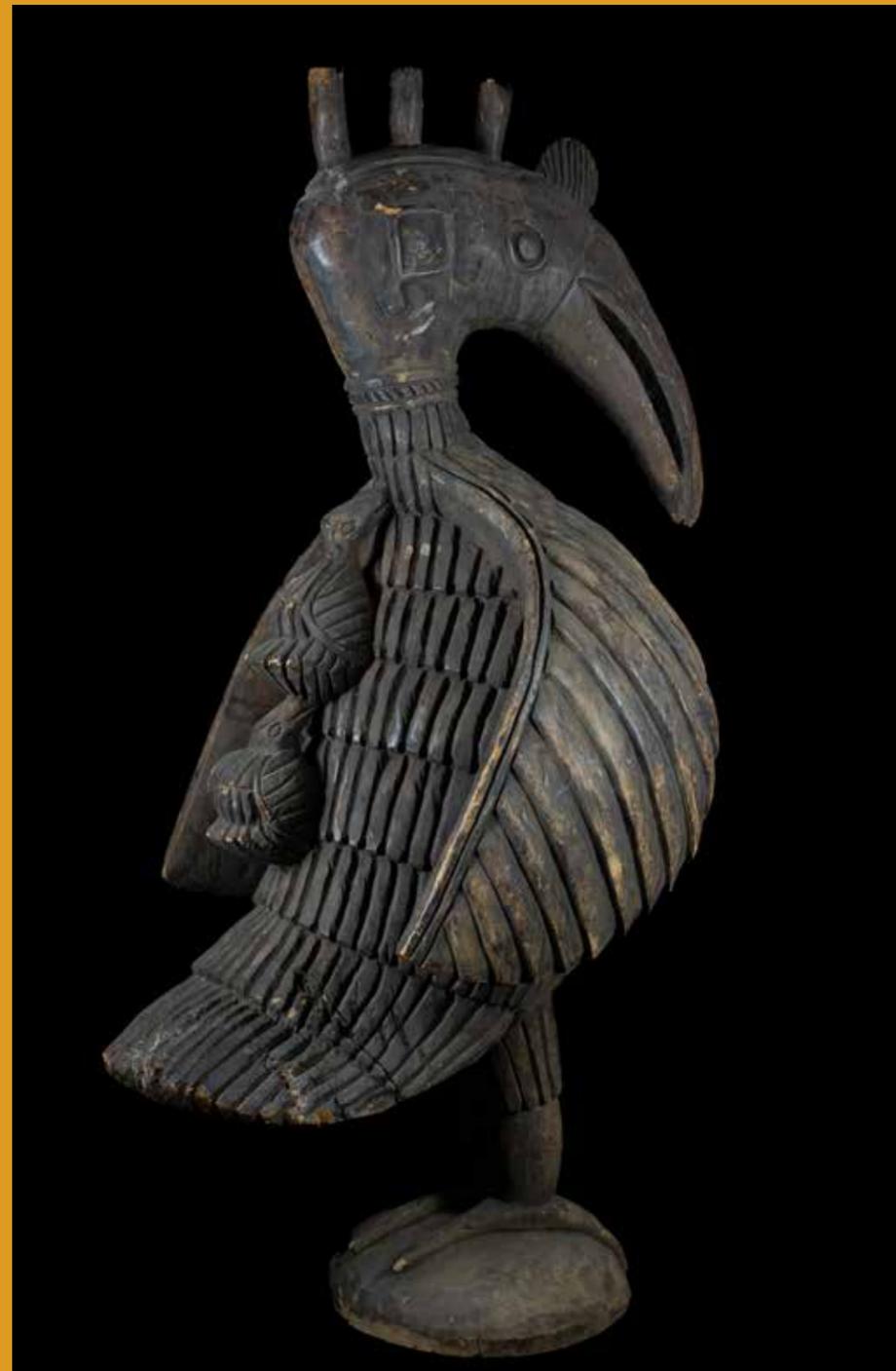
Escultura Elek
Autoria não identificada
Etnia Baga
55 cm x 12 cm x 14 cm



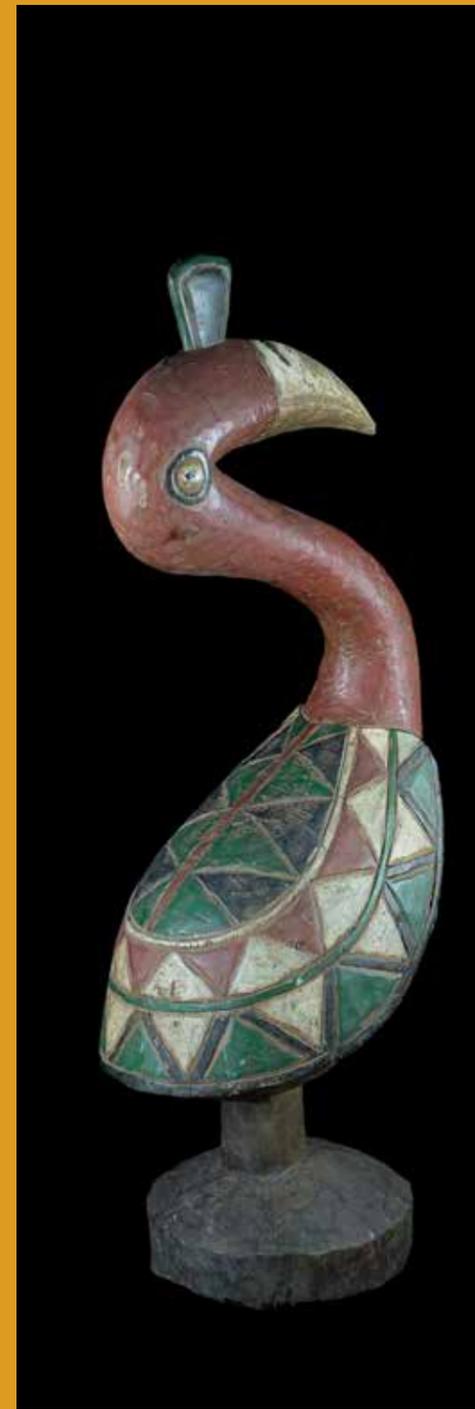
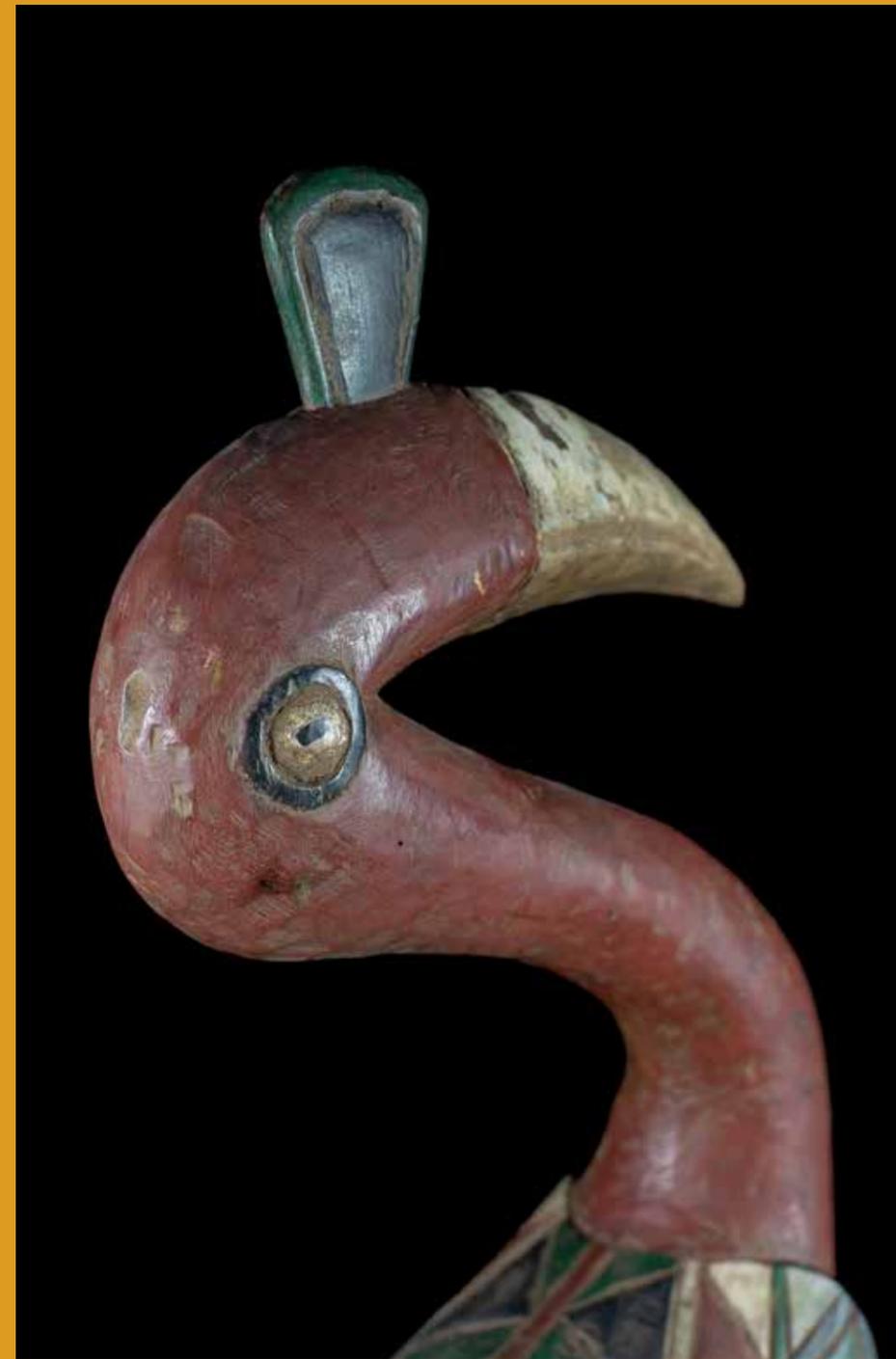
Máscara Facial Anok
Autoria não identificada
Etnia Baga
29 cm x 11 cm x 30 cm



Escultura A-Bamp
Autoria não identificada
Etnia Baga
82 cm x 20 cm x 20 cm



Escultura A-Bamp
Autoria não identificada
Etnia Baga
91 cm x 38 cm x 35,5 cm



Escultura A-Bamp
Autoria não identificada
Etnia Baga
69 cm x 21 cm x 23 cm

GUINÉ-BISSAU



Informações Gerais

Localização no continente: África Ocidental

Fronteiras: Senegal e Guiné

Capital: Bissau

Língua oficial: Português

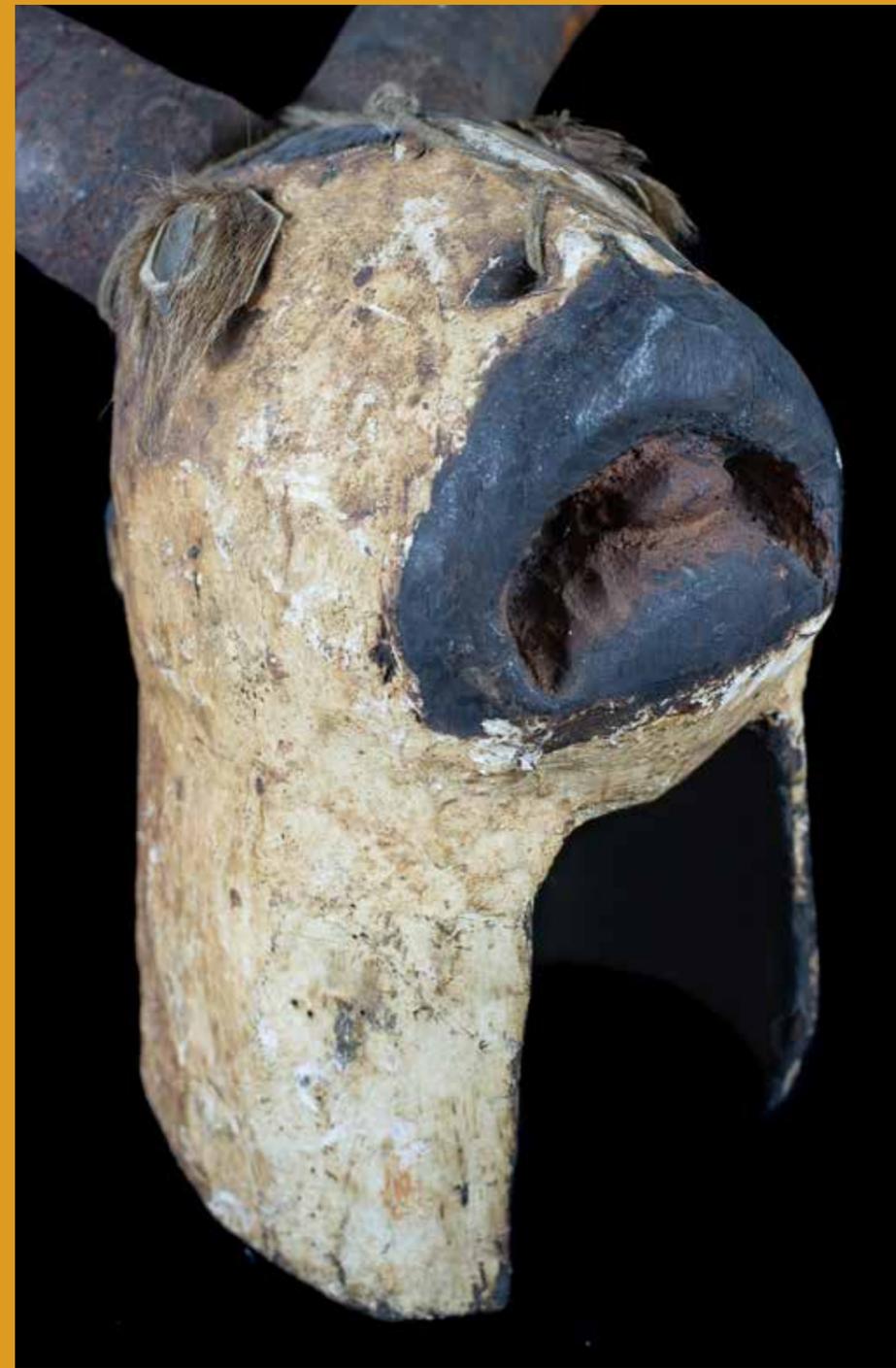
Língua mais falada: Criolo da Guiné-Bissau

Independência da colonização portuguesa: 10 de setembro de 1974

Estimativa da população em 2017: 1.792.338 hab.

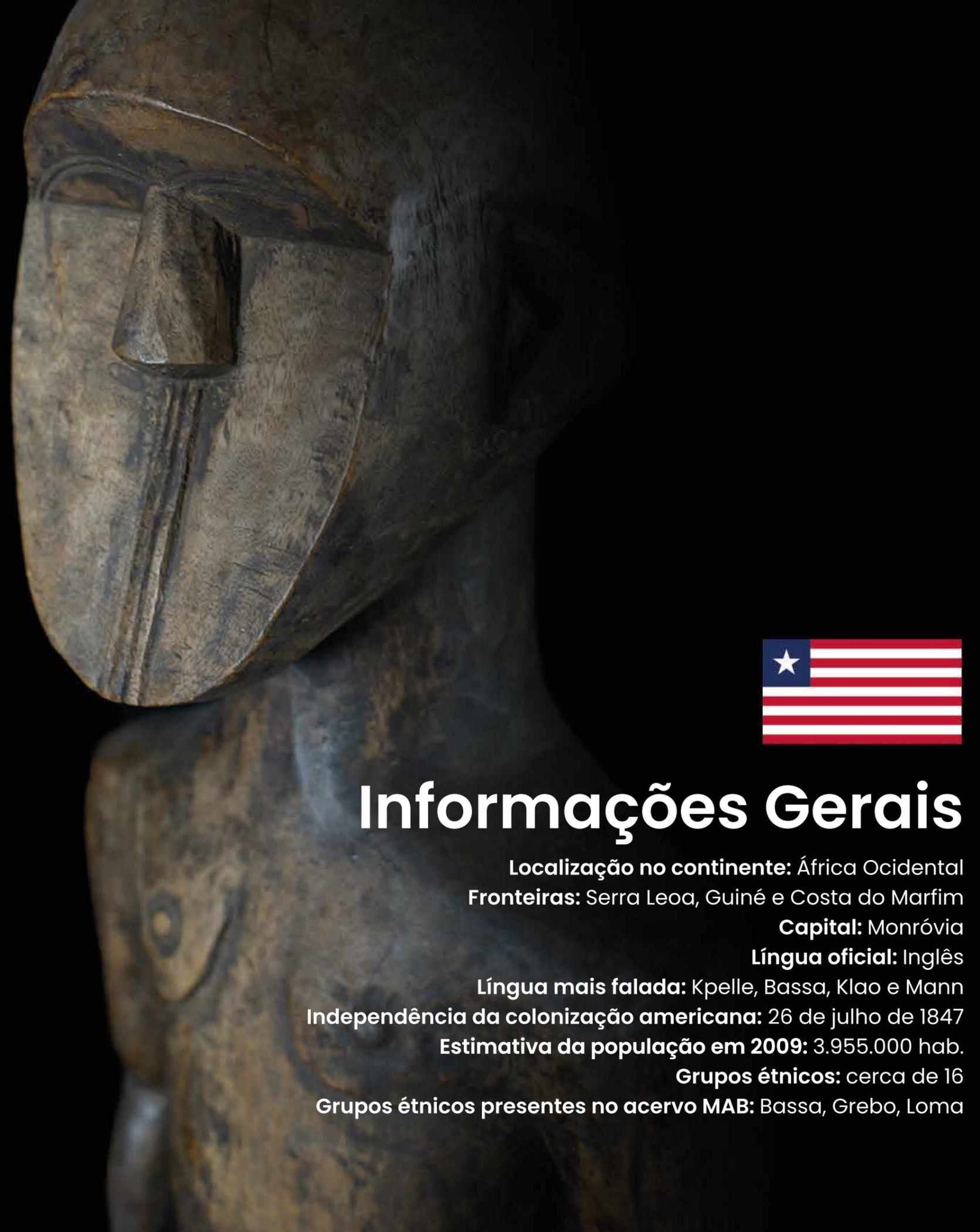
Grupos étnicos: cerca de 20

Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Bidyogo



Adorno de cabeça Gn'opara
Autoria não identificada
Etnia Bidjogo
36 cm x 33 cm x 22,2 cm

LIBÉRIA



Informações Gerais

Localização no continente: África Ocidental

Fronteiras: Serra Leoa, Guiné e Costa do Marfim

Capital: Monróvia

Língua oficial: Inglês

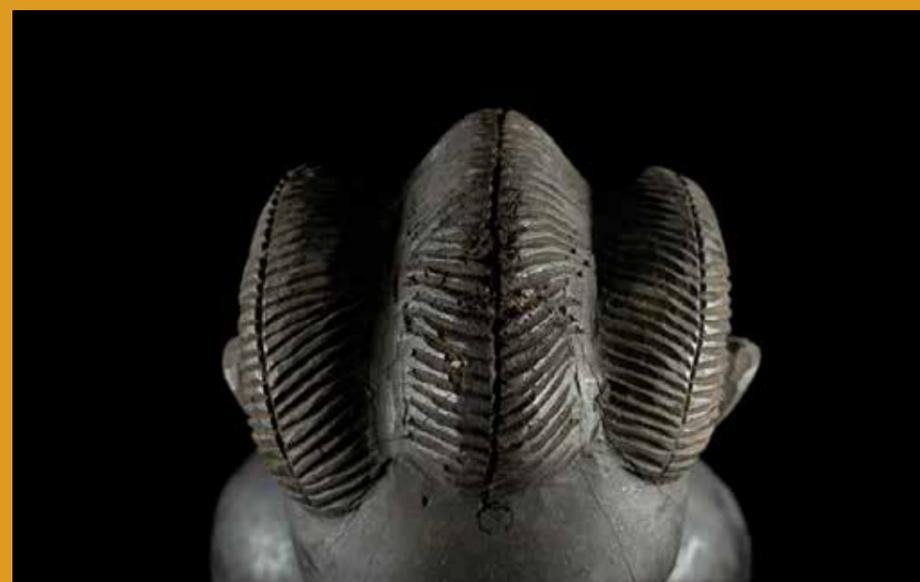
Língua mais falada: Kpelle, Bassa, Klao e Mann

Independência da colonização americana: 26 de julho de 1847

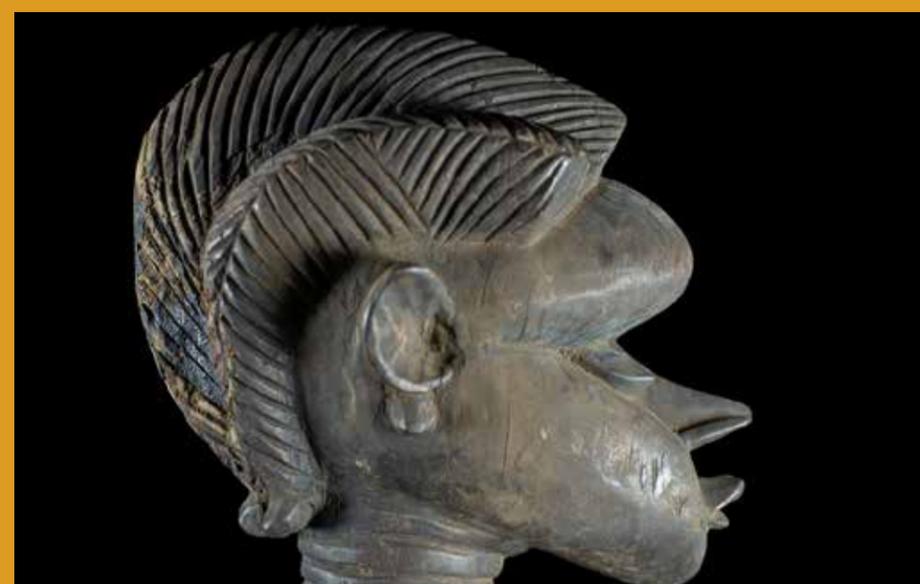
Estimativa da população em 2009: 3.955.000 hab.

Grupos étnicos: cerca de 16

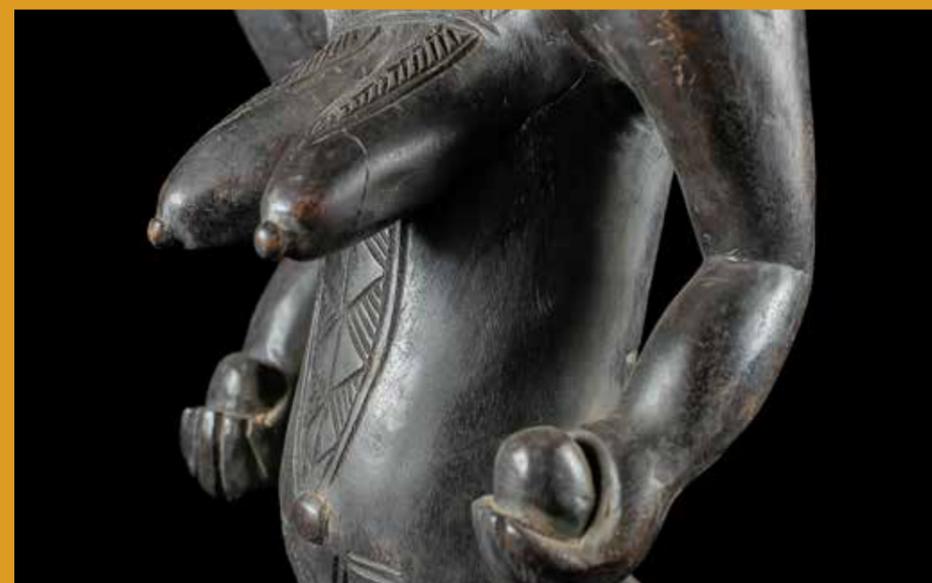
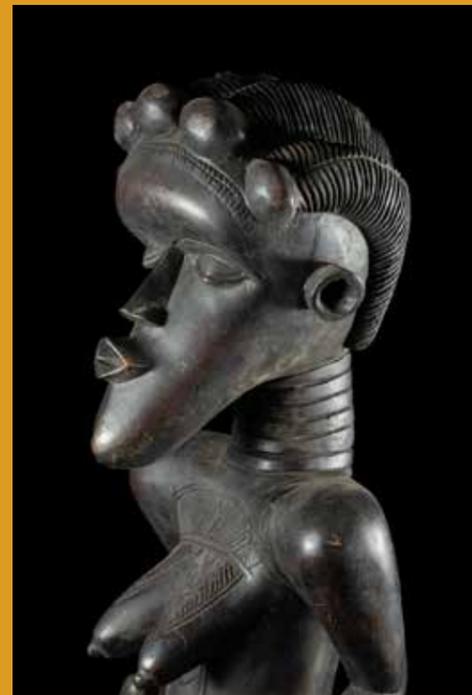
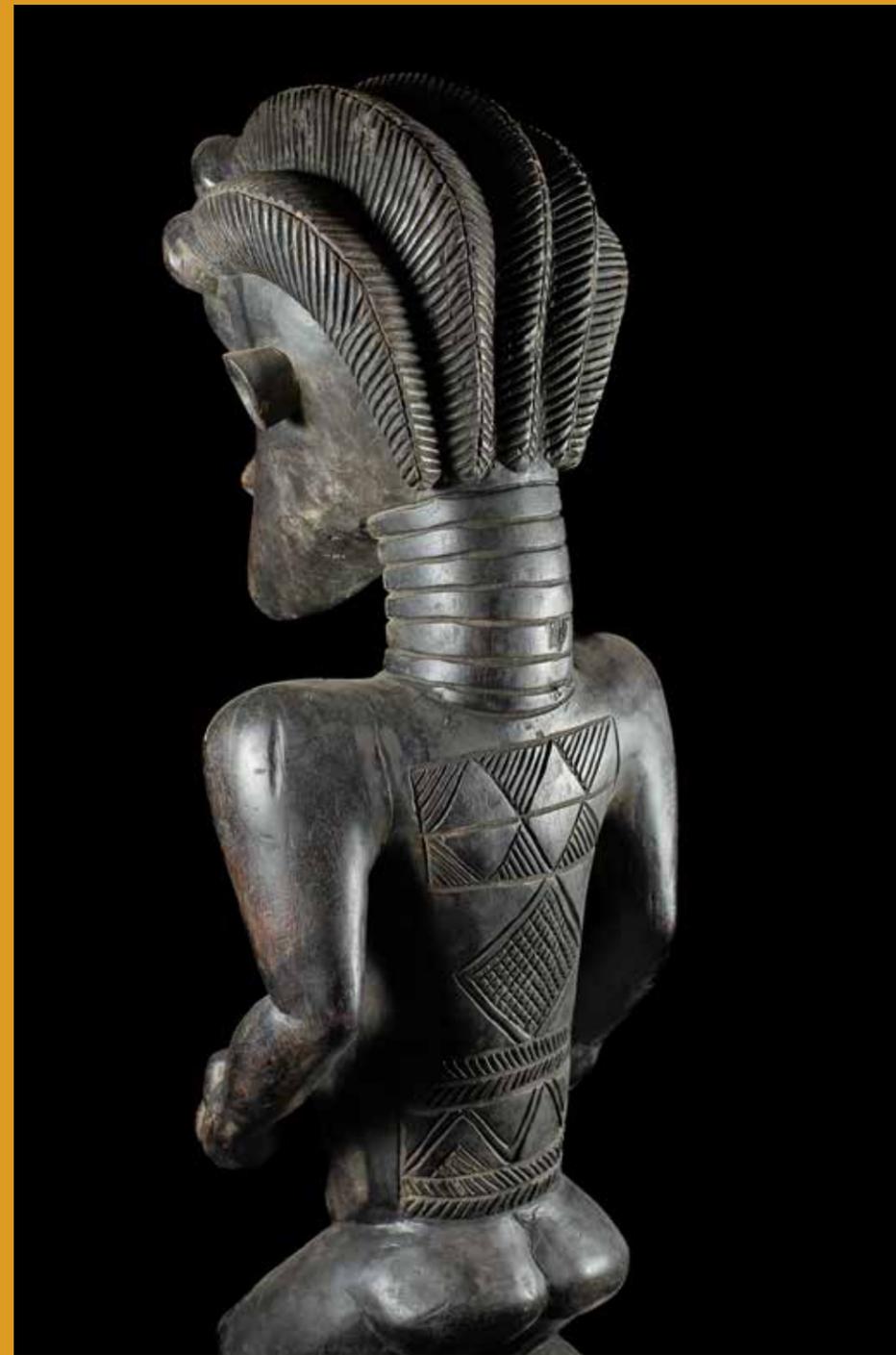
Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Bassa, Grebo, Loma



Escultura Feminina
Autoria não identificada
Etnia Bassa
60 cm x 22,3 cm x 18 cm



Escultura Feminina
Autoria não identificada
Etnia Bassa
74 cm x 24 cm x 18 cm



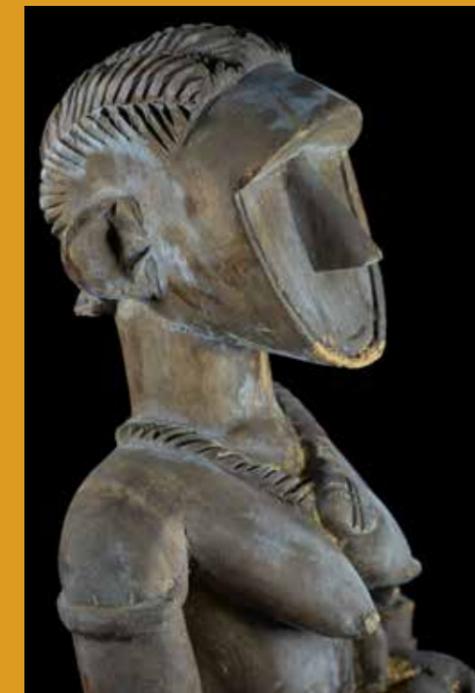
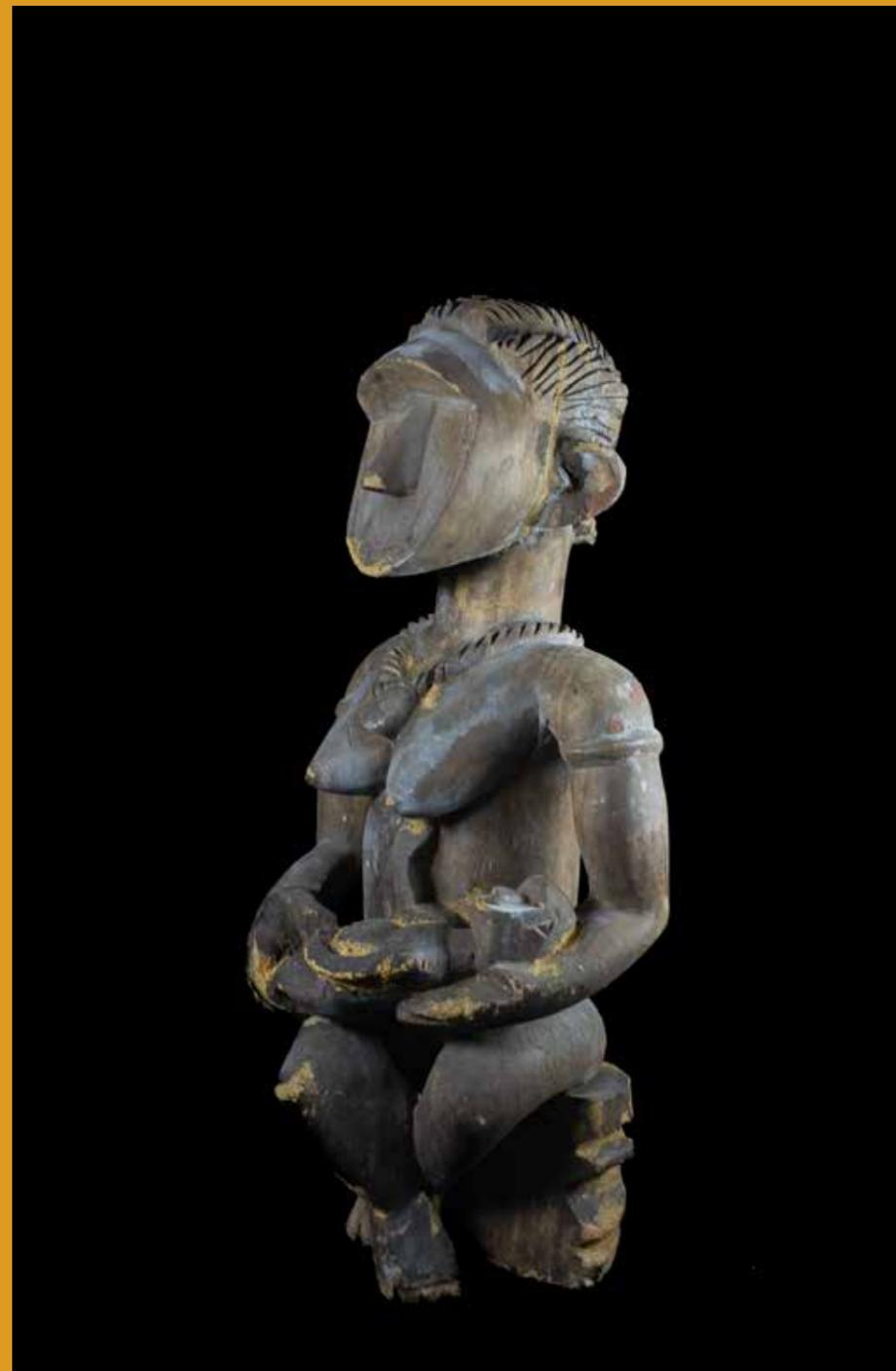
Escultura Feminina
Autoria não identificada
Etnia Bassa
80,3 cm x 27 cm x 21 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Grebo
42,3 cm x 22 cm x 10,5 cm



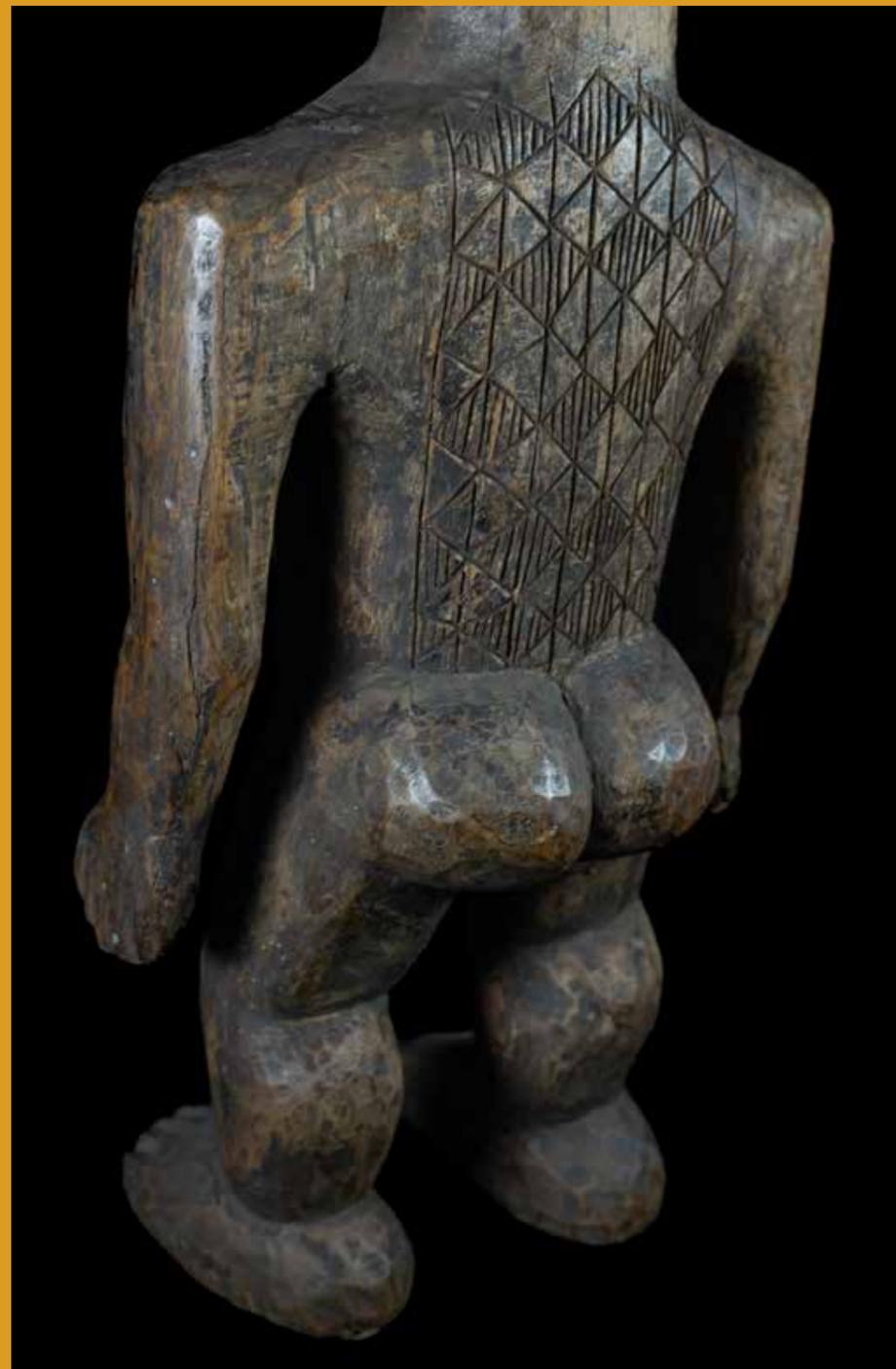
Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Loma
27 cm x 5 cm x 14 cm



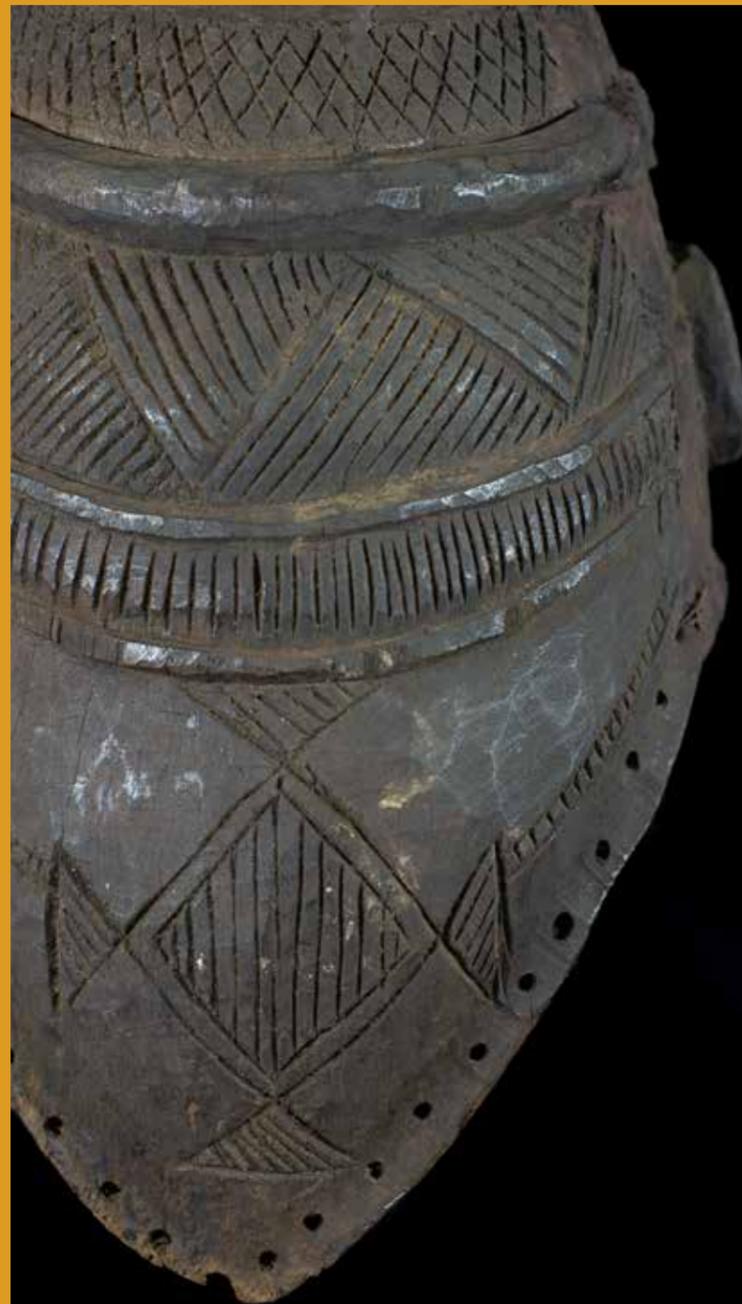
Escultura Feminina com Criança
Autoria não identificada
Etnia Loma
65 cm x 29 cm x 25,5 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Loma
64 cm x 8 cm x 26 cm



Escultura Masculina
Autoria não identificada
Etnia Loma
58 cm x 22 cm x 11 cm



Máscara Capacete
Autoria não identificada
Etnia Loma
41,5 cm x 24,5 cm x 37 cm

MÁLI



Informações Gerais

Localização no continente: África Ocidental

Fronteiras: Mauritânia, Argélia, Níger, Burkina Faso, Costa do Marfim, Guiné e Senegal

Capital: Bamaco

Língua oficial: Francês

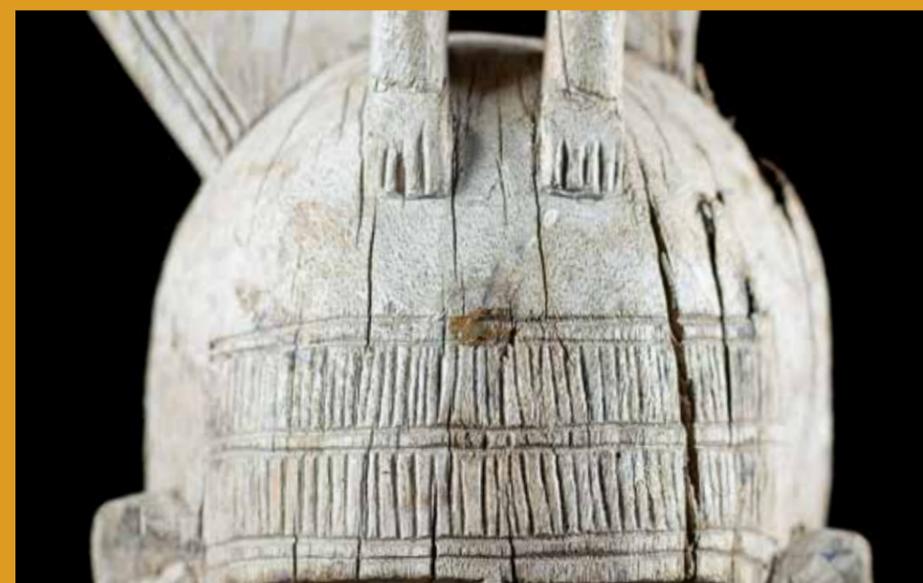
Língua mais falada: Bambara

Independência da colonização francesa: 22 de setembro de 1960

Estimativa da população em 2015: 17.963.218 hab.

Grupos étnicos: cerca de 15

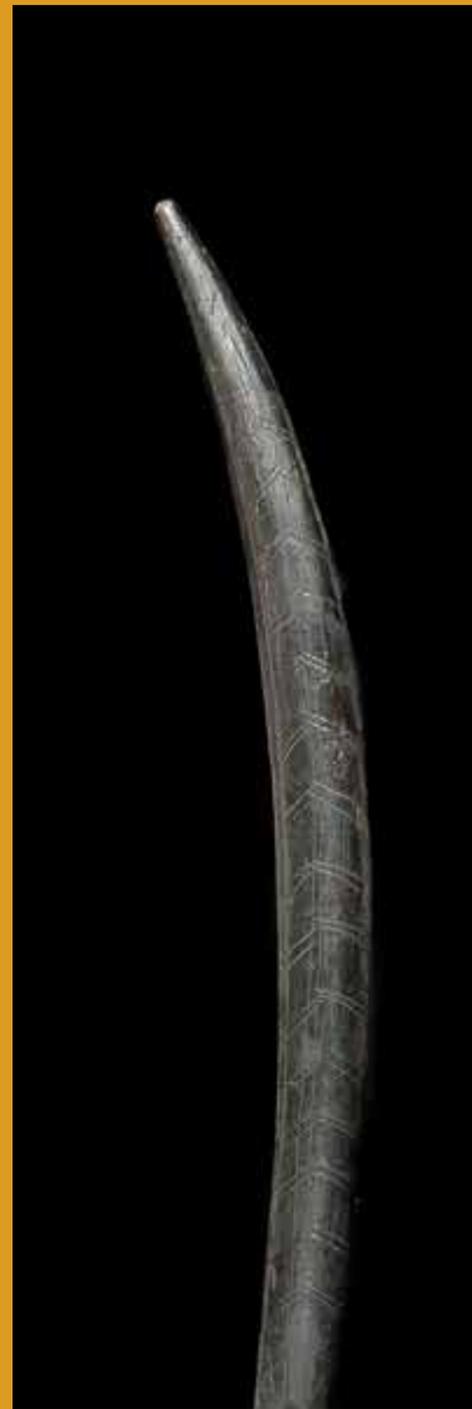
Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Bambara, Dogon, Marka, Bozo



Máscara Facial Ntomo
Autoria não identificada
Etnia Bambara
68 cm x 16,5 cm x 9 cm



Máscara topo de cabeça
Tyi wara
Autoria não identificada
Etnia Bambara
73 cm x 11 cm x 30,5 cm



Máscara topo de cabeça
Tyi wara
Autoria não identificada
Etnia Bambara
34,2 cm x 7 cm x 39 cm



Máscara topo de cabeça
Twi wara
Autoria não identificada
Etnia Bambara
92 cm x 4 cm x 23 cm



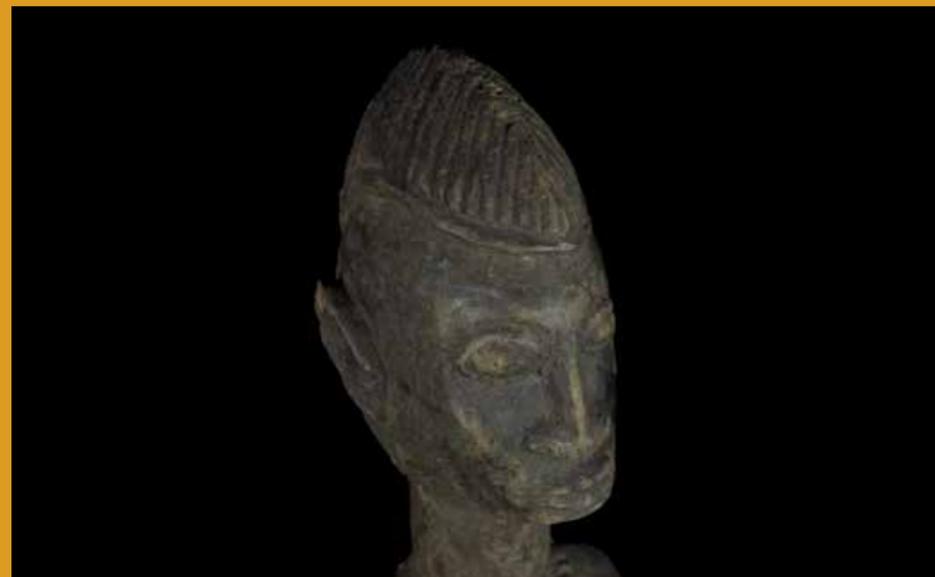
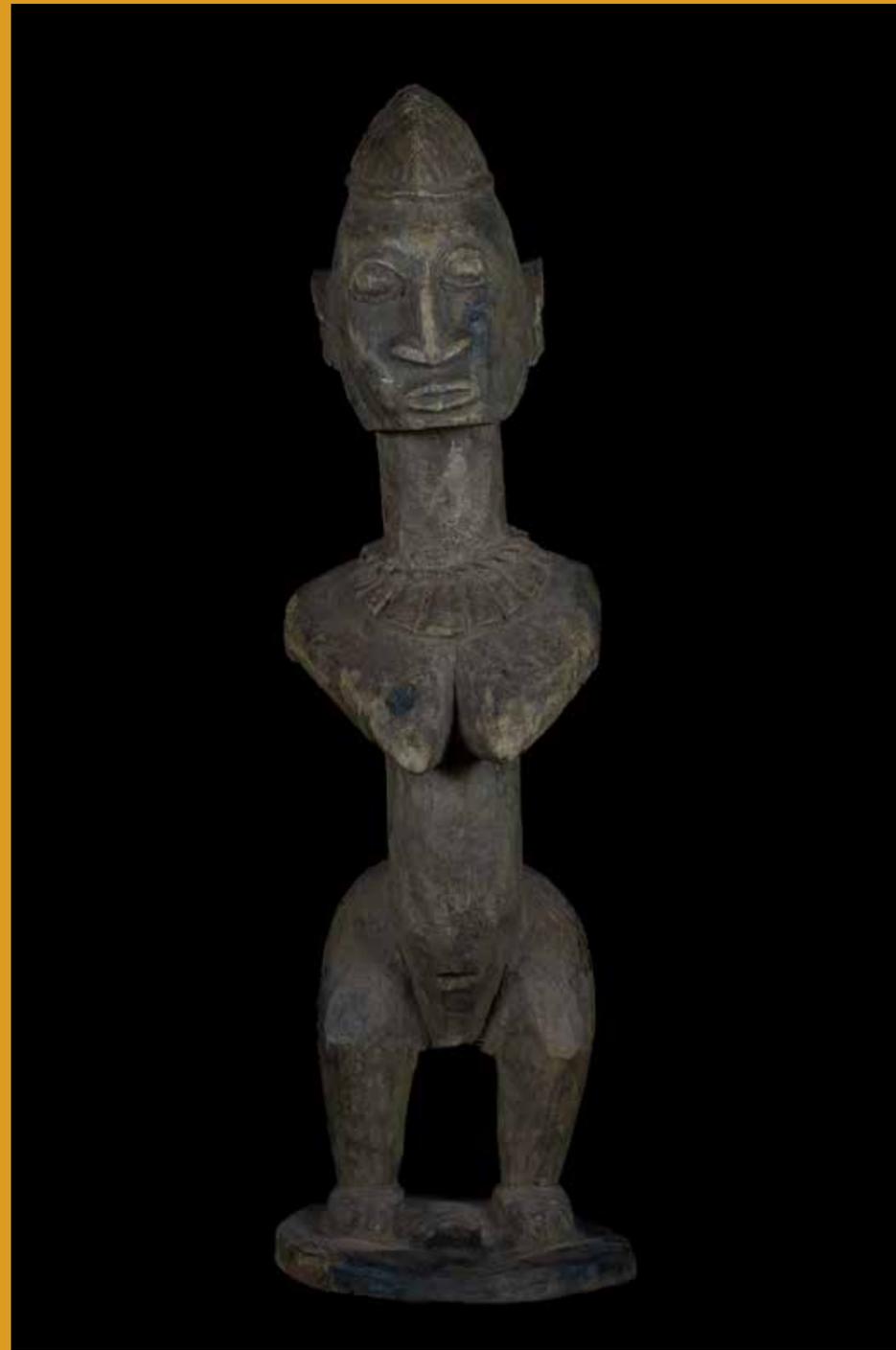
Escultura Feminina com Criança
Autoria não identificada
Etnia Bambara
111 cm x 22 cm x 24 cm



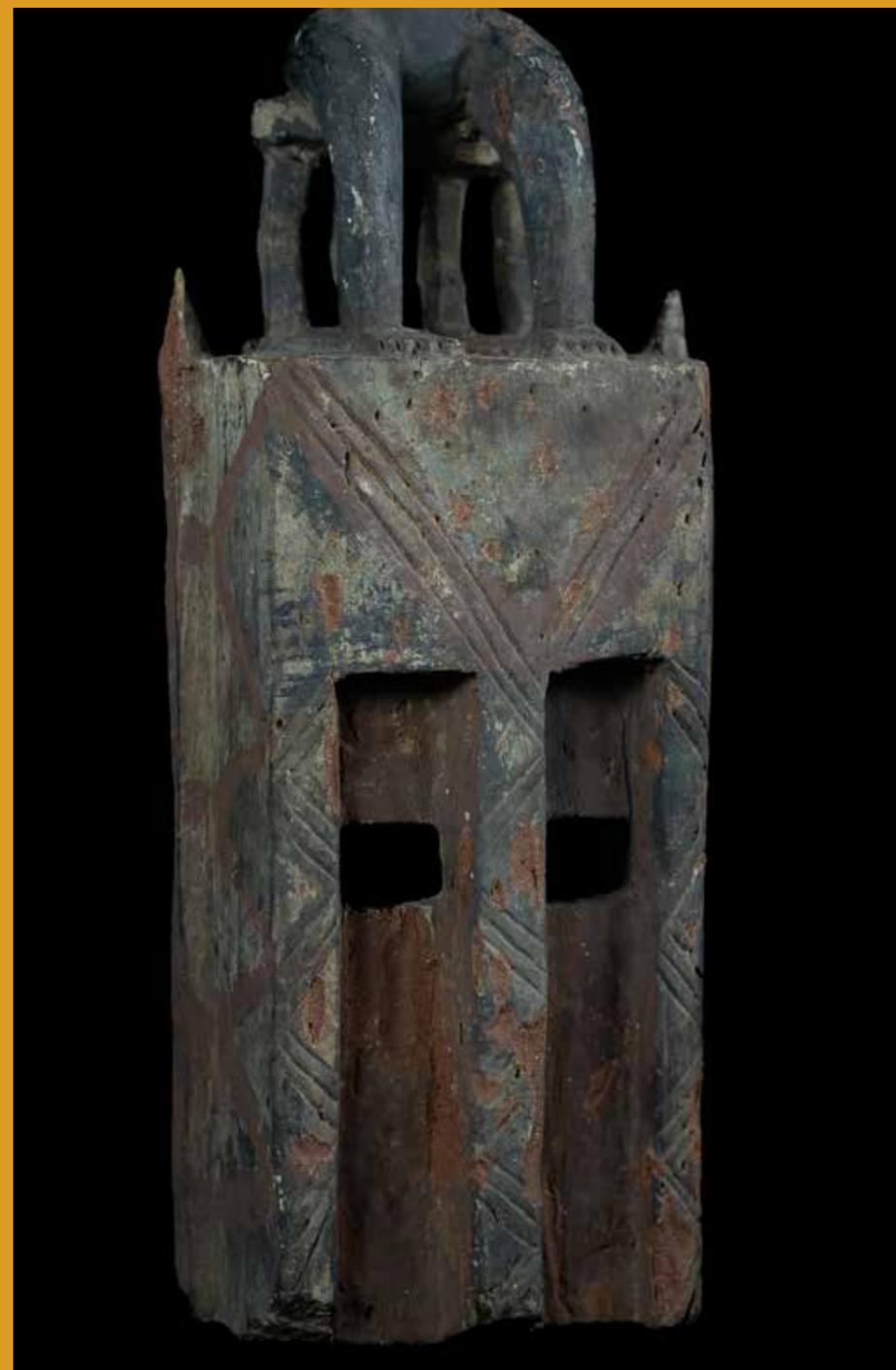
Porta de Celeiro
Autoria não identificada
Etnia Dogon
64 cm x 43 cm x 3 cm
62 cm x 49 cm x 3 cm



Escultura Feminina
Autoria não identificada
Etnia Dogon
40 cm x 12 cm x 12 cm



Escultura Feminina
Autoria não identificada
Etnia Dogon
43,5 cm x 14 cm x 12,5 cm



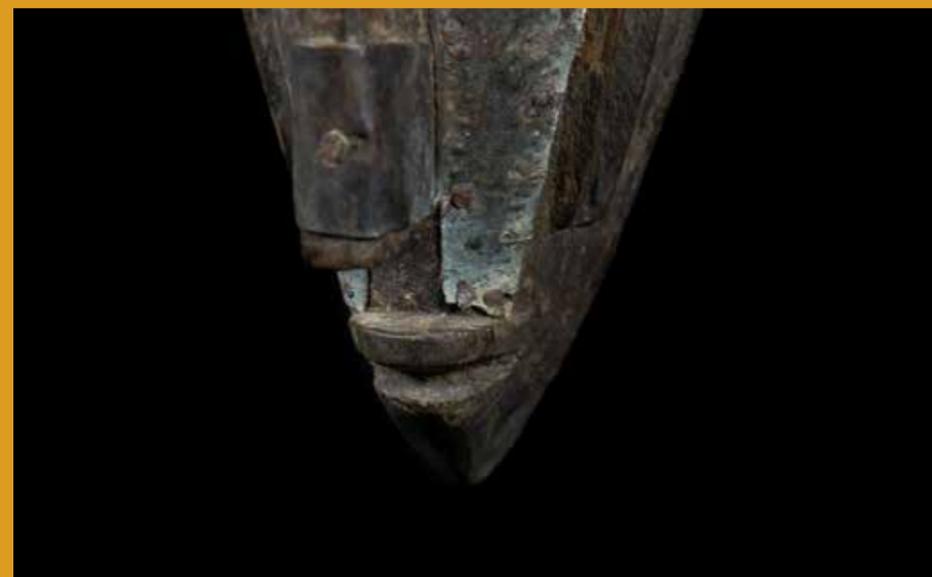
Máscara Facial Satimbé
Autoria não identificada
Etnia Dogon
86 cm x 20,5 cm x 12,5 cm



Máscara Facial Satimbé
Autoria não identificada
Etnia Dogon
79,5 cm x 20 cm x 17 cm



Escultura homem sobre o cavalo
Autoria não identificada
Etnia Dogon
120 cm x 31 cm x 48 cm



Máscara Facial
Autoria não identificada
Etnia Marka
45 cm x 5 cm x 13 cm



Adorno de cabeça
Autoria não identificada
Etnia Bozo
38 cm x 7 cm x 8 cm

NIGÉRIA



Informações Gerais

Localização no continente: África Ocidental

Fronteiras: Níger, Chade, Camarões e Benin

Capital: Abuja

Língua oficial: Inglês

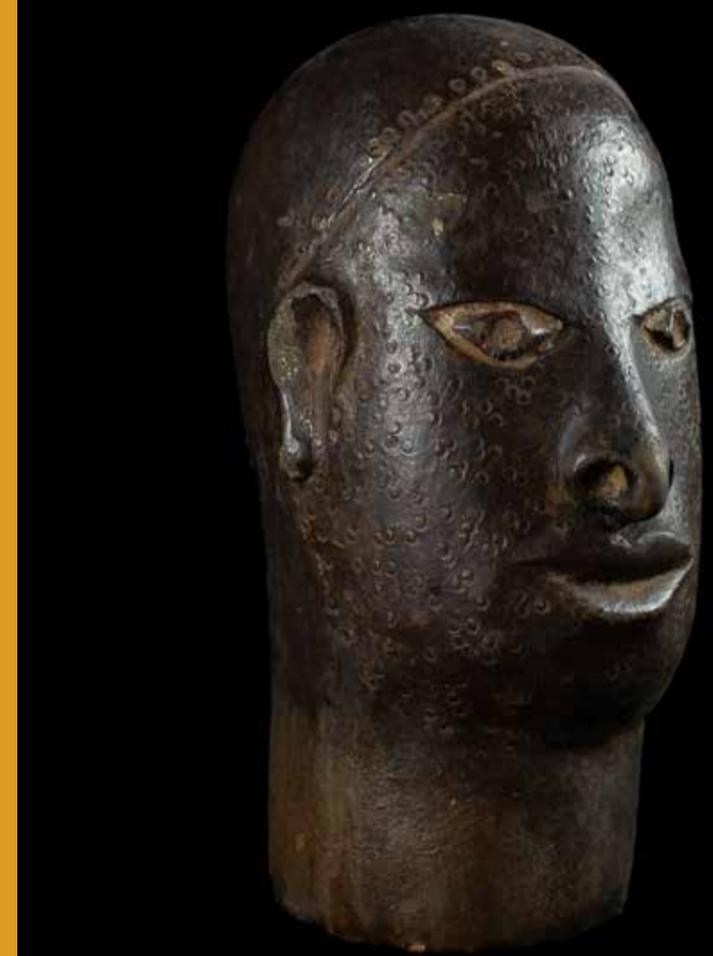
Língua mais falada: Yorubá, Annang, Central Kanuri, Adamawa Fulfulde, Hausa, Igbo, Edo, Efik, Ibibio e Idoma

Independência da colonização inglesa: 1 de outubro de 1960

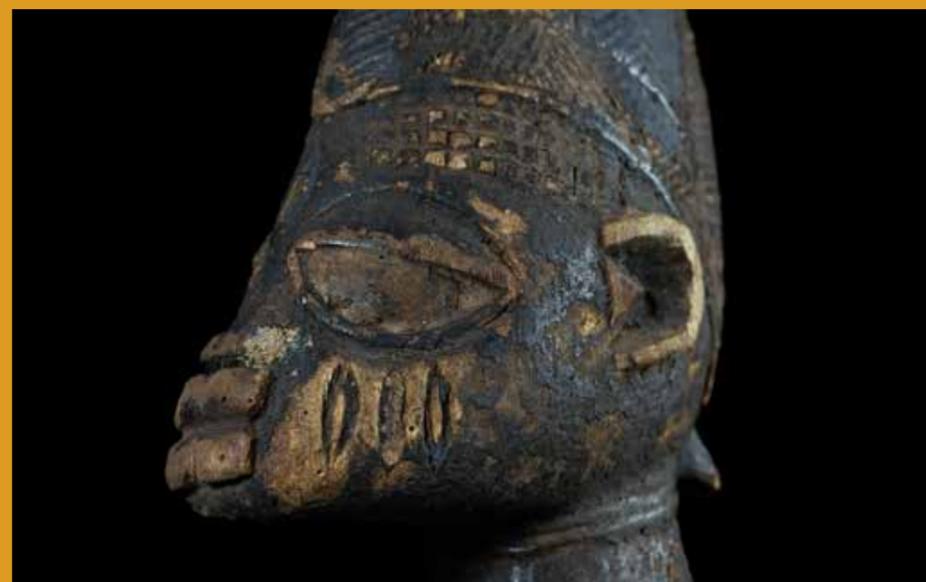
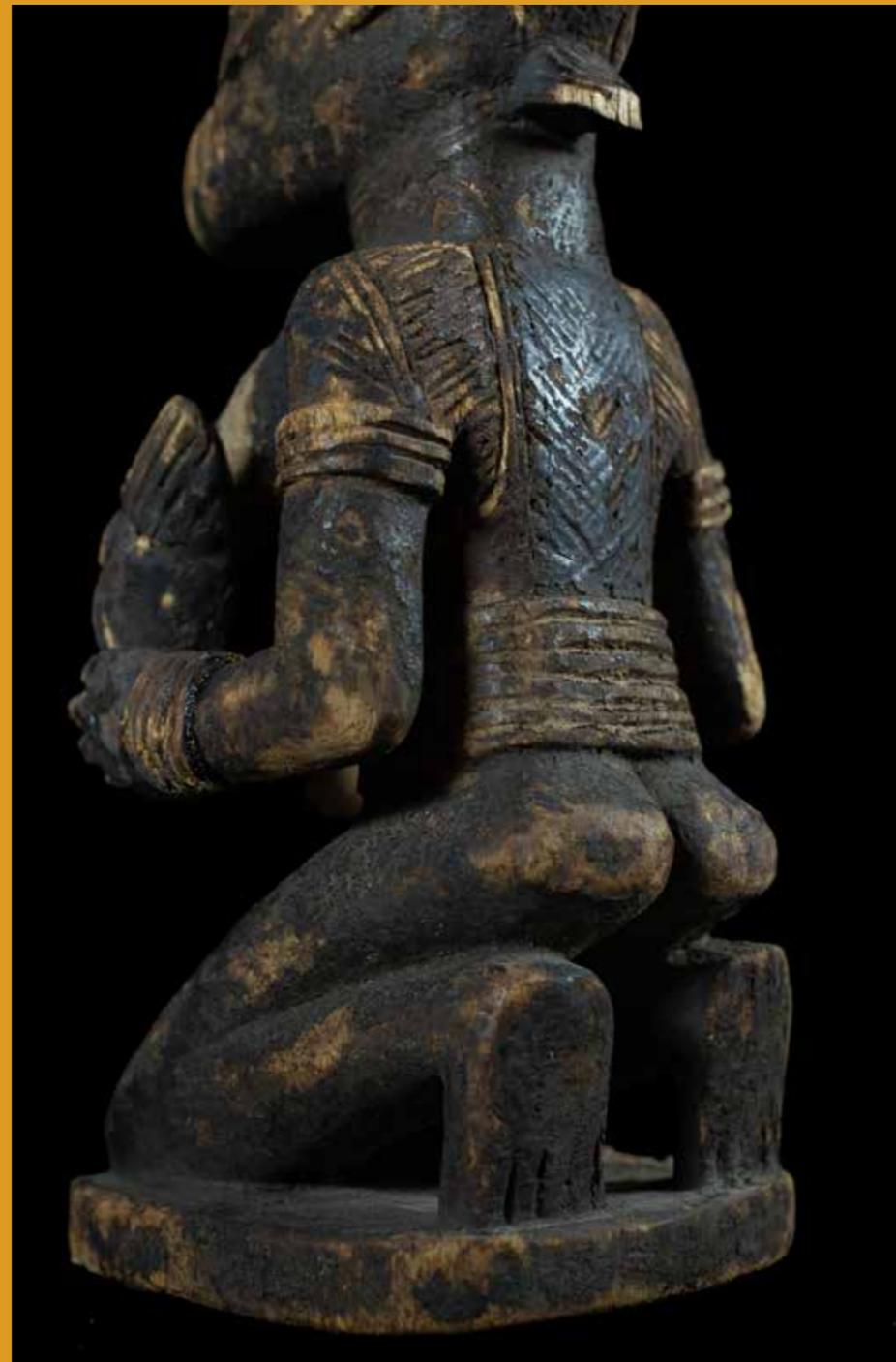
Estimativa da população em 2019: 199.315.249 hab.

Grupos étnicos: mais de 250

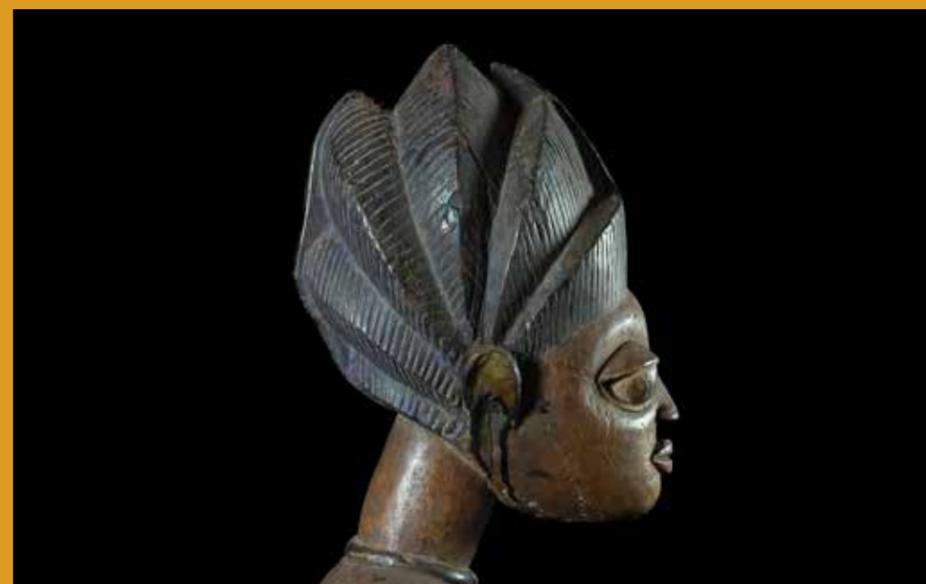
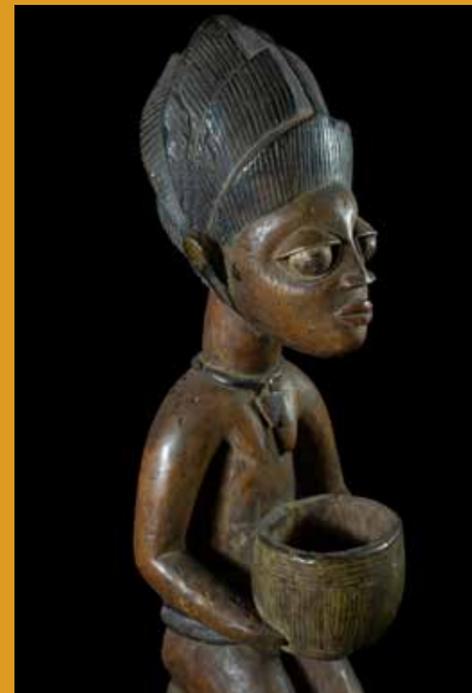
Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Ekoi, Iorubá, Mumuye



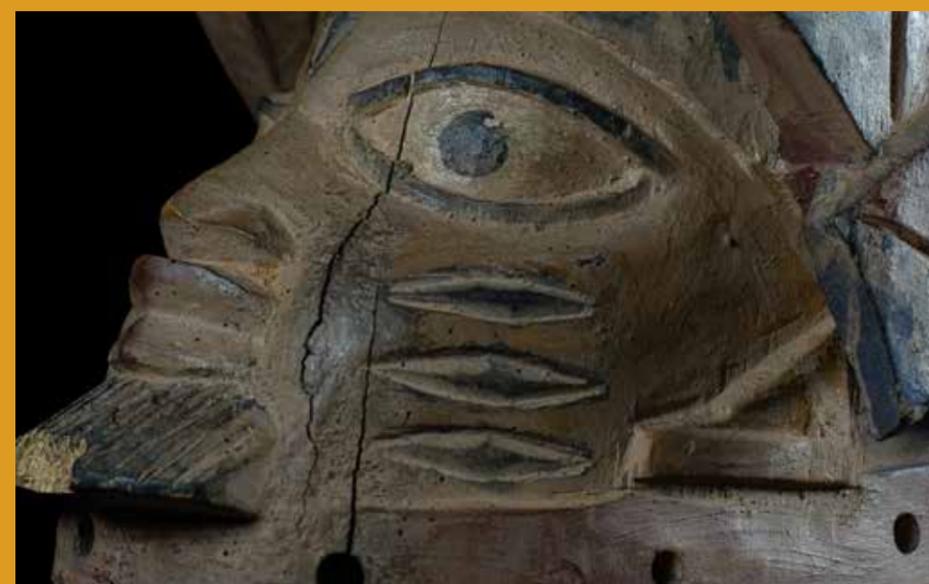
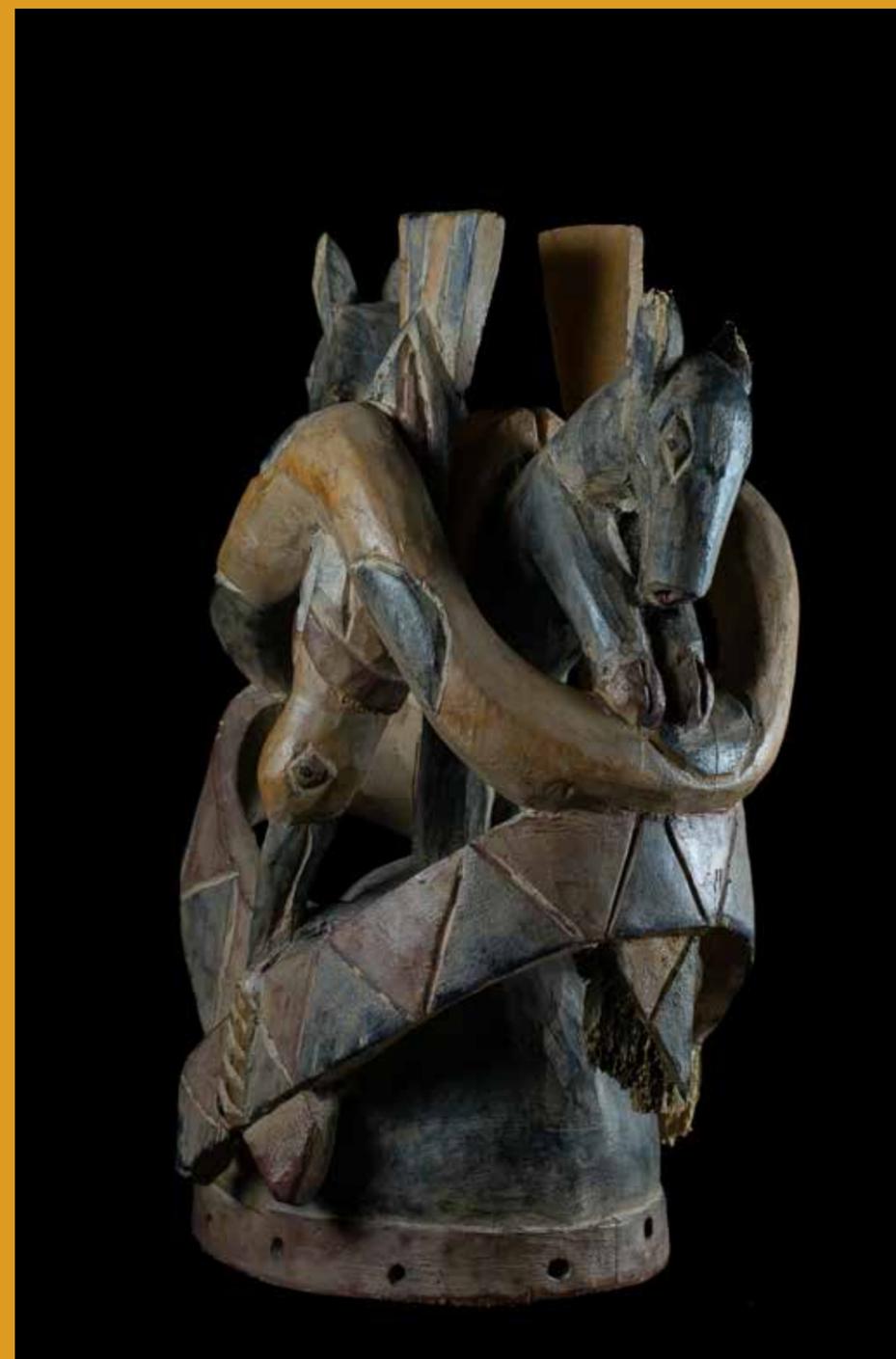
Escultura de cabeça
possivelmente masculina
Autoria não identificada
Etnia Ekoi
20,7 cm x 11,1 cm x 13 cm



Escultura Feminina
Autoria não identificada
Etnia lorubá
40,5 cm x 14 cm x 15 cm



Escultura Olumeye
Autoria não identificada
Etnia lorubá
71 cm x 21,5 cm x 22,3 cm



Máscara de topo
de cabeça Gueledé
Autoria não identificada
Etnia lorubá
45 cm x 24 cm x 17 cm



Máscara de topo
de cabeça Lagalagana
Autoria não identificada
Etnia Mumuye
112 cm x 24 cm x 22,5 cm

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO



Informações Gerais

Localização no continente: África Central

Fronteiras: República Centro-Africana, Sudão do Sul, Uganda, Ruanda, Burúndi, Tanzânia, Zâmbia, Angola e República do Congo

Capital: Kinshasa

Língua oficial: Francês

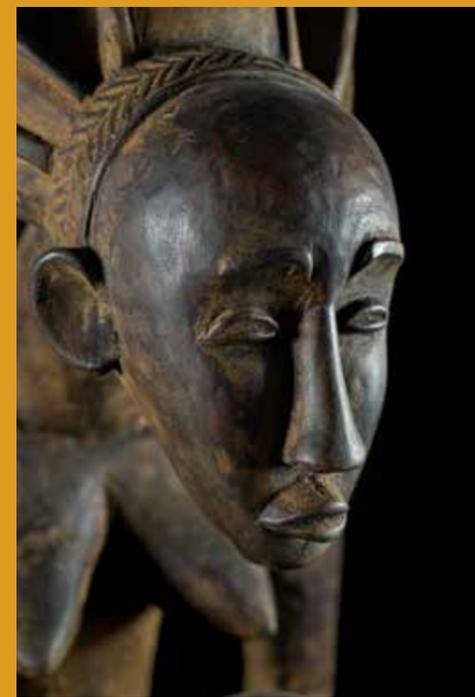
Língua nacional: Lingala, Quicongo, Kituba, Suaíli e o Tshiluba

Independência da colonização belga: 30 de junho de 1960

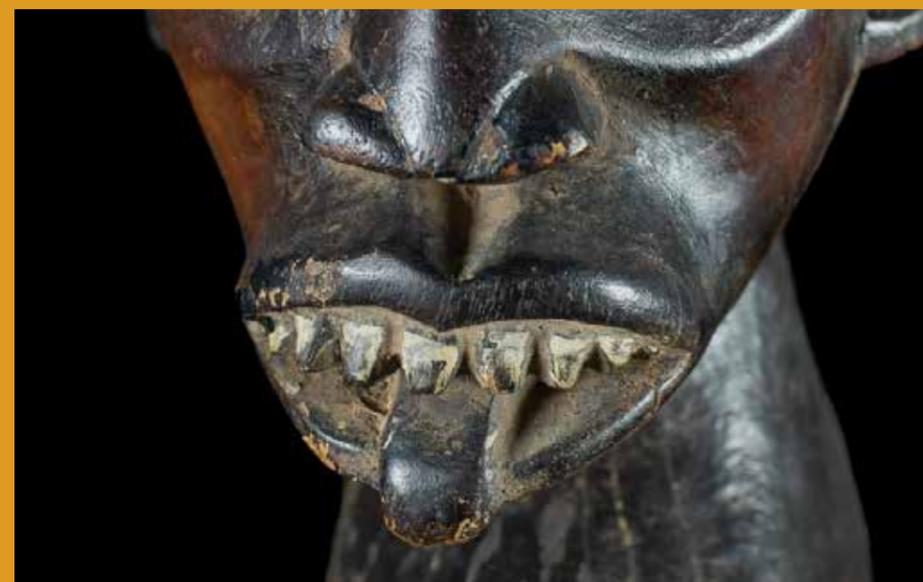
Estimativa da população em 2016: 86.895.208 hab.

Grupos étnicos: cerca de 250

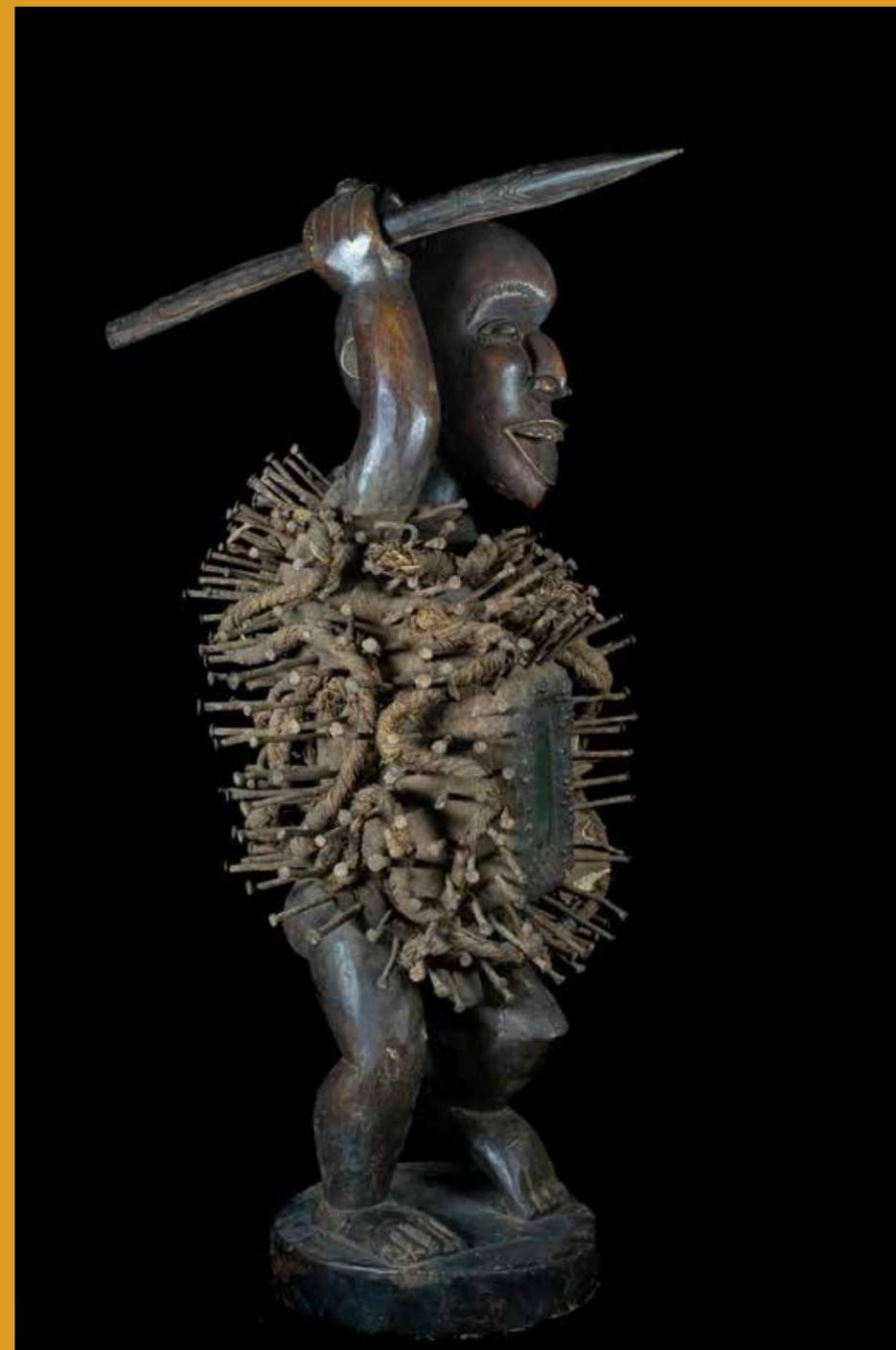
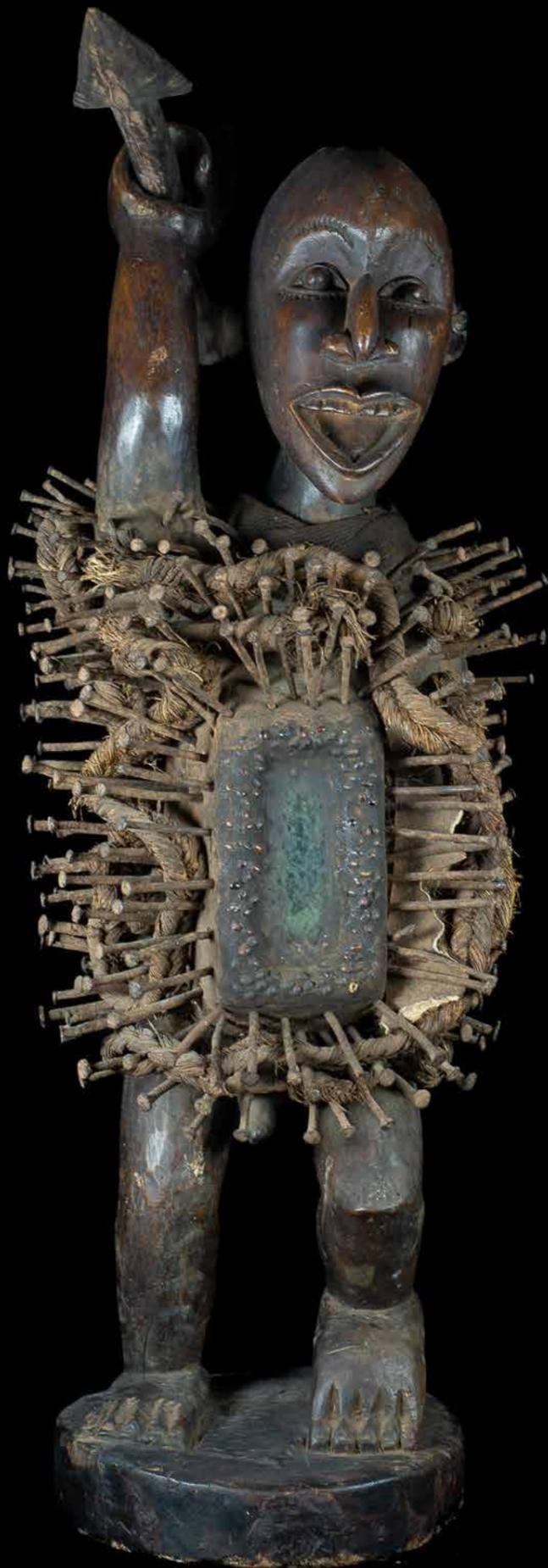
Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Bakongo, Luba



Escultura Mboko
Autoria não identificada
Etnia Luba
80 cm x 29 cm x 31 cm



Escultura Nkisi
Autoria não identificada
Etnia Bakongo
60 cm x 24 cm x 18 cm



Escultura Nkisi Nkondi
Autoria não identificada
Etnia Bakongo
74 cm x 26 cm x 28 cm



Escultura Nkisi
Autoria não identificada
Etnia Bakongo
60 cm x 32 cm x 26,5 cm

SERRA LEOA



Informações Gerais

Localização no continente: África Ocidental

Fronteiras: Guiné e Libéria

Capital: Freetown

Língua oficial: Inglês

Língua mais falada: Krio

Independência da colonização inglesa: 27 de abril de 1961

Estimativa da população em 2016: 6.018.888 hab.

Grupos étnicos: cerca de 16

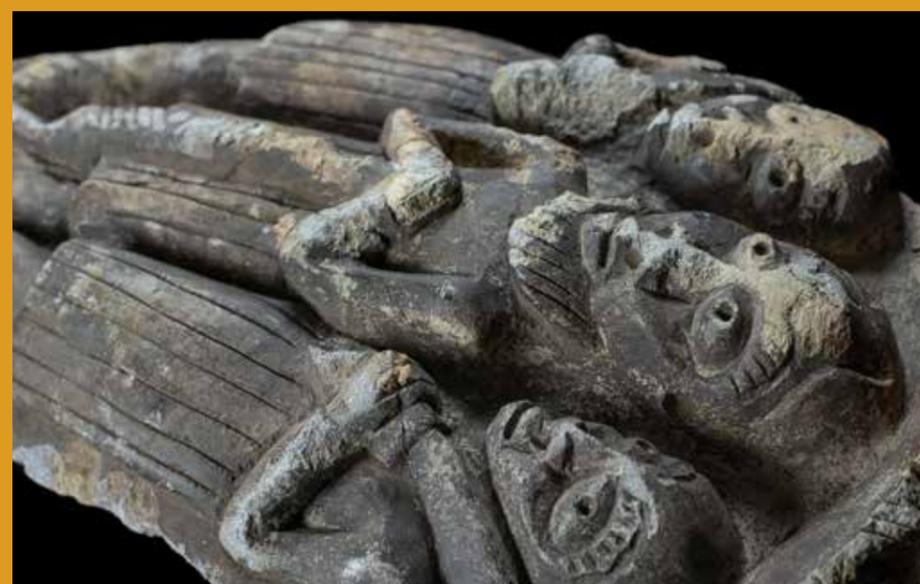
Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Sapi, Mende



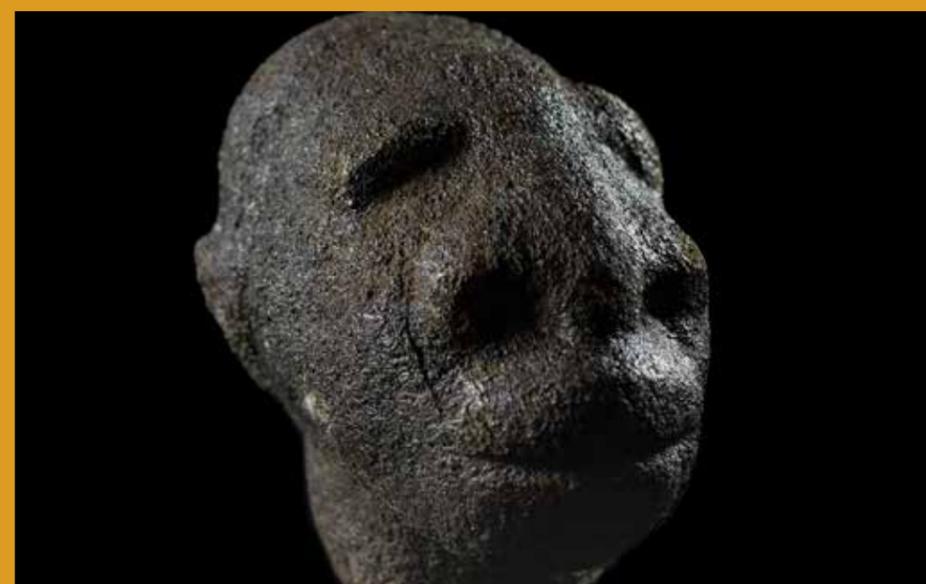
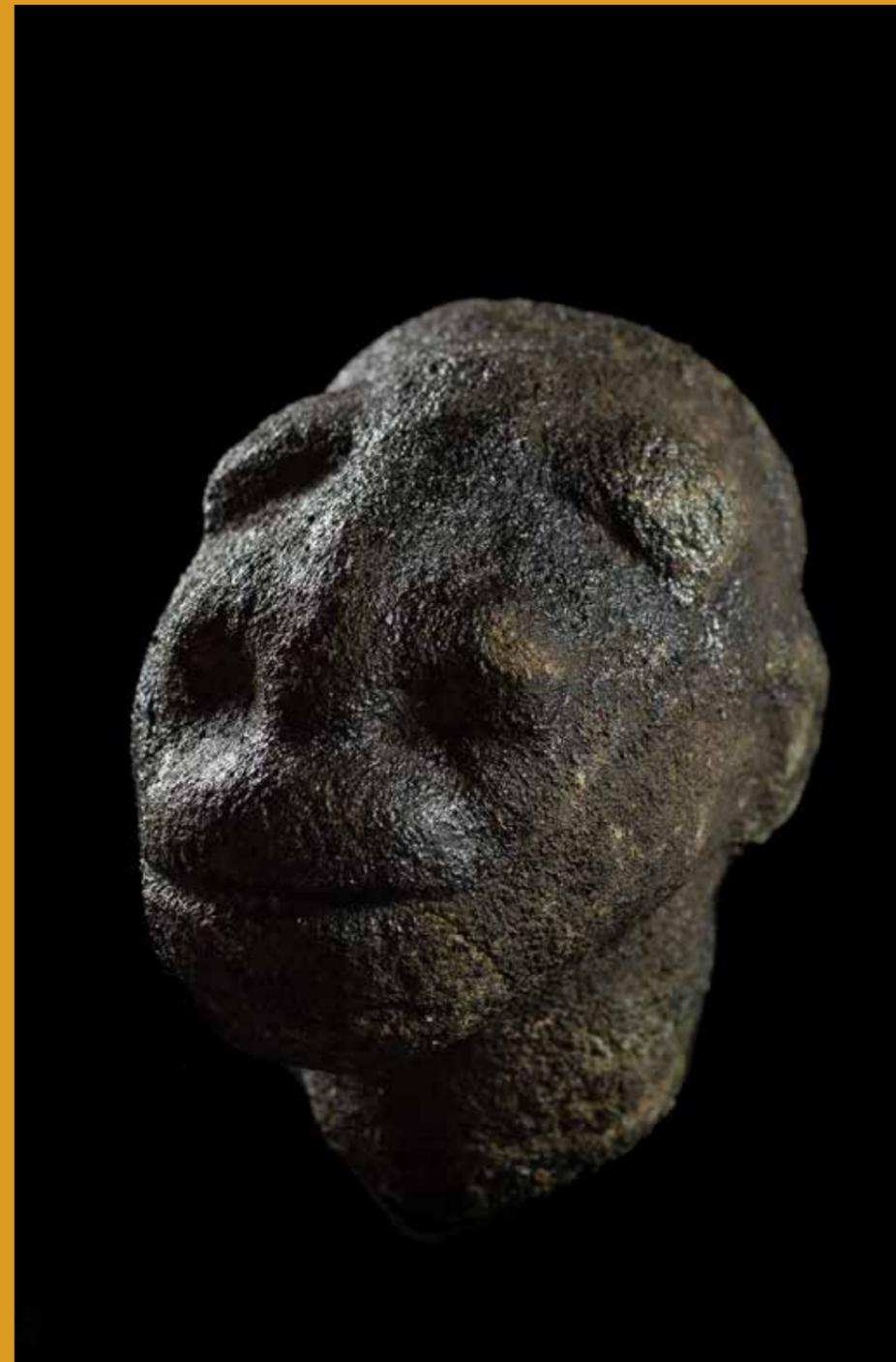
Escultura Nomoli
Autoria não identificada
Etnia Sapi
21 cm x 9 cm x 9 cm



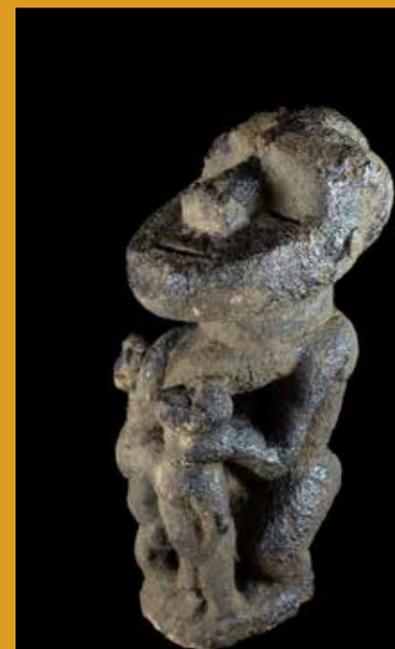
Máscara de topo
de cabeça Soweï
Autoria não identificada
Etnia Mende
38,5 cm x 23 cm x 25 cm



Escultura Nomoli
Autoria não identificada
Etnia Sapi
11 cm x 22,5 cm x 39 cm



Escultura Nomoli
Autoria não identificada
Etnia Sapi
16,5 cm x 12 cm x 21 cm



Escultura Nomoli
Autoria não identificada
Etnia Sapi
38 cm x 12 cm x 18,5 cm

ZIMBÁBUE



Informações Gerais

Localização no continente: Sul da África

Fronteiras: Moçambique, África do Sul, Botsuana e Zâmbia

Capital: Harare

Língua oficial: Cheua (também chamado nianja), Bárue (Chibarwe), Inglês, Kalanga, Coissã (Koisã), Nambya, Ndau, Ndebele, Tsonga (chamado Shangani), o Xona (Shona), língua de sinais zimbabueana, Soto (Sotho), Tonga, Tsuana, Venda e Xhosa

Independência da colonização inglesa: 18 de abril de 1980

Estimativa da população em 2016: 16.150.362 hab.

Grupos étnicos: cerca de 40

Grupos étnicos presentes no acervo MAB: Shona



Escultura Hipopótamo
Autoria não identificada
Etnia Shona
21,5 cm x 19 cm x 48 cm



Artista: Tuca Duarte (@pretilhismo)
Técnica: Pontilhismo



Isabelle de Oliveira Ferreira

Historiadora em formação pela UFPE, produtora cultural e idealizadora do Mandume Coletivo Cultural. Pesquisadora de Cultura Material Africana, especificamente do Acervo de Arte Africana do Museu da Abolição, localizado em Recife-PE. Ao longo de três anos tem atuado como mediadora cultural, educadora social e curadora independente.



Sandir Barros Costa

Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda. Atua como fotógrafo, videomaker e produtor cultural. Atualmente é graduando em Ciências Sociais pela UFRPE.



Wellington Ricardo da Silva

Comunicador social, jornalista, produtor cultural e idealizador do Mandume Coletivo Cultural. Atua como pesquisador no campo da comunicação e das relações étnico-raciais, além de desenvolver projetos de curadoria e formação social.





Ser um dos jovens participantes do projeto Cultura Material Africana (CMA) foi, sem sombra de dúvida, uma experiência inesquecível. O contato que tivemos com as peças do Museu da Abolição, a aproximação com a História que tivemos através das formações, as oficinas de fotografia, tudo isso e um pouco mais, foram atividades que na minha opinião

fizeram o projeto ser bastante dinâmico, objetivo e proveitoso. Ser um dos/as jovens negros/as que fizeram parte da construção do primeiro catálogo fotográfico de arte africana do Museu foi um privilégio sem tamanho. Todos os encontros foram repletos de conteúdos dignos de serem levados na bagagem da vida.

A oportunidade que eu tive de conhecer ainda mais sobre as histórias da arte, do próprio Museu, da fotografia e do povo em diáspora ficará sempre em minha memória. No fim e por fim, o sentimento que ficou foi o de gratidão!

Obrigado!

Jefferson Henrique da Silva





A felicidade tomou conta do meu ser no instante em que soube da minha aprovação no CMA, lisojeada em saber que participaria de um projeto cultural tão importante. Além de ser uma ação que fortalece nossos laços com a ancestralidade, esse projeto foi criado por jovens pretos para jovens pretos, a partir desse lindo acervo de arte africana presente em Pernambuco e que atua fortemente no campo da representatividade para toda a comunidade afro-pernambucana. Esse projeto cultural ofertou a possibilidade de conhecer pessoas maravilhosas, compreensivas, de trajetórias e vivências diversas que se encontraram devido ao projeto; dos organizadores – Isabelle, Wellington e Sandir – aos demais integrantes – Suênia, Sales, Thuayne e Jefferson –, obrigada; trocas sobre narrativas de experiências de vida, conversas distraídas nos encontros do sábado à tarde e muito mais. Saudades imensas.

Como graduanda em História pela Universidade Federal de Pernambuco, e a partir do meu interesse pela área museal, esse projeto foi e é muito agregador diante dos conhecimentos que posso aprender e compartilhar. No projeto CMA ocorreram ricos debates teóricos sobre a diáspora africana, a arte africana, sobre como essas peças chegam aos museus – no caso, extraviadas –, sobre como se constitui um acervo e sobre o processo de aquisição dessas peças para o presente acervo africano no Museu da Abolição. Além de trabalhar nas aulas noções de fotografia, as quais tiveram como resultado o ensaio fotográfico das máscaras e esculturas afro, produzido por nós, integrantes e organizadores, para a produção do primeiro catálogo desse acervo.

Atento para o fato de que precisamos conhecer, reconhecer e afirmar que a África é bastante rica culturalmente, intelectualmente, tecnologicamente e espiritualmente. Necesita-se olhar para África a partir da resignificação dos preconceitos instaurados, saber suas potências e respeitar tais identidades. Devemos nos reconhecer como parte desse local, não para reivindicar o território, e sim para

saber que nossas raízes advêm desse lugar cheio de cosmovisões. A você, Leonelo, filho da terra de Moçambique, dedico esta lembrança, diante do diálogo enriquecedor e acolhedor que tivemos em Salvador/Bahia; os orixás, nossos ancestrais colaboraram para que esse lindo encontro acontecesse. Agradecida por sua visão.

É importante ressaltar que essas formações aconteceram durante a pandemia da Covid-19, quando houve uma baixa nas mortes e os estabelecimentos em geral voltaram a contar com o acesso do público. Nesse contexto, cada sábado de formação no Museu era maravilhoso. Acordar e saber que tinha um encontro (porque estávamos em isolamento e com pouco contato humano), e no qual haveria trocas de conhecimentos, presenças, brincadeiras, afro-fofocas... O carinho dos organizadores foi incrível. Além de posar/modelar para fotos dos(as) parceiros(as) de projeto que estavam aprendendo a fotografar. No nosso último encontro realizamos a produção das fotos e trabalhamos coletivamente na montagem do cenário, nas fotografias, na manipulação das peças e na gravação dos depoimentos para o projeto – sim, houve nervosismo. Muita coisa para expressar sobre a importância desse projeto para a juventude preta, com relação ao conteúdo tanto teórico quanto prático.

Como afirma o Professor Dr. José Bento em aula na graduação, sobre África não ser isso ou aquilo, podendo ser isso e aquilo. Podemos acolher, conhecer e abranger sob o olhar de diversas realidades. Eu escolho os conhecimentos advindos da ancestralidade. O CMA proporcionou vivências de referências, a Oxalá, em pleno sábado, e conversas sobre assuntos acadêmicos, sociais e culturais afro-brasileiros, cuidado, carinho e atenção por parte de todos. Almejo dizer que foi e é uma imensa honra ter participado desse projeto cultural tão lindo e gigante, por todos que participaram.

Luana de Oliveira Vasconcelos





Me lembro sem muitos esforços da primeira vez que visitei o Museu da Abolição. Com facilidade sou resgatada pelas memórias de experiências em dimensões sensoriais, simbólicas, afetivas y espirituais das quais fui inundada, sentidos y sentimentos estes que escalonam na medida em que as dimensões me levavam em direções de sonhos pujantes

bem parecidos com um caminhar tranquilo ao entardecer na beira-mar, por exemplo. Começo dispondo essa posição do MAB em minhas lembranças, pois ele é um ponto elementar desse resultado; foi fulcral para os encontros, como os encontros entre Isabelle, Wellington e Sandir, que culminaram em mais encontros; y pontuando a memória, porque através do seu suporte, o tempo, pude me sentir reavivada pelos ares de resgate a esta dimensão dos sonhos.

Uma passagem no prelúdio do livro *A dívida impagável*, de Denise Ferreira da Silveira, chamado “Carta à leitora preta do fim dos tempos”, de Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi, diz: “Aqui nesse momento desarmamos o nosso corpo coletivo, e, como máquina de guerra, nós aqui desistimos das memórias trágicas. Olhamos para frente e continuamos um futuro onde possamos recriar nossa existência”. De posse desta passagem convido você leitora/leitor a olhar para as possibilidades do agora, não se esquecendo do passado (se atinando de que o apagamento está agrilhado à invisibilidade), mas com a percepção de que, para eu hoje sonhar e me confortar compenetrada na imensidão do mar, tantas outras y outros que vieram antes de mim precisaram aprender a nadar.

Sales Pas Mesmo





Soube do projeto de formação CMA através das divulgações via mídias sociais, e, no momento em que vi, me identifiquei bastante com a proposta de um projeto criado por jovens negros para outros jovens negros. No momento da minha inscrição fez-se necessário o preenchimento de um formulário e nele enviar um relato acerca das “Memórias e

vivências do meu corpo preto”. Ter escrito algo dentro dessa temática foi uma imersão muito profunda na subjetividade da minha negritude, sendo um exercício interessante. Assim, desde a inscrição o CMA já deixou um marco importante na minha trajetória. Com o envio da minha inscrição, aguardei ansiosa pelo resultado, e, ao saber da minha aprovação na seleção, me enchi de felicidade.

No primeiro dia do projeto, eu pude conhecer Sales, Luana, Jefferson e Thuanye, que foram selecionados junto comigo para fazer parte dessa experiência. Ao longo do projeto me encontrei em um ambiente muito profissional – todavia, bastante acolhedor –, em que o conhecimento era guiado pelos produtores culturais – Isabelle, Wellington e Sandir –, que mostravam os caminhos para a melhor compreensão dos conteúdos abordados, embora deixassem um espaço aberto para o diálogo, ouvindo o que todos tinham a agregar durante as formações. Desse modo o CMA passou a ser um espaço coletivo de construção de conhecimento.

Ter contato com as máscaras e esculturas foi um exercício muito importante enquanto graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pernambuco, assim como entender o que representa a chegada delas ao Museu da Abolição.

Como historiadora em formação, para mim foi fundamental me inteirar das discussões sobre a materialidade cultural da África, já que o continente africano e a história da população preta não são vistos dentro das suas pluralidades e especificidades. Além disso, são permeados por narrativas de pobreza, dor e sofrimento, o que me gera

muita inquietação, na graduação. Tratar dessa região pelos seus aspectos culturais me parece uma possibilidade bem agradável e viável para o futuro da pesquisa e do ensino em história da África.

Uma etapa crucial para mim nesse projeto foi a parte fotográfica, um momento bem desafiador, visto que eu não havia tido contato com essa linguagem artística de forma profissional; pude, no entanto, me conectar com essa linguagem, e foi excelente. Além de tudo isso, o momento final foi incrível, no qual, em nosso último encontro, pudemos fotografar algumas peças que estão neste catálogo. Após os ensinamentos de Sandir, chegou o dia de tirar a foto das peças, que foi um processo longo e detalhado, de um dia inteiro, para fotografar dez peças. No entanto, ao final desse dia foi muito gratificante ver o resultado de todo o processo de aprendizagem.

Com o fim dessa experiência, saí muito agradecida e contente pela oportunidade de integrar um projeto que agregou tanto à minha realidade acadêmica e profissional quanto à minha personalidade, já que as trocas existentes dentro do CMA foram fundamentais no meu processo de aprendizagem e aprimoramento. Tenho muito orgulho e carinho de ter feito parte da construção desse projeto com outros jovens talentosos, que tanto me ensinaram.

Suênia Vieira Damásio





Em 1978, Abdias Nascimento, em sua obra intitulada *O genocídio do negro brasileiro*, reivindica que o “governo estabeleça museus de arte com finalidade dinâmica e pedagógica de valorização e respeito devidos à cultura afro-brasileira”, afirmando que os mesmos deveriam ser criados nos estados que tivessem maior expressividade da po-

pulação negra, como é o caso de Pernambuco. 42 anos depois, me encontro eu, mulher negra, nordestina e periférica, participando de um projeto no Museu da Abolição que daria voz a essas reivindicações, que por tanto tempo o movimento negro buscou tornar realidade. O Projeto CMA, com a criação do primeiro catálogo de arte africana da instituição, conseguiu promover em todo o seu processo de execução uma profunda conexão entre ancestralidade e descolonização dos nossos olhares sobre a arte africana e de diáspora.

Através das aulas ministradas por Isabelle Ferreira e Wellington Silva, pude aprender sobre o processo histórico e cultural do continente africano, principalmente da África Ocidental; sobre a chegada e a pesquisa das peças de arte africana que fazem parte do acervo do Museu da Abolição; e sobre como podemos propor novas narrativas para essa arte, desmistificando essa perspectiva branca e colonial que insiste em tratar a cultura africana como primitiva, exótica e folclórica.

Possuir o privilégio de ter esse contato direto com as máscaras e esculturas que foram fotografadas por nós, assim como compreender um pouco do universo de cada peça, do que elas representam para cada grupo étnico, e o país de onde vieram, foi uma experiência emocionante para mim. Pude ver de perto o quanto a cultura africana é linda, rica e diversa. Senti-me pertencente a ela e vi o quanto ela está presente em mim. E esse resgate da nossa herança ancestral deveria ser uma realidade presente na vida de cada pessoa negra nascida no Brasil. Conhecer a história dos nossos antepassados é conhecer a nossa própria história. É saber quem somos e ao que pertencemos, e ter

orgulho disso. É se reencontrar... E espero que cada parte deste catálogo desperte esse sentimento em vocês. E isso só foi possível graças a essa equipe preta maravilhosa que construiu esse projeto, e ao fotógrafo Sandir Costa, que nos ensinou como transpassar a sensibilidade dos nossos olhares sobre as peças africanas em cada fotografia que conseguimos registrar.

Obrigada pela oportunidade de fazer parte desse momento tão significativo para nós. Obrigada por cada conversa, cada risada, cada troca. Obrigada por cada conhecimento compartilhado. Saí desse projeto não somente conhecendo mais sobre o nosso povo, mas fortalecida de um jeito que só quem vivenciou esses dois meses de realização do projeto pode entender.

Axé!

Thuanye Maria Duarte Rocha





Páginas: 11
Nome da Peça: Cachimbo
Materiais: Madeira, corda, pregos, cabaça



Páginas: 17
Nome da Peça: Escultura Masculina
Materiais: Madeira



Páginas: 22
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira



Páginas: 13
Nome da Peça: Escultura Feminina
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 18
Nome da Peça: Escultura Masculina
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 23
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 14
Nome da Peça: Escultura Feminina
Materiais: Madeira



Páginas: 19
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira



Páginas: 24
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira com tecido e búzios



Páginas: 15
Nome da Peça: Máscara Capacete
Materiais: Madeira



Páginas: 20
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 25
Nome da Peça: Escultura Lu Me
Materiais: Madeira



Páginas: 16
Nome da Peça: Máscara Capacete
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 21
Nome da Peça: Escultura Feminina
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 26
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira e tecido



Páginas: 27
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira, tecido, fibras vegetais e conchas



Páginas: 32
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira, com miçangas, fibras (corda) e metal



Páginas: 37
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 28
Nome da Peça: Colher Cerimonial Wakemia
Materiais: madeira com entalhe em metal (dentes)



Páginas: 33
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira



Páginas: 38
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira policromada e fibras de tecido, pregos de metal, chifre de animal e couro



Páginas: 29
Nome da Peça: Colher Cerimonial Wakemia
Materiais: madeira



Páginas: 34
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 39
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira, tecido e ossos



Páginas: 30
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira, couro de animal com pelos, búzios, ferro e tecido



Páginas: 35
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 40
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira policromada, tecido, metal e conchas



Páginas: 31
Nome da Peça: Máscara Facial Deangle
Materiais: Madeira



Páginas: 36
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 41
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira, tecido com cores diversas, búzios, metal, penugem e pelos de animais



Páginas: 42
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira, tecido,
búzios, fibra vegetal e metal



Páginas: 48
Nome da Peça: Escultura
Mbulu Ngulu
Materiais: Madeira e metal



Páginas: 54
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 43
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira, tecido, metal,
couro, pelos de animais, búzios e
espelhos



Páginas: 49
Nome da Peça: Máscara
Facial Ekuk
Materiais: Madeira



Páginas: 55 e 56
Nome da Peça: Banco Sese
dwa em estilo mmaa dwa
Materiais: Madeira policromada
com colagem de miçangas, metal
e marchetaria



Páginas: 44
Nome da Peça: Máscara
Facial Kpeliye'e
Materiais: Madeira



Páginas: 50
Nome da Peça: Máscara
Facial Ekuk
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 58
Nome da Peça: Escultura feminina
Materiais: Madeira policromada
com pino incorporado à peça
de sustentação



Páginas: 45
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira



Páginas: 51
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira



Páginas: 59
Nome da Peça: Máscara de
ombro Nimba
Materiais: Madeira e ferro (pregos)



Páginas: 47
Nome da Peça: Escultura
Mbulu Ngulu
Materiais: Madeira e metal



Páginas: 52
Nome da Peça: Fole de Forja
Materiais: Madeira policromada,
couro (na base pino para encaixe)



Páginas: 60
Nome da Peça: Escultura Nimba
Materiais: Madeira



Páginas: 61
Nome da Peça: Escultura Nimba
Materiais: Madeira



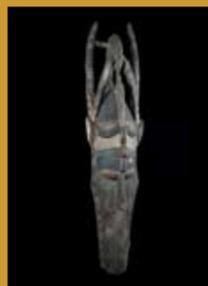
Páginas: 66
Nome da Peça: Tambor
Materiais: Madeira, couro e fibras



Páginas: 71
Nome da Peça: Máscara Capacete
Materiais: Madeira policromada e vidro



Páginas: 62
Nome da Peça: Escultura Nimba
Materiais: Madeira



Páginas: 67
Nome da Peça: Máscara Facial Banda
Materiais: Madeira



Páginas: 72
Nome da Peça: Máscara de ombros Zigiren-Wunde
Materiais: Madeira policromada (vermelho, preto e branco)



Páginas: 63
Nome da Peça: Escultura Nimba
Materiais: Madeira



Páginas: 68
Nome da Peça: Adorno de cabeça Bansonyi
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 73
Nome da Peça: Escultura Elek
Materiais: Madeira



Páginas: 64
Nome da Peça: Escultura Nimba
Materiais: Madeira



Páginas: 69
Nome da Peça: Adorno de cabeça Bansonyi
Materiais: Madeira



Páginas: 74
Nome da Peça: Escultura Elek
Materiais: Madeira



Páginas: 65
Nome da Peça: Escultura Nimba
Materiais: Madeira



Páginas: 70
Nome da Peça: Adorno de cabeça Bansonyi
Materiais: Madeira policromada e metal



Páginas: 75
Nome da Peça: Máscara Facial Anok
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 76
Nome da Peça: Escultura
A-Bamp
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 83
Nome da Peça: Escultura Feminina
Materiais: Madeira



Páginas: 88
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira



Páginas: 77
Nome da Peça: Escultura
A-Bamp
Materiais: Madeira



Páginas: 84
Nome da Peça: Escultura Feminina
Materiais: Madeira



Páginas: 89
Nome da Peça: Escultura Masculina
Materiais: Madeira



Páginas: 78
Nome da Peça: Escultura
A-Bamp
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 85
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira, tecido, metal,
fibra animal, penugem



Páginas: 90
Nome da Peça: Máscara Capacete
Materiais: Madeira e metal



Páginas: 80
Nome da Peça: Adorno
de cabeça Gn'opara
Materiais: Madeira policromada,
chifres, pelo de animal e pedras



Páginas: 86
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira e tecido



Páginas: 92
Nome da Peça: Máscara
Facial Ntomo
Materiais: Madeira



Páginas: 82
Nome da Peça: Escultura Feminina
Materiais: Madeira



Páginas: 87
Nome da Peça: Escultura
Feminina com Criança
Materiais: Madeira



Páginas: 93
Nome da Peça: Máscara
topo de cabeça Tyi wara
Materiais: Madeira



Páginas: 94
Nome da Peça: Máscara
topo de cabeça Tyi wara
Materiais: Madeira e ferro



Páginas: 99
Nome da Peça: Escultura feminina
Materiais: Madeira



Páginas: 104
Nome da Peça: Adorno de cabeça
Materiais: Madeira



Páginas: 95
Nome da Peça: Máscara
topo de cabeça Tyi wara
Materiais: Madeira



Páginas: 100
Nome da Peça: Máscara
Facial Satimbé
Materiais: Madeira



Páginas: 106
Nome da Peça: Escultura de cabeça
possivelmente masculina
Materiais: Cerâmica



Páginas: 96
Nome da Peça: Escultura
feminina com criança
Materiais: Madeira



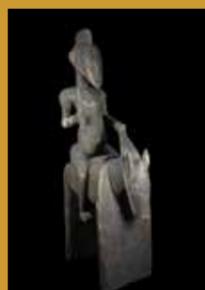
Páginas: 101
Nome da Peça: Máscara
Facial Satimbé
Materiais: Madeira



Páginas: 107
Nome da Peça: Escultura Feminina
Materiais: Madeira



Páginas: 97
Nome da Peça: Porta de Celeiro
Materiais: Madeira com
diferentes entalhes



Páginas: 102
Nome da Peça: Escultura homem
sob o cavalo
Materiais: Madeira



Páginas: 108
Nome da Peça: Escultura Olumeye
Materiais: Madeira com policromia



Páginas: 98
Nome da Peça: Escultura feminina
Materiais: Madeira



Páginas: 103
Nome da Peça: Máscara Facial
Materiais: Madeira e metal



Páginas: 109
Nome da Peça: Máscara de topo
de cabeça Gueledé
Materiais: Madeira com policromia



Páginas: 110
Nome da Peça: Máscara de topo de cabeça Lagalagana
Materiais: Madeira



Páginas: 115
Nome da Peça: Escultura Nkisi
Materiais: Madeira, tecido e objetos minerais (búzios)



Páginas: 121
Nome da Peça: Escultura Nomoli
Materiais: Pedra



Páginas: 112
Nome da Peça: Escultura Mboko
Materiais: Madeira sem emendas



Páginas: 117
Nome da Peça: Escultura Nomoli
Materiais: Madeira policromada



Páginas: 123
Nome da Peça: Escultura Hipopótamo
Materiais: Possivelmente em madeira



Páginas: 113
Nome da Peça: Escultura Nkisi
Materiais: Madeira



Páginas: 118
Nome da Peça: Máscara de topo de cabeça Soweï
Materiais: Madeira



Páginas: 114
Nome da Peça: Escultura Nkisi Nkondi
Materiais: Escultura em madeira com detalhes em vidro (abdômen) e ferro (pregos) aparenta ter material orgânico no interior do abdômen e, no dorso, pelos de animais e sementes. Lança em madeira que se encaixa na mão direita da escultura



Páginas: 119
Nome da Peça: Escultura Nomoli
Materiais: Pedra

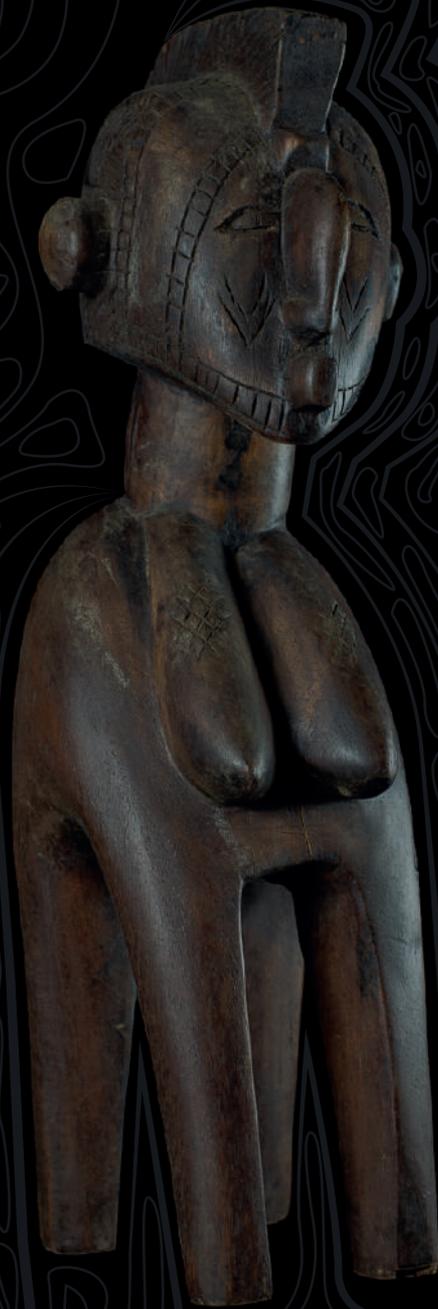


Páginas: 120
Nome da Peça: Escultura Nomoli
Materiais: Pedra

Título	Cultura material africana: primeiro catálogo do Acervo de Arte Africana do Museu da Abolição
Organização	Isabelle de Oliveira Ferreira, Sandir Barros Costa e Wellington Ricardo da Silva
Formato	E-book (PDF)
Tipografia	Myriad Pro (texto) e The bold Font e Poppins (títulos)
Desenvolvimento	Editora UFPE



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife-PE
CEP: 50740-530 | Fone: (81) 2126.8397
E-mail: editora@ufpe.br | Site: www.editora.ufpe.br



FUNDO PERNAMBUCANO
DE INCENTIVO A CULTURA
FUNCULTURA



Secretaria de
Cultura



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.